

PRATA
QUE
VALE
OURO

A CASA MODERNA DA DÉCADA DE 60

MARJORIE GARCIA



PRATA QUE VALE OURO: A casa moderna da década de 60

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientação: Profa. Dra. Alcília Afonso de Albuquerque e Melo

Orientanda: Marjorie Jordana Garcia Fernandes

Campina Grande
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG)
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS (CTRN)
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL (UAEC)
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO (CAU)

PRATA QUE VALE OURO: A casa moderna da década de 60

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Marjorie Jordana Garcia Fernandes

Orientação: Profa. Dra. Alcília Afonso de Albuquerque e Melo

Avaliador Interno: Kainara Lira dos Anjos

Avaliador Externo: Raphael Albuquerque dos Santos



"A morte atinge tanto as obras quanto os seres. Quem fará a discriminação entre aquilo que deve ou não substituir ou aquilo que deve desaparecer? O espírito da cidade formou-se no decorrer dos anos; simples construções adquiriram um valor eterno na medida em que simbolizam a alma coletiva; constituem o arcabouço de uma tradição que, sem querer limitar a amplitude dos progressos futuros, condiciona a formação do indivíduo, assim como o clima, a região, a raça, o costume. Por ser uma pequena pátria, a cidade comporta um valor moral que pesa e que lhe está indissolivelmente ligado."

(CARTA DE ATENAS, 1933)



Dedico esta realização ao meu querido vovô Afonso Garcia (in memoriam), pelo exemplo que em vida me deu, por sua sabedoria, por todo amor e carinho a mim dedicados, por ter contribuído diretamente com minha formação e por ser um dos responsáveis por tudo que sou e ainda serei.

AGRADECIMENTOS

“Porque assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos. ” (Isaías 55:9)

Chegada a hora de fazer conhecida a gratidão que permeia minha alma, adianto que muito ainda é sonhado. Contudo, serei eternamente grata pelo sonho que se fez realidade, por vezes árdua, nos últimos cinco anos. Acredito que desejos e sonhos profissionais e/ou pessoais tornam-se possíveis e reais, se edificados sob fundações sólidas: fé em Deus - todas as atividades criativas se realizam mediante inspiração divina - e família – o homem percorre o mundo inteiro atrás do que precisa, mas retorna para casa e assim pode encontrar.

Esta é sem dúvida uma realização. No entanto, muitos foram os dias de fracasso, e somente os suportei porque Deus esteve comigo. Viver longe daqueles que amo, foi sem dúvida o exercício mais difícil. Providencialmente, encontrei bons

amigos no decorrer deste caminho. Sem querer falhar com estes, gostaria de externar aqui meus agradecimentos:

A Deus, que com Seu amor iluminou toda minha vida, dando-me discernimento para conhece-Lo, sede para busca-Lo e esperança para realizar tudo que vem sendo sonhado no Alto para mim;

A minha mãe, Senhora Aparecida, porque me elegeu como filha, guardando-me sob manto sagrado nos dias frios de desânimo;

Ao Espírito Santo, que me concedeu os dons da inteligência e sabedoria, tão necessários nesta fase de minha vida;

Aos meus pais, Jorismar e Meiriane, que com carinho e afeto colocaram meus sonhos a frente dos seus. Muito

obrigada pelo investimento financeiro, mas principalmente por todo amor que me fez passar o confiante para conquistar pequenos, mas significantes espaços;

Aos meus irmãos, Malcolm e Afonso Neto, por me alegrarem e pela companhia que nunca me deixou ser sozinha;

Aos meus avós, Afonso (in memoriam) e Bárbara, que de maneira doce transmitiram os princípios que me sustentaram até aqui e estes só me trouxeram consequências felizes;

Aos tios, Lucicleide, Luciana e Flávio Júnior, que me receberam quando recém-chegada a Campina, pela acolhida que acalmou meu coração diante das adversidades de ser adulta;

Aos avós José Maria (in memoriam) e Maria Eterna, bem como os tios paternos, que torceram à distância, mas fizeram valer os momentos em que estiveram presentes, e assim renovaram meu ânimo;

A Hildebrando Júnior, por compartilhar do desejo de voar cada vez mais alto, mas sobretudo o de ser ninho. Seu companheirismo e cuidado foram essenciais;

A minha orientadora Alcilia Afonso,

carinhosamente chamada de Kaki, por ter me descoberto como pesquisadora e impulsionar meu desejo de ser útil. Por ter acreditado e confiado no meu trabalho, pela paciência e dedicação, e por ser minha amiga.

Ao corpo docente e demais funcionários da UFCG, que com empenho possibilitaram o estudo adequado;

Aos amigos Jéssica Melo, Igor Michel, Hugo Dantas, Carine Ayanne, Raíza Andrade, Ginna Dantas e Amanda Carvalho, porque nos últimos anos uniram forças às minhas, tornaram esta jornada suportável, e contribuíram com mais este trabalho;

Aos colegas pesquisadores do GRUPAL e demais alunos do curso, que tanto contribuíram intelectualmente e tecnicamente com esta pesquisa, por me ensinarem sobre trabalho coletivo;

Aos proprietários dos imóveis estudados, que abriram suas portas para uma desconhecida e me deixaram conhecer suas histórias, bem como aos funcionários de todos os lugares pelos quais passei, gratidão pela confiança;

A cidade de Campina e sua gente, porque foi aqui que me fiz igualmente grande!

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo seis edificações residenciais construídas no bairro da Prata, na cidade de Campina Grande, durante a década de 1960, e que adotaram como linguagem os princípios projetuais da Arquitetura Moderna. O bairro tomado como estudo de caso, está situado no entorno do Centro da cidade, e atua como protagonista no cenário moderno urbano e arquitetônico, devido à instalação de equipamentos e residências que simbolizaram a ascensão econômica campinense decorrente da intensificação do desenvolvimento industrial. A investigação tem como objetivo analisar os princípios projetuais dos objetos estudados, investigando como o repertório arquitetônico moderno foi reproduzido ou alterado nestes exemplares. Assim, este trabalho pretende contribuir com o resgate da arquitetura residencial moderna campinense, estudando e divulgando este acervo, abrindo caminho para proposições de medidas preventivas. Logo, se justifica devido este acervo auxiliar no entendimento da história de Campina Grande, especialmente as necessidades e valores da sociedade campinense nos anos 60, para que esta produção possa ser valorizada enquanto importante documento edificado. Sendo resultado de pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar/ GRUPAL, vinculado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande/ UFCG, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/ CNPq, através da linha HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA CIDADE MODERNA FORM CG, este trabalho apoia-se no projeto de pesquisa do Programa de Iniciação Científica (PIBIC), intitulado "Prata Moderna. Estudos sobre a produção arquitetônica moderna no bairro da Prata. Campina Grande. Paraíba", desenvolvido pela autora em seu último ano de graduação. Duas linhas metodológicas regem este trabalho: 1) histórica; 2) arquitetônica e urbanística. A primeira voltada para a pesquisa histórica trabalha coletando dados em fontes primárias e secundárias, de acordo com o que foi proposto por SERRA (2006), que caracteriza processos e sistemas na elaboração de pesquisas científicas em Arquitetura e Urbanismo. Além desta abordagem metodológica, a pesquisa trabalhou também com a análise de objetos arquitetônicos, adotando o método de AFONSO (2017) e GASTON e ROVIRA (2007), que parte do estudo gráfico projetual, para melhor compreensão dos objetos em estudo, seguindo pautas de investigação que analisam as dimensões histórica, espacial, tectônica, funcional, e formal, além de analisar a conservação física e legal dos imóveis.

Palavras-chave: cidade moderna, arquitetura moderna, patrimônio moderno, preservação e conservação.

ABSTRACT

The present work has six residential buildings built in Prata's district as object of study. The buildings are located in the city of Campina Grande-PB and were constructed during the decade of 1960. Representing the principles of the Modern Architecture. Prata neighborhood, taken as a case study, is situated in the surroundings of the city center, and acts as protagonist in the modern architecture and urban scenario, due to the installation of equipment and homes that symbolized the Campina's economic rise resulting from the intensification of industrial development. The objective of the investigation is to analyze the design principles of the objects studied, investigating how the modern architecture repertoire was reproduced or altered in these subjects. Thus, this work intends to contribute with the rescue of the modern residential architecture of Campina Grande, studying and divulging this collection, opening the way for propositions of preventive measures. Therefore, it is justified due to this collection of buildings serving as a way to understand the history of Campina Grande, especially the needs and values of Campina Grande's society in the 60's, in a way that this production can be valued as an important exemplary group. This study is a result of a research by the Architecture and Place Research Group / GRUPAL, linked to the Architecture and Urbanism course of the Federal University of Campina Grande / UFCG, registered in the National Council of Scientific and Technological Development / CNPq, through the HISTORY OF ARCHITECTURE E OF THE MODERN CITY FORM CG, this work is based on the research project of the Scientific Initiation Program (PIBIC), entitled "Modern Silver. Studies on modern architectural production in the Prata neighborhood. Campina Grande. Paraíba ", developed by the author in her last year of graduation. Two methodological lines command this work: 1) historical; 2) architectural and urban planning. The first one focused on historical research works collecting data in primary and secondary sources, according to what was proposed by SERRA (2006), which characterizes processes and systems in the elaboration of scientific research in Architecture and Urbanism. Besides this methodological approach, the research also worked with the analysis of architectural objects, adopting the method of AFONSO (2017) and GASTON and ROVIRA (2007), that start from the graphic design study to better understand the objects under study, following research's guidelines that analyze the historical, spatial, tectonic, functional, and formal dimensions, as well as analyzing the physical and legal conservation of real estate.

Keywords: modern city, modern architecture, modern heritage, preservation and conservation.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 01: Esquema metodológico segundo conceitos de SERRA (2006) aplicados à investigação.

Imagem 02: Av. Floriano Peixoto nos anos 30 antes das reformas de wanderley.

Imagem 03: Av. Floriano Peixoto, 1942.

Imagem 04: Localização geográfica do Brasil, estado da Paraíba, cidade de Campina Grande e do bairro Prata

Imagem 05: Loteamentos do bairro

Imagem 06: Loteamento Raimundo Viana registrado em 04 de julho de 1953

Imagem 07: Bairro da Prata na década de 60

Imagem 08: Mapeamento dos objetos de estudo por ordem cronológica

Residência Manoel Damião

Imagem 01 (vinheta): Detalhe construtivo da Residência Manoel Damião.

Imagem 02: Localização da Residência Manoel Damião no bairro Prata.

Imagem 03: Locação e cobertura da Residência Manoel Damião.

Imagem 04: Planta baixa do pavimento térreo.

Imagem 05: Planta baixa pavimento superior.

Imagem 06: Corte AB.

Imagem 07: Pannel em azulejo pintado à mão.

Imagem 08: Peles em cobogós de louça na cor amarelo e venezianas em madeira na cor cinza.

Imagem 09: Pilar externo em concreto.

Imagem 10: Divisórias internas.

Imagem 11: Materialidade da escada íntima.

Imagem 12: Revestimento cerâmico do piso no alpendre superior.

Imagem 13: Materiais aplicados à escada externa.

Imagem 14: Revestimento pétreo do muro de arrimo.

Imagem 15: Texturas do banheiro.

Imagem 16: Contraste das texturas dos pisos da residência.

Imagem 17: Revestimento cerâmico da platibanda.

Imagem 18: Revestimento externo do tipo tijolinho.

Imagem 19: Escada externa. Foto: Igor Michel, 2018.

Imagem 20: Detalhe do corrimão da escada externa.

Imagem 21: Mobiliários em madeira da sala de estar.

Imagem 22: Detalhes dos adornos do mobiliário.

Imagem 23: Escultura em pedra sabão.

Imagem 24: Esquadrias externas em madeira.

Imagem 25: Esquadrias internas em madeira e vidro do tipo sanfonada e porta em madeira.

Imagem 26: Detalhe de luminária.
Imagem 27: Pia do pátio interno.
Imagem 28: Fachada do desenho original.
Imagem 29: Fachada executada.
Imagem 30: Patologias aparentes.

Residência Sebastião Pedrosa

Imagem 01: Identificação da Residência Sebastião Pedrosa.
Imagem 02: Localização da Residência Sebastião Pedrosa no bairro Prata.
Imagem 03: Localização da Residência Sebastião Pedrosa.
Imagem 04: Planta baixa do pavimento térreo.
Imagem 05: Planta baixa pavimento superior.
Imagem 06: Corte AA.
Imagem 07: Corte BB.
Imagem 08: Corte CC.
Imagem 09: Perspectiva atual.
Imagem 10: Volume da intervenção.
Imagem 11: Relação entre volumes.
Imagem 12: Vedação dos pilotis.
Imagem 13: Sala de espera substituindo o alpendre externo.
Imagem 14: Escada interna após reforma.
Imagem 15: Antigo pátio interno vedado.
Imagem 16: Sala de coleta substituindo copa e cozinha.
Imagem 17: Circulação que interliga volumes.
Imagem 18: Perspectiva original.

Residência João Felinto

Imagem 01: Fachada principal da Residência João Felinto.
Imagem 02: Localização da Residência João Felinto no bairro Prata.
Imagem 03: Localização da Residência João Felinto.
Imagem 04: Coberta da Residência João Felinto.
Imagem 05: Planta baixa do pavimento térreo.
Imagem 06: Planta baixa pavimento superior.
Imagem 07: Corte AB.
Imagem 08: Corte CD.
Imagem 09: Fachada lateral direita.
Imagem 10: Fachada lateral esquerda.
Imagem 11: Peles da fachada principal.
Imagem 12: Peles da fachada lateral.
Imagem 13: Pátio interno.
Imagem 14: Contraste de vedações em vidro e painel em madeira.
Imagem 15: Textura de piso.
Imagem 16: Revestimento cerâmico parede externa.
Imagem 17: Azulejo nas paredes do pátio interno.
Imagem 18: Detalhes da escada externa.
Imagem 19: Mobiliário em madeira.
Imagem 20: Sala de jantar.
Imagem 21: Detalhe esquadria em madeira e vidro.

Imagem 22: Detalhes esquadria em alumínio e vidro.

Imagem 23: Detalhe da pérgola em madeira e contraste de pisos.

Imagem 24: Fachada frontal.

Residência José Torreão

Imagem 01: Fachada principal da Residência José Torreão.

Imagem 02: Localização da Residência José Torreão no bairro Prata.

Imagem 03: Localização e cobertura da Residência José Torreão.

Imagem 04: Planta baixa do pavimento térreo.

Imagem 05: Planta baixa pavimento porão.

Imagem 06: Corte AB.

Imagem 07: Corte EF.

Imagem 08: Pátina nas peles externas.

Imagem 09: Parede cega revestida por pedra apoia pérgola externa em concreto.

Imagem 10: Esquadrias em venezianas de madeira e vidro.

Imagem 11: Integração com exterior por meio de esquadria em alumínio e vidro.

Imagem 12: Revestimento pétreo em paredes externas.

Imagem 13: Granilite no piso da cozinha.

Imagem 14: Ladrilho hexagonal no piso da garagem.

Imagem 15: Ladrilho hexagonal caminho externo.

Imagem 16: Escada interna em granilite.

Imagem 17: Escada externa.

Imagem 18: Porta do ambiente de serviço / loja.

Imagem 19: Mobiliários em madeira e peles internas.

Imagem 20: Detalhes de luminária pendente na sala de estar.

Imagem 21: Fachada frontal.

Residência Germiniano Crispim

Imagem 01: Fachada principal da Residência Germiniano Crispim.

Imagem 02: Localização da Residência Germiniano Crispim no bairro Prata.

Imagem 03: Localização e cobertura da Residência Germiniano Crispim.

Imagem 04: Planta baixa do pavimento térreo.

Imagem 05: Corte.

Imagem 06: Fachada frontal.

Imagem 07: Fachada lateral.

Imagem 08: Peles externas.

Imagem 09: Contraste de peles e texturas do alpendre.

Imagem 10: Revestimento pétreo em mármore claro no banheiro da suíte.

Imagem 11: Ladrilhos no piso da cozinha.

Imagem 12: Detalhes esquadrias da sala de estar.

Imagem 13: Alteração de esquadria na fachada lateral durante execução.

Imagem 14: Detalhe de esquadria em madeira e vidro.

Imagem 15: Esquadria da cozinha.

Imagem 16: Padrões diversos de esquadrias.

Imagem 17: Detalhe de pérgola em concreto.

Imagem 18: Detalhes construtivos e de revestimentos externos.

Imagem 19: Luminária.

Imagem 20: Redesenho da perspectiva original.

Residência José Augusto

Imagem 01: Fachada frontal da Residência José Augusto de Almeida.

Imagem 02: Localização da Residência José Augusto de Almeida no bairro Prata.

Imagem 03: Locação e cobertura da Residência José Augusto de Almeida.

Imagem 04: Planta baixa do pavimento térreo.

Imagem 05: Planta baixa do pavimento superior.

Imagem 06: Corte AB.

Imagem 07: Corte CD.

Imagem 08: Foto mais antiga, acredita-se ser da década de 80.

Imagem 09: Fechamentos externos.

Imagem 10: Azulejo do tipo português na fachada frontal.

Imagem 11: Pedras aplicadas em parede do alpendre.

Imagem 12: Texturas do banheiro da suíte.

Imagem 13: Revestimento e mobiliários da cozinha.

Imagem 14: Detalhe escada externa.

Imagem 15: Detalhe de luminária.

Imagem 16: Detalhes de esquadria em madeira, gradis em ferro e revestimentos.

Imagem 17: Fachada principal.

Resultados

Imagem 01: Comparação entre formas de ocupação a partir das plantas de cobertura

Imagem 02: Fachada da Residência Manoel Damião.

Imagem 03: Fachada da Residência José Augusto.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Síntese do guia proposto por GASTON e ROVIRA (2007)

Quadro 02: Síntese de informações a respeito dos objetos estudados

ÍNDICE

20 **INTRODUÇÃO**

3

68 **AS RESIDÊNCIAS MODERNAS NA PRATA**

- 72 3.1 Residência Manoel Damião
- 100 3.2 Residência Sebastião Pedrosa
- 122 3.3 Residência João Felinto
- 144 3.4 Residência José de Almeida Torreão
- 164 3.5 Residência Germiniano Crispim
- 182 3.6 Residência José Augusto

4

202 **RESULTADOS**

1

30 APORTE TEÓRICO

32 1.1 Cidade Moderna

34 1.2 Casa Moderna:
Objeto da Investigação

40 1.3 Modernidade na Contemporaneidade:
Por que conservar?

5

216 CONSIDERAÇÕES FINAIS

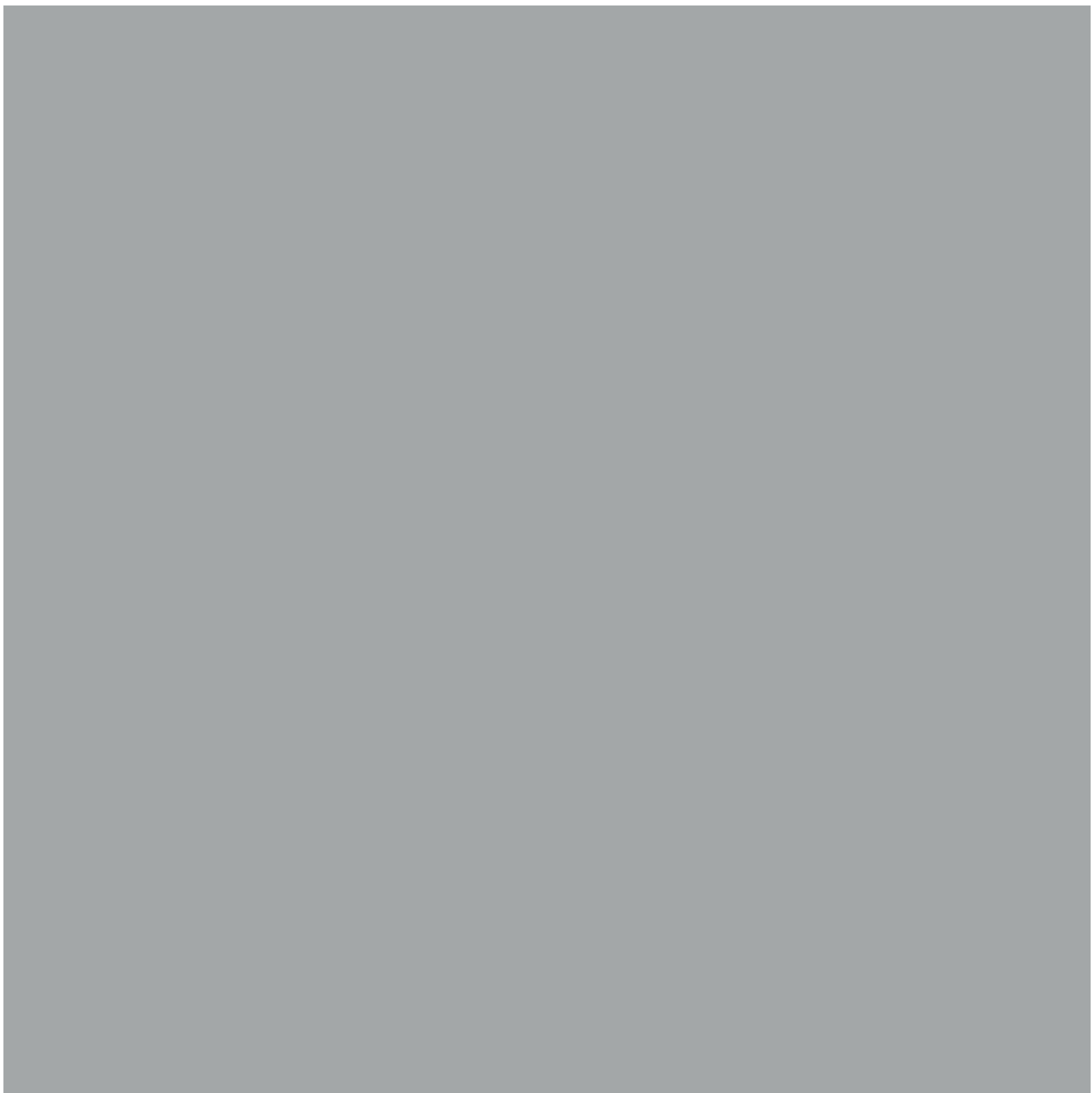
2

48 CONTEXTO

50 2.1 Modernização em Campina Grande

57 2.2 Prata Moderna

220 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



INTRODUÇÃO

Este é um estudo sobre um conjunto de seis residências localizadas no bairro da Prata, na cidade de Campina Grande, que adotaram como linguagem os princípios projetuais da Arquitetura Moderna.

O trabalho tem como objetivo geral analisar os critérios projetuais de edificações residenciais produzidas nos anos 60 do século XX, investigando como o repertório arquitetônico moderno foi reproduzido ou alterado nestes exemplares.

Como objetivos específicos:

- Investigar a produção, observando as dimensões histórica, espacial, tectônica, funcional, e formal da mesma, bem como as alterações de suas características;
- Caracterizar a linguagem moderna campinense, estudando as soluções técnico-construtivas adotadas por seus autores;
- Analisar a conservação dos objetos arquitetônicos estudados;

Assim, visando responder questionamentos como: Qual a relevância deste acervo para a cidade de Campina Grande? Por que o mesmo merece ser preservado? Como a linguagem moderna aparece nessas obras? Pretende-se, compreender o contexto de surgimento desse patrimônio, bem como o contexto atual e seu risco eminente, colaborando com a sensibilização, buscando fornecer subsídios para reconhecimento deste acervo enquanto patrimônio pela população em geral, assim como sua inserção na listagem de bens culturais campinenses, contribuindo, portanto, para a historiografia e sustentabilidade urbana.

Como justificativa, este trabalho pretende contribuir com o resgate da arquitetura residencial moderna campinense, estudando e divulgando este acervo, abrindo caminho para proposições de medidas preventivas. Pretende-se aprofundar os estudos realizando simultaneamente reflexões

históricas e arquitetônicas, além de levantar discussões teóricas que envolvem essas obras, seus temas críticos, os discursos e narrativas de seus momentos históricos como também a repercussão dos debates contemporâneos acerca da preservação do patrimônio arquitetônico e cultural.

Posteriormente, busca-se influenciar na adoção e melhoria das soluções técnico-construtivas empregadas na modernidade e que devem ser resgatadas e reutilizadas pelos novos profissionais que desconhecem a potencialidade dos recursos empregados nesta produção, cooperando assim, para intervenções compatíveis com a condição de patrimônio, aliadas a conservação de soluções construtivas e materiais (tectônica).

Logo, o estudo deste acervo auxilia no entendimento da história de Campina Grande, especialmente as necessidades e valores da sociedade campinense nos anos 60, que alcançava ascensão econômica decorrente do desenvolvimento industrial, e coopera para que esta produção possa ser valorizada enquanto importante documento edificado.

Outro aspecto importante é o ineditismo dessa investigação, que embora possa ter sido iniciada de maneira documental por outros autores (FREIRE, 2007), é agora analisada arquitetonicamente, para ter seus princípios e diretrizes projetuais extraídos, auxiliando na caracterização da arquitetura moderna campinense. Logo, uma nova contribuição será dada para historiografia do tema.

Sendo resultado de pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar/ GRUPAL, vinculado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande/ UFCG, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/ CNPq,

através da linha HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA CIDADE MODERNA FORM CG, esta investigação dá continuidade às pesquisas que estudaram os precursores da arquitetura moderna em Campina Grande, quando foi possível constatar que parte significativa do acervo residencial moderno está localizado no bairro da Prata.

Mais especificamente, este trabalho apoia-se no projeto de pesquisa do Programa de Iniciação Científica (PIBIC), intitulado "Prata Moderna. Estudos sobre a produção arquitetônica moderna no bairro da Prata. Campina Grande. Paraíba", desenvolvido pela autora em seu último ano de graduação.

Referenciando-se a Carta de Leipzig¹, conclui-se a justificativa para este trabalho:

Os espaços públicos, as paisagens culturais urbanas, a arquitetura e o urbanismo têm um papel determinante nas condições de vida das populações urbanas. Há que preservar os edifícios históricos, os espaços públicos e o valor urbanístico e arquitetural que eles representam. A criação e preservação de espaços, equipamentos e serviços urbanos funcionais e bem concebidos é uma tarefa que deve ser arrostada conjuntamente pelas autoridades nacionais, regionais e locais, mas também pelos cidadãos e pelas empresas. (CARTA DE LEIPZIG, 2007)

1. Carta de Leipzig foi adotada na reunião informal dos Ministros responsáveis pelo Desenvolvimento Urbano e Coesão Territorial, em 24 e 25 de maio de 2007, que aconteceu em Leipzig, Alemanha. A citação encontra-se no item que trata especificamente da "Criação e preservação de espaços públicos de qualidade".

METODOLOGIA

Duas linhas metodológicas foram seguidas, sendo a primeira delas um trabalho teórico de pesquisa arquitetônica, com caráter mais descritivo e interpretativo, que compreende a coleta de dados primários e secundários, baseando-se em SERRA (2006) que descreve processo como “modo como se sucedem os estados diferentes do sistema no tempo” (SERRA, 2006, p. 72) e sistema como “um conjunto de objetos, entendido como uma totalidade de eventos, pessoas ou ideias que interagem uns com os outros.” (SERRA, 2006, p. 70)

Na primeira fase desta investigação, o contexto de surgimento do acervo estudado e o contexto atual foram investigados, e com eles as mudanças que o bairro da Prata tem atravessado, refletidas diretamente na conservação da produção arquitetônica moderna, caracterizando assim o processo. Enquanto que por sistema, entende-se todos os condicionantes do processo, logo, a realidade do lugar, econômica, cultural, política, são alguns dos elementos que envolvem o sistema estudado.

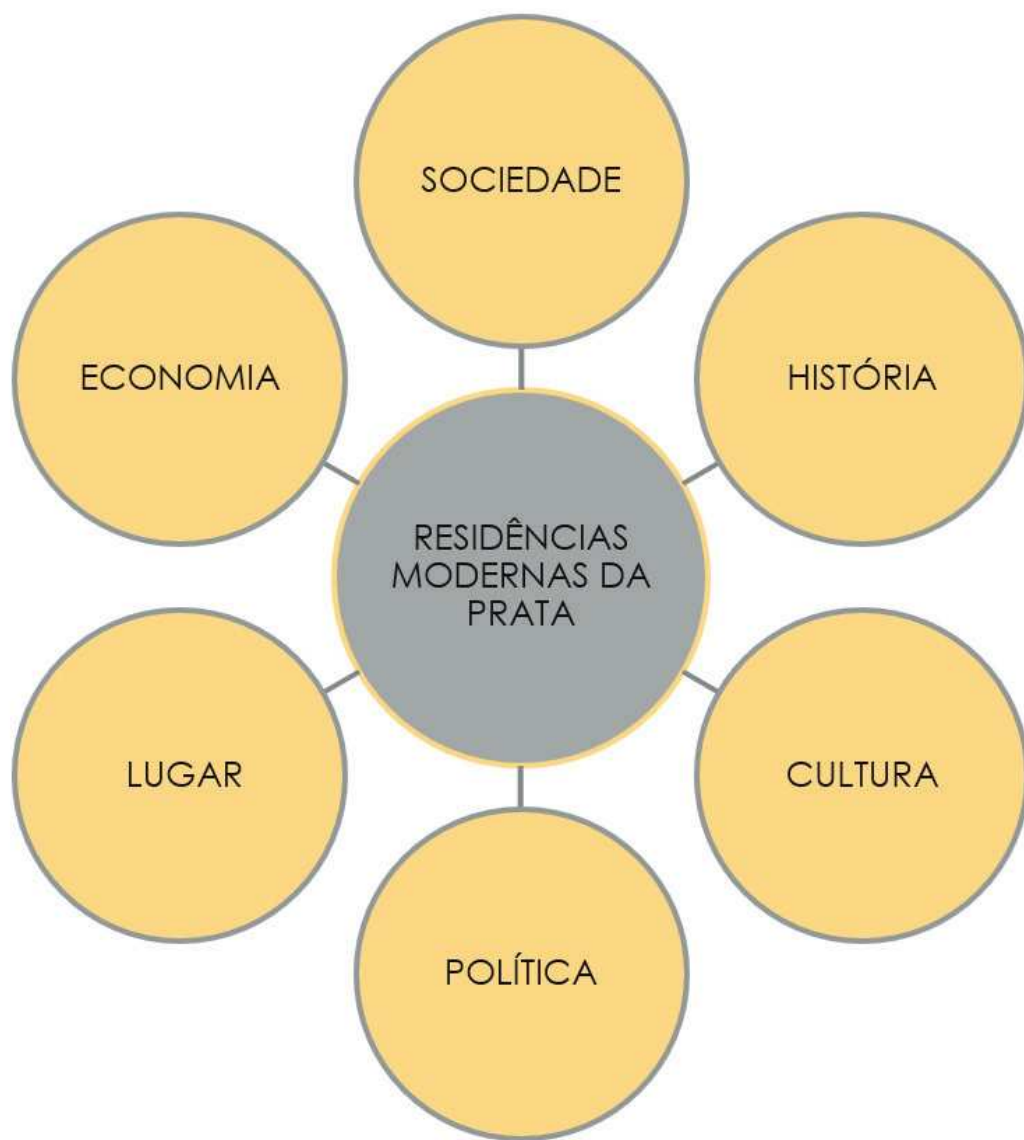


Imagem 01: Esquema metodológico segundo conceitos de SERRA (2006) aplicados à investigação.
Fonte: Elaborado por Marjorie Garcia, 2017

Quanto à segunda linha metodológica, que utilizou métodos de análise de objetos arquitetônicos, esteve baseada na metodologia proposta por AFONSO (2017), muito trabalhada pelo GRUPAL (Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar), que propõe como procedimento o trabalho com cinco dimensões da arquitetura: histórica, espacial, tectônica funcional, e formal. Assim, procurou-se investigar cada objeto arquitetônico isoladamente, bem como sua relação com os distintos condicionantes que o originaram.

1. **Dimensão histórica:** recorte temporal, histórico, cultural e social que envolve a obra e o cliente;

2. **Dimensão espacial**

2.1 Espaço Externo: lugar, entorno, implantação do edifício no terreno (recuos, acessos, topografia, vegetação), zona urbana;

2.2 Espaço Interno: solução do programa de necessidades em planta, a relação entre zonas (zoneamentos, fluxogramas), existência de pátios, jardins, varandas;

3. **Dimensão tectônica:** análise construtiva da obra (sistema estrutural, peles, materialidade, texturas e detalhes);

4. **Dimensão funcional:** tipologia de uso (uso original em contraposição com uso atual);

5. **Dimensão formal:** linguagem ou estilo adotado. Análise da volumetria e suas cinco fachadas (a quinta é a cobertura);

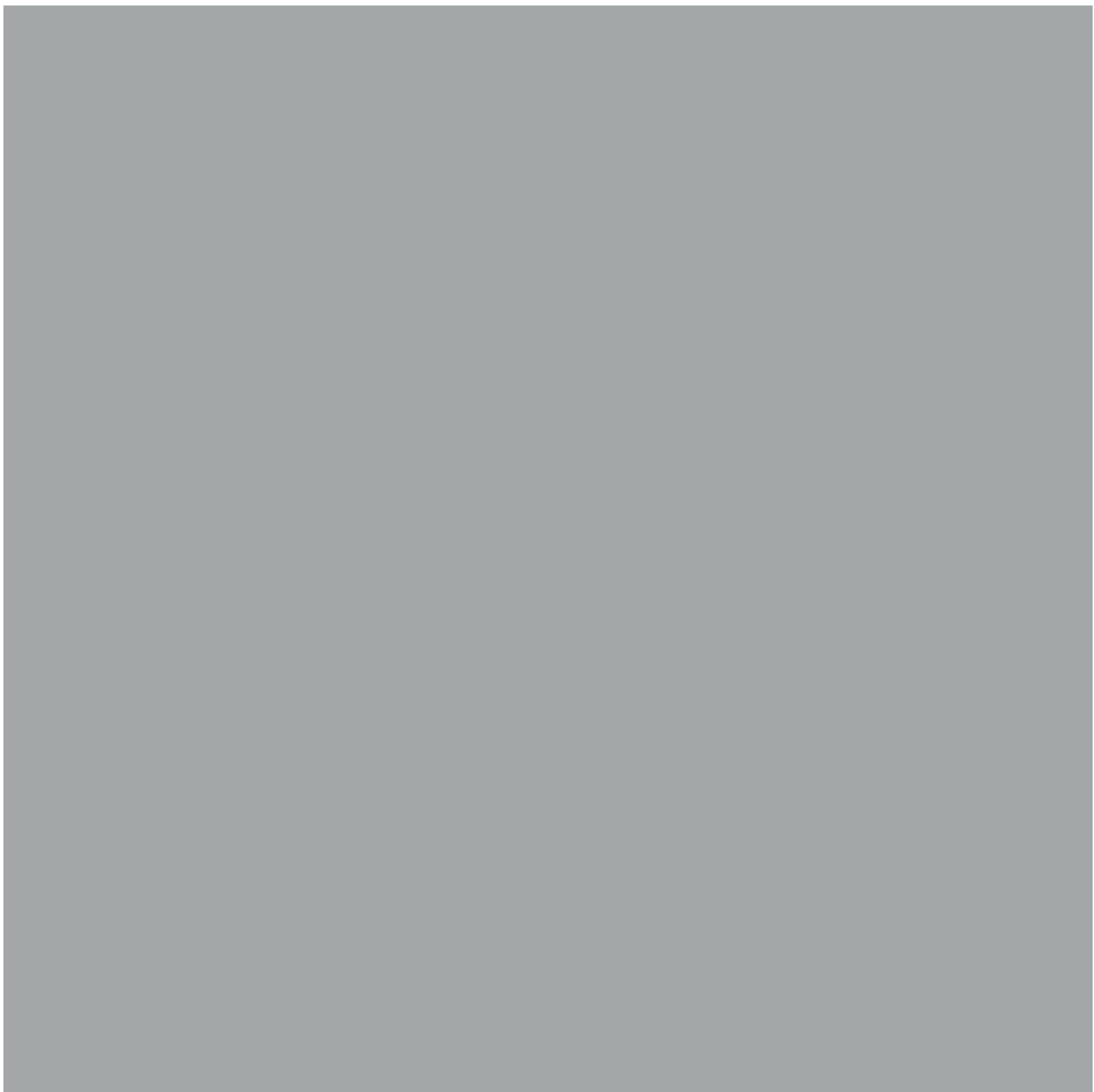
Baseando-se também em autores como GÁSTON e ROVIRA (2007), uma

bibliografia usada para maior exatidão do tema, foi desenvolvido nessa fase um estudo gráfico projetual, fazendo uso de material de projeto como plantas, cortes e fachadas, além das construções tridimensionais, para que a pesquisadora se colocasse no lugar do arquiteto da obra refazendo todo o processo de concepção. Para assim adquirir:

...una comprensión activa de la historia y avivar los mejores proyectos de la cultura moderna; acreditar la continuidad de los valores estéticos que siguen vigentes y que pueden alumbrar la práctica de la arquitectura, al restablecerlos efectivamente en relación a las posibilidades técnicas y productivas actuales. (GÁSTON e ROVIRA, 2007, p. 34)

IMPLANTAÇÃO	TERRENO	
	POSIÇÃO NA CIDADE: BAIRRO, ACESSOS, RUAS DO ENTORNO;	
	GEOMETRIA: DIMENSÕES, FORMATO;	
	CONDICIONANTES FÍSICOS: TOPOGRAFIA, VEGETAÇÃO, CONDIÇÕES CLIMÁTICAS;	
CONFIGURAÇÃO	EDIFÍCIO	
	RELAÇÃO COM O PROGRAMA FUNCIONAL: MANIFESTO OU CONTEÚDO;	
	RELAÇÃO COM A ARQUITETURA E ENTORNO: INTERIOR X EXTERIOR; EXTERIOR X INTERIOR;	
	RELAÇÃO SOLAR E TOPOGRÁFICA: ENTRADAS, SALIÊNCIAS, VARANDAS, NÍVEIS;	
	RELAÇÃO COM ESPAÇOS LIVRES: LIMITES;	
COMPONENTES CONSTRUTIVOS	SISTEMA ESTRUTURAL	FECHAMENTOS
	TIPO DE ESTRUTURA: PAREDES ESTRUTURAIS, CONCRETO ARMADO;	TIPOS DE PAREDE: OPACAS OU TRANSPARENTES;
	RELAÇÃO FORMAL: APARENTE OU OCULTO;	RELAÇÃO DO FECHAMENTO COM A ESTRUTURA: FIXAÇÃO;
	SISTEMÁTICA OU SINTOMÁTICA	FECHAMENTO SISTEMÁTICO OU SOLUÇÕES PARTICULARES: ECONOMIA DE MEIOS OU DIVERSIFICAÇÃO DE SOLUÇÕES;
	RELAÇÃO ESTRUTURA E CONFIGURAÇÃO DO EDIFÍCIO	ELEMENTOS ESPECIAIS
	COBERTURA	MOBILIÁRIO E PEÇAS EXCLUSIVAS
	EXPRESSA OU IMPLÍCITA	ESCADAS: CONFIGURAÇÃO EM PLANTA E CORTE, MATERIAIS, RELAÇÃO ESTRUTURAL, PROTEÇÕES;
	PAPEL NA CONFIGURAÇÃO DO EDIFÍCIO	ILUMINAÇÃO: NATURAL OU ARTIFICIAL;
	FECHAMENTO VISUAL E PROTEÇÃO CLIMÁTICA	PLASTICIDADE E CROMATISMO MATERIAL: TEXTURA E COR DOS MATERIAIS;

Quadro 01: Síntese do guia proposto por GASTON e ROVIRA (2007)
 Fonte: Elaborado por Marjorie Garcia, 2017



APORTE TEÓRICO 1

Visando contribuir com a construção deste trabalho, relacionou-se aqui conceitos diversos, segundo autores e organizações renomados, para assim, explanar e conceituar as palavras chave utilizadas: cidade moderna, arquitetura moderna, patrimônio moderno, preservação e conservação.

1.1 Cidade moderna

De acordo com o que foi colocado por GOITIA² (2011), entende-se a cidade como o arquivo da história, pois é no espaço urbano, que se encontra edificado o patrimônio arquitetônico de uma sociedade. Logo, a memória coletiva de vários indivíduos, ou grupos, encontra-se guardada na construção de edificações, ruas, praças, “lugares de memória”.

Portanto, arquitetura e cidade são objetos de estudo indissociáveis. Quando se estuda arquitetura, trata-se também de cidade, pois é nesse palco de transformações, mutante de acordo com o tempo e contexto, que a arquitetura se faz protagonista e auxilia no entendimento da história.

Sendo assim, como bem definiu ASCHER³ (2010), modernidade não é um estado, mas um processo de transformação da sociedade. Baseando-se na mudança, buscando progresso, através do projeto, a modernização resulta da interação entre três dinâmicas socioantropológicas: a individualização, a racionalização e a diferenciação social. Tem-se a seguir, a modernização como processo contínuo, mas devido ao recorte temporal deste trabalho, serão explanadas aqui as transformações ocorridas na cidade da revolução industrial, pois estas originaram também, com maior proximidade cronológica, a Campina Grande da década de 1960.

A revolução agrícola que originou a Segunda Revolução Industrial, embora tenha aumentado a produção alimentar, acabou expulsando dos campos grandes quantidades de agricultores simultaneamente ao desenvolvimento do capitalismo industrial. O crescimento acelerado das cidades resultou em problemas diversos, e neste contexto, surge o “urbanismo moderno”, aplicando no campo da organização espacial, os princípios industriais, como meio para solucionar a mobilidade de pessoas, informações e bens.

2. GOITIA, Fernando Chueca. Breve Historia del Urbanismo. Madrid: Alianza Editorial, 2011.

3. François Ascher foi um sociólogo urbano francês. Para mais informações ler ASCHER, François. Os novos princípios do urbanismo. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

A adaptação das cidades às novas exigências de produção é feita mediante a forma de zoneamento e grandes vias de circulação, que exigem mobilização científica e técnica para aumentar a rentabilidade do “sistema bip” (transporte e armazenamento de bens, informações e pessoas). (ASCHER, 2010, p.20)

Sobre zoneamento, a Carta de Atenas⁴ (1933) coloca:

○ zoneamento é a operação feita sobre um plano de cidade com o objetivo de atribuir a cada função e a cada indivíduo seu justo lugar. Ele tem por base a discriminação necessária entre as diversas atividades humanas, cada uma das quais reclama seu espaço particular: locais de habitação, centros industriais ou comerciais, salas ou terrenos destinados a lazer. (CARTA DE ATENAS, 1933)

Assim, foi criada uma ordem de estruturas e procedimentos que visavam planejar de forma racional as cidades, ou seja, buscou-se o ordenamento, predefinição e estímulo da expansão periférica e renovação dos tecidos urbanos. As cidades conheceram, através do urbanismo, uma verdadeira revolução em relação às antigas cidades e concepções arquitetônicas-espaciais, chegando a um urbanismo baseado na racionalidade simplificadora, fazendo uso de planejamento urbano, zoneamento monofuncional, hierarquização de estruturas urbanas, adaptação à produção e ao consumo de massa em centros comerciais, zonas industriais, e circulação acelerada, além da materialização do bem-estar em equipamentos coletivos, serviços públicos e habitações sociais. (ASCHER, 2010, p. 28)

Percebe-se, portanto, uma profunda mudança na forma de conceber, produzir, utilizar e gerir, as cidades. Embora estas observações não

4. Carta de Atenas é um documento de compromisso de 1933, redigido e assinado por grandes arquitetos e urbanistas internacionais do início do século XX, entre os quais se destaca Le Corbusier. A Carta foi redigida como conclusão do Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos que aconteceu em Atenas, na Grécia, em outubro de 1931.

tenham sido aplicadas a Campina Grande, como veremos no capítulo de contextualização, a Carta de Atenas (1933) destacou:

Os valores arquitetônicos devem ser salvaguardados (edifícios isolados ou conjuntos urbanos). A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo, que se manifesta ao longo dos séculos por obras materiais, traçados ou construções que lhe conferem sua personalidade própria e dos quais emana pouco a pouco a sua alma. (CARTA DE ATENAS, 1933)

1.2 Casa moderna: objeto da investigação

Esclarecendo o conceito de arquitetura, entendida, segundo COSTA⁵ (1995), como:

... construção concebida com a intenção de ordenar e organizar plasticamente o espaço, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa... A intenção plástica que semelhante escolha subentende é precisamente o que distingue a arquitetura da simples construção. (COSTA, 1995)

Complementando que:

Por outro lado, a arquitetura depende ainda, necessariamente, da época da sua ocorrência, do meio físico e social a que pertence, da técnica decorrente dos materiais empregados e, finalmente, dos objetivos e dos recursos financeiros disponíveis para a realização da obra, ou seja, do programa proposto. (COSTA, 1995)

Intrinsicamente, tem-se a seguir a residência discutida como parte

5. COSTA, L. Considerações sobre arte contemporânea (1940). In: L. COSTA, Registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995, p. 245-258.

integrante da cidade, logo, da paisagem urbana; suas diferentes formas de ocupação; as soluções formais, espaciais e técnico-construtivas, que revelarão o pensamento da época estudada e como este se refletiu na cidade, nos espaços e na dinâmica de vida. Os projetos residenciais, embora sejam condicionados pelas necessidades diversas de cada família, revelam aspectos genéricos da época de sua construção, logo, apesar da relevância de sua autoria, nascem fundamentalmente de uma ação coletiva.

Buscando ressaltar o funcionalismo e racionalismo, o precursor da Arquitetura Moderna, entre 1920 e 1930, Le Corbusier⁶, que teve como objeto de estudo a casa, “máquina de morar”, evidenciou cinco pontos básicos desta arquitetura:

1) o uso de pilotis, para abrigo dos automóveis; 2) a planta livre possibilitada pelo uso do concreto armado, assim, a organização das paredes segue exclusivamente a funcionalidade dos ambientes; 3) as janelas em fita, que enfatizam a transparência; 4) as fachadas livres, que trabalham todas as fachadas sem hierarquia; e 5) o teto jardim, entendido como paraíso, “jardim entre muros”. (ACAYABA, 2011, p. 16)

No entanto, a diversidade dessa arquitetura, influenciada pelo Movimento Moderno, é muito vasta no Brasil. Evidente que um país de dimensões continentais, de múltiplas especificidades que variam de acordo com a região, cultura e clima, mesmo influenciado pelo estilo internacional originaria arquiteturas genuinamente suas, adaptadas às suas realidades.

Buscando explicar a adesão brasileira ao estilo internacional, BRUAND⁷ (1991) colocou:

6. Charles-Edouard Jeanneret-Gris, conhecido pelo pseudônimo de Le Corbusier, foi arquiteto, urbanista, escultor e pintor de origem suíça, que se destacou como pioneiro do Movimento Moderno e um dos principais influenciadores teóricos da arquitetura.

7. BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991. 2ª edição.

É fácil entender por que a obra de Le Corbusier encontrou terreno receptivo: difundida em grande escala em uma língua acessível, não só constituía a melhor solução para as condições materiais locais, mas também satisfazia a sensibilidade brasileira, associando um certo rigor cartesiano simplista com um entusiasmo visionário de caráter profético. (BRUAND, 1991, p.22)

BRUAND (1981) define ainda, com excelência, as características da nova arquitetura brasileira:

Predominância da arquitetura urbana, ausência de preocupações sociais, importância dos edifícios públicos, prioridade das realizações de prestígio, preocupação com a individualização e com o aparato formal, desejo de conceber uma arquitetura atual, voltada para o futuro, mas sem depreciar os valores do passado, conflito entre o revolucionário e o tradicional, entre a sedução pelo estrangeiro e o orgulho nacional. (BRUAND, 1981, p. 29)

Como bem colocou GROPIUS⁸ (1977), que a boa arquitetura deveria refletir a vida da época, exigindo conhecimento íntimo das questões biológicas, sociais, técnicas e artísticas, atreladas ao desejo de unidade resultante na obra em si.

Sempre acentuei também o outro aspecto da vida, no qual a satisfação das necessidades psíquicas é tão importante quanto a dos materiais, e no qual o propósito de uma nova concepção espacial é algo mais do que a economia estrutural e perfeição funcional. (GROPIUS, 1977, p. 26).

8. GROPIUS, W. Bauhaus: Nova arquitetura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

De acordo com AFONSO (2010), os princípios norteadores da Arquitetura Moderna adotam como pontos básicos: a arquitetura como volume e jogo

dinâmico de planos; a tendência à abstração, à simplificação; utilização de malhas geométricas estruturantes do projeto; busca de formas dinâmicas e espaços transparentes, com o predomínio da regularidade substituindo a simetria axial acadêmica e a ausência de decoração que surge de perfeição técnica.

A abstração e o racionalismo aparecem como critérios desta arquitetura, partindo ambos dos mesmos métodos redutivos da ciência clássica, ou seja, a decomposição de um sistema em seus elementos básicos, a caracterização de unidades elementares simples e a construção da complexidade a partir do simples. (MONTANER, 2002, p. 82 apud AFONSO, 2013)

Mesmo seguindo premissas estrangeiras, o Brasil conseguiu manifestar uma linguagem própria, caracterizada pelo uso e (re) apropriação de materiais e técnicas brasileiras. A diversidade é tamanha, que os princípios anteriormente citados, podem ser encontrados em marcos nacionais referenciais desta produção, como por exemplo o Complexo de Pampulha em Belo Horizonte, ou o Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, como também em apropriações mais singelas que manifestam seus anseios de modernidade em pilares, platibandas, elementos vazados, dentre outros, que enfatizam os diversos entendimentos, bem como variadas materializações do “ser moderno” nesse território vasto. (SANTOS e NERY⁹, 2007)

Logo, a busca pela modernidade no Brasil, impulsionada pelos avanços tecnológicos que favoreceram transformações no cenário arquitetônico (como a substituição do homem pela máquina, aprimoramento das técnicas construtivas que fomentaram a verticalização, a consolidação da industrialização, avanços dos meios de transporte que substituíram

9. SANTOS e NERY apud MOREIRA, Fernando Diniz (org.) *Arquitetura Moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade*. Recife: FASA, 2007, p. 241-245.

carroças por automóveis), resultou em adaptações locais, quanto às técnicas construtivas, quanto aos materiais empregados e às soluções climáticas.

A busca pela plasticidade aliada ao racionalismo também foi refletida na forma de morar. Na tipologia residencial, objeto de estudo deste trabalho, as mudanças atravessaram as fachadas, e incluíram também a diversificação de volumetrias, as articulações espaciais, a implantação e utilização de novos materiais.

Os jardins se tornaram ambientes de transição entre público e privado, ocupando o recuo frontal das casas e a garagem, nova necessidade, geralmente estava situada em um dos recuos laterais. As salas de estar se abrem para o exterior e ganham maiores dimensões. Cozinhas tonam-se mais aperfeiçoadas e funcionais. Os banheiros mais confortáveis. (BRASILEIRO¹⁰, 2015)

O porão, que durante o ecletismo (estilo que antecedeu o modernismo) tinha função de abrigar funcionários, animais e objetos, foi majoritariamente eliminado, e quando ainda usado tinha função apenas de galeria de arejamento. Os quintais e edículas erguidas aos fundos, usados para serviços de lavanderia por exemplo, passaram a abrigar também as funções antes exercidas no porão. Algumas soluções permaneceram, como a distinção da entrada social e de serviço.

Quanto ao conforto ambiental e adequação ao clima local, nota-se o desenvolvimento de artifícios para proteção solar, além da captação e cruzamento de ventos, buscando amenizar as elevadas temperaturas do Nordeste. Quanto à articulação espacial, as residências modernas, influenciadas pelo princípio corbusiano de planta livre e também pelo uso

10. BRASILEIRO apud BICALHO, Carlos Henrique (org.). Sylvio de Vasconcellos: moderno e mineiro. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, Casa do Baile, 2005, p. 84-94.

do concreto armado que o viabilizou, proporcionaram maior liberdade na configuração e disposição de cômodos.

Nas fachadas, pode-se observar a ausência de ornamentos e o uso de formas puras, geométricas e simples. Os traços são na sua maioria, ortogonais. As paredes anseiam por transparência com o uso do vidro, já que a função passa a ser apenas de fechamento e não mais estrutural. O uso de pilotis e das janelas em fita enfatiza a influência dos outros princípios de Le Corbusier. Uma inovação é verificada, no que diz respeito à setorização (resultante das funções dos ambientes): a zona íntima tornou-se independente da zona social.

A setorização e ordenação do espaço doméstico passou a absorver zonas públicas e sociais, como o escritório. Enfatiza-se, portanto, a nova forma de morar na modernidade: necessidade aliada à comodidade. Logo, surge um questionamento: a casa era mesmo uma máquina de morar?

Campina Grande, foi influenciada por estes princípios arquitetônicos em meados dos anos 50. Porém, somente nos anos 60, os arquitetos e engenheiros que trabalharam na cidade passaram a desenvolver uma expressão própria e regional, e consolidaram a linguagem moderna na arquitetura doméstica.

Fez-se uso de linhas cubísticas, quadradas, funcionais, seguindo os traços racionalistas de sintaxe corbusiana. Conforme foi publicado pelo SESC (Serviço Social do Comércio, 1964, p. 41), os “ricos” do bairro da Prata, “muitos médicos e gente de bem, moravam em casas boas, funcionais”.

[No bairro da Prata] as casas boas são geralmente luxuosas construções em estilo moderno, misto de “bungalow” com

linhas cubísticas e quadradas, de mau gosto. A evidente preocupação é o “moderno”, denominado funcional, mas que não passa de “modernoso” (SERVIÇO..., 1964, p.32 apud QUEIROZ e ROCHA, 2014)

Alguns autores locais abordaram o acervo residencial moderno de Campina Grande, e integraram o aporte teórico para este trabalho, como é o caso: do artigo de QUEIROZ E ROCHA (2007), intitulado “Caminhos da arquitetura moderna em Campina Grande: Emergência, difusão e a produção dos anos 1950”; da monografia de FREIRE (2007), intitulado “Arquitetura Moderna residencial em Campina Grande. Registros e Especulações (1960-1969)”; da monografia de MENESES (2017), intitulada “As residências unifamiliares de Geraldino Duda. Um estudo sobre o morar em Campina Grande nos anos 60.”

1.3 Modernidade na contemporaneidade: por que conservar?

A seguir, serão relacionados os conceitos de conservação, modernidade e patrimônio, para que sejam entendidas posteriormente, as transformações e riscos sofridos pela produção moderna do bairro da Prata.

A Carta de Burra¹¹ (1999) define como **conservação** “todos os processos de prestação de cuidados a um sítio (lugar, área, terreno, paisagem, edifício, grupos de edifícios) por forma a que ele retenha o seu significado cultural”. Dentro desse conceito, estariam, portanto, a preservação e manutenção. Por **preservação**, entende-se “manter a fábrica de um sítio no seu estado existente e retardar a sua deterioração.”

Enquanto que **manutenção** “significa os cuidados contínuos para a proteção da fábrica e da envolvente de um sítio, e deve ser distinguida da reparação. A reparação envolve restauro e reconstrução”. Já as definições

11. A Carta de Burra foi adaptada pelo ICOMOS da Austrália (The Australian National Committee of ICOMOS) em 19 de abril de 1979, em Burra, Austrália do Sul. Sua última revisão aconteceu em 26 de novembro de 1999.

de reconstrução e restauro são referentes a retomada de um estado anterior já conhecido, e se distinguem apenas pela introdução ou não de novos materiais, respectivamente.

Ainda, como descrito na Carta de Burra (1999), “os sítios podem ter variações de valor para indivíduos ou grupos diferentes”. Evidente que o ser humano cuida daquilo que valoriza, sendo assim, a teoria da conservação mudou nos últimos vinte anos. Em tempos passados, a conservação esteve ligada à manutenção das características físico-materiais. Agora, a conservação está intimamente associada à significância atribuída ao bem, assim como seus valores instrumentais, simbólicos e documentais.

De acordo com ZANCHETI¹² (2014) “conservação é uma atividade que se apoia em um código ético que traça diretrizes de intervenção sobre os objetos. ” Logo, existem duas formas de realizar a conservação: de maneira preventiva e informacional. A primeira delas, é feita cotidianamente como processo de manutenção, que age sobre as condições ambientais e não sobre o objeto em si. Já a segunda, é feita virtualmente, visando a identificação e armazenagem de características dos objetos em meios de informação artificiais.

O Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar / GRUPAL tem estudado e divulgado o acervo moderno campinense, contribuindo diretamente para a conservação informacional e alertando sobre a urgente necessidade da conservação preventiva. Mais do que agir sobre as condições ambientais, busca-se chamar atenção também para a necessidade de preservar este acervo de forma legal, além de incentivar a adoção de técnicas compatíveis com a condição patrimonial.

Com a finalidade de esclarecer o conceito de patrimônio, é salutar

12. ZANCHETI, Silvio Mendes. A teoria contemporânea da conservação na Arquitetura Moderna. Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada. Olinda, 2015.

esclarecer que este estará diretamente relacionado a definição de patrimônio edificado, uma vez que esta pesquisa teve como objetos de análise bens imóveis. A cartilha “Patrimônio histórico: como e por que conservar” publicada pelo CREA-SP (2008), define como patrimônio edificado: “edificações isoladas ou conjunto de edificações, que poderão ter tipologias distintas e não necessariamente antigas, mas que possuam peculiaridades culturais”.

De acordo com CHOAY¹³ (2001), a partir dos anos 60, o conceito de **patrimônio edificado** foi ampliado na Europa, atravessando uma expansão tipológica, cronológica e estilística. Sendo assim, a produção moderna junto à vernácula e à industrial, entre tantos outros exemplares, foram incluídas nessa ampliação conceitual.

Contudo, é perceptível que no Brasil essa ampliação ainda é bastante restrita, variando de acordo com os contextos sociais, econômicos, culturais. Em Campina Grande, além da negligência por parte da legislação municipal que não abarca os conjuntos arquitetônicos modernos como áreas de interesse arquitetônico e cultural, a sociedade local por vezes não atribui significado nem valores a este acervo, que outrora ganhou status de progresso, arrojo e civilidade. Atualmente, os exemplares da “arquitetura progressista”, como ficou conhecida a Arquitetura Moderna, têm sofrido descaracterizações, quando não são demolidos.

JOKILEHTO (2003) procura explicar essa dificuldade:

Acessar a significância de algo normalmente leva tempo. No caso do patrimônio moderno, a distância é ainda curta e o julgamento difícil. Ainda que nossos entornos sejam de grande parte resultantes de obras do Movimento Moderno, nós temos dificuldade em compreendê-los, pois parece que

13. CHOAY, F. A Alegoria do Patrimônio. 4ª. Ed. São Paulo: Estação Liberdade. UNESP, 2006.

estamos julgando a nós mesmos. (JOKILEHTO, 2003, p. 108-109, apud LIRA, 2012, p.30)

KUHL¹⁴ (2011, p.126) destaca que “o homem, destruindo ou degradando os monumentos históricos, deturpa e destrói a própria memória e a história. Apaga suas raízes, deforma as lições deixadas pelo passado.”

O conceito de **patrimônio cultural** evolui constantemente, em rápida expansão, estando, portanto, sujeito às mudanças. Anteriormente, nunca havia se discutido com tanto afinco instrumentos que se preocupassem com as pré-existências culturais, conforme CASTRIOTA¹⁵ (2009, p.11) colocou: “ entramos no século XXI com o patrimônio ocupando um papel central na reflexão não só sobre a cultura, mas também nas abordagens que hoje se fazem do presente e do futuro das cidades, do planejamento urbano e do próprio meio ambiente. ”

A Constituição Federal brasileira (1988) também ampliou a noção de patrimônio cultural, reconhecendo em seus artigos 215 e 216, a existência de bens culturais materiais e imateriais, além de estabelecer formas de preservação, são elas: Vigilância, Registro, Inventário e Tombamento, este instituído pelo Decreto-Lei nº 25, datado em 30 de novembro de 1937, sendo aplicável à proteção de edificações, paisagens e conjuntos históricos urbanos.

Dito isto, para aplicação destes conceitos ao **Patrimônio Moderno**, é importante esclarecer que o Movimento Moderno tinha como um de seus princípios a verdade arquitetônica, ou seja, o “fachadismo” era antagônico ao que se buscava: “forma pertinente”, quando a forma resulta da função. O exterior da edificação seria, portanto, resultado de sua organização interna que caracteriza e define a época da construção.

14. KUHL possui doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1996) e pós-doutorado em preservação a Università delgi Studi di Roma “La Sapienza”. Atualmente é Professora Associada (Profa. Dra. MS5-3, RDIDP) da Universidade de São Paulo, onde leciona desde 1998 atuando tanto na graduação quanto na pós-graduação (Área de História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, linha de pesquisa História e Preservação da Arquitetura).

15. Leonardo Barci Castriota é arquiteto-urbanista com doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutorado junto ao Getty Conservation Institute (GCI) em Los Angeles e a Universidad Politécnica de Madrid. Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais e Vice-Presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (ANINTER-SH). CASTRIOTA, L. Patrimônio Cultural – Conceitos, Políticas, Instrumentos. Annablume, 1ª edição, 2009.

Como exposto por JOKILETHO¹⁶ (2003):

Modernidade não é um estilo, mas uma abordagem cultural que penetrou todas as regiões do mundo e é expressa em uma variedade de formas. É essa pluralidade de expressões que representa nossas culturas contemporâneas e que forma nosso patrimônio recente. (JOKILETHO, 2003, p. 109)

Sendo assim, como bem definiu RIBEIRO e NÓBREGA¹⁷ (2016):

Os projetos de intervenção não podem seguir gosto pessoal, individual, precisam ser consequência da discussão de profissionais dos diversos campos do saber para que se possa formar uma fundamentação teórica consistente e se elaborar diretrizes de intervenção coerentes com esta fundamentação. (RIBEIRO e NÓBREGA, 2016, p.22)

Quanto aos princípios éticos de intervenção no patrimônio edificado, KUHL (2009, p. 59-100) descreve como imprescindível: 1) **Distinguidade**, para que o observador não seja induzido ao engano as intervenções ocorridas sobre o projeto original devem marcar seus tempos distintos; 2) **Reversibilidade**, para não alterar a obra em sua substância as intervenções posteriores devem ser respeitadas além de facilitarem futuras intervenções; 3) **Mínima intervenção**, para não desnaturalizar o documento histórico; 4) **Compatibilidade de técnicas e materiais**, fazendo uso de técnicas compatíveis e não nocivas;

No entanto, em Campina Grande, muitas casas modernas, ainda existentes no bairro da Prata, estão transformando seus usos originais residenciais em edifícios hospitalares, como clínicas, consultórios, hospitais. Os profissionais que intervêm nesses bens, ou por falta de instrução acadêmica com fulcro no respeito e diferenciação dos tipos e modos de intervenção no patrimônio

16. JOKILETHO, Jukka. Continuity and change in recente heritage. In: OERS, R.V.; HARAGUCHI, S. (Ed.) World Heritage papers, 5 Identification and documentation of modern heritage. Paris: UNESCO/WHC, 2003, p. 101-109.

17. RIBEIRO, Rosina; NÓBREGA, Claudia. Projeto e Patrimônio: Reflexões e Aplicações. Rio de Janeiro: Rio Book's, 1ª edição, 2016, p.14-31.

edificado, ou por descaso com os bens patrimoniais, lamentavelmente, têm mutilado tais edificações fazendo com que as mesmas percam totalmente o valor de autenticidade da modernidade.

Entende-se a necessidade de reusos, contudo há de se ter a sensibilidade ao se deparar com tal tipo de projeto. Sabe-se da impossibilidade do engessamento plástico formal e funcional dessa arquitetura, contudo, cabem aos arquitetos educarem seus clientes, e despertarem os mesmos para a possibilidade de se intervir, respeitando, contudo, elementos marcantes e de valor para a preservação da memória arquitetônica moderna, referente à sua dimensão tectônica, espacial e formal.

Logo, entende-se por uso compatível, aquele que respeita o significado cultural atribuído ao edifício (ou conjunto) no decorrer do tempo. Baseando-se nos últimos estudos do GRUPAL, torna-se evidente que o uso dos imóveis, mutante de acordo com o contexto sociocultural, é um fator importante para a preservação, contudo, é necessário um uso coerente com a sua configuração física.

KUHL (2011) esclarece esse pensamento:

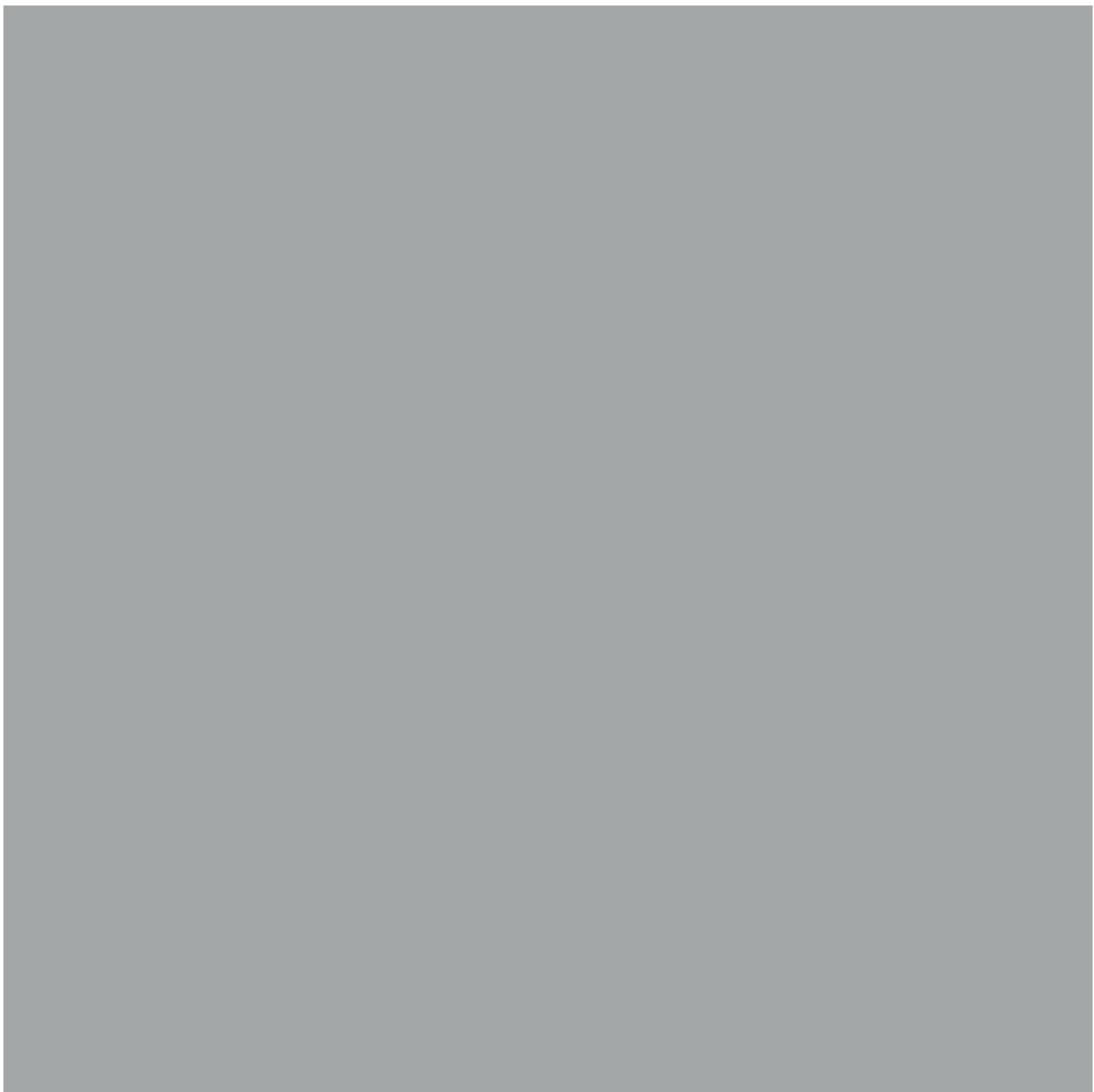
A utilização de um edifício é essencial para sua sobrevivência e deve ser condicionada por análise pormenorizada da obra (ou conjunto de obras), algo primordial para determinar usos compatíveis de modo a assegurar a preservação dos elementos caracterizadores do bem e valorizá-los. (KUHL, 2011, p. 132)

Por fim, ZANCHETI¹⁸ (2008) propõe ainda, uma discussão sobre o conceito de **conservação integrada**, como caminho a ser seguido para proteção dos acervos patrimoniais, devendo-se seguir alguns princípios, entre eles:

18. ZANCHETI, Sílvia Mendes. Conservação urbana: textos de momento. Olinda, Editora do Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada. Textos para Discussão n. 30 – Série Gestão da Conservação Urbana, 2008.

O planejamento e a gestão de áreas urbanas de interesse patrimonial devem estar integrados nos processos mais gerais de planejamento e gestão das cidades e dos territórios, dentro de uma visão multidimensional integrada (econômica, política, cultural, ambiental e físico-espacial). (ZANCHETTI, 2008)

Assim, é possível concluir que a gestão da conservação urbana integrada objetiva articular políticas urbanas com preservação dos valores patrimoniais, além do engajamento articulado entre sociedade e setores governamentais. Desse modo, o planejamento e gestão de projetos, programas e políticas, poderiam efetivar a sustentabilidade.



CONTEXTO 2

Faz-se necessário contextualizar, histórico e geograficamente a cidade de Campina Grande. Assim, a compreensão será facilitada, e o entendimento das transformações que resultaram na configuração da cidade atual, possível. Em Campina Grande, por vezes, o “progresso” esteve aliado à substituição, como veremos adiante.

2.1 Modernização de Campina Grande

Segundo GOITIA (2010) a realidade de uma cidade corresponde a uma junção de sua organização física e moral (alma coletiva), que interagem mutuamente para formação da história. Logo, a cidade é um “ser histórico”, arquivo da memória.

Quanto ao lugar, cenário da produção estudada, tem-se a cidade de Campina Grande. Possuindo em média 555 metros acima do nível do mar, com clima tropical úmido, o município abriga uma população de aproximadamente 400.000 habitantes, sendo assim, a segunda cidade mais populosa da Paraíba, ficando atrás apenas da capital João Pessoa.

Privilegiada geograficamente, por estar localizada entre o litoral e sertão paraibano, além da proximidade com capitais importantes no Nordeste, como Recife e Natal, é conhecida, atualmente, por ser uma cidade universitária e centro econômico da Borborema, além de atuar como um polo de influência de oito microrregiões. Referência em todo território nacional como oásis da ciência e tecnologia, atrai um grande número de imigrantes.

Para tanto, em 1907, o trem chegava a Campina Grande, que se expandiu radialmente, devido ao aparecimento de estradas que a ligavam ao Cariri, ao Seridó e Cabaceiras. O crescimento econômico da cidade, foi motivado pela produção algodoeira, fazendo a cidade ser conhecida até 1940 como a segunda maior exportadora de algodão do mundo, a “Liverpool brasileira”. A comercialização do “ouro branco” fez com que a cidade interiorana superasse João Pessoa, capital litorânea e político-administrativa do Estado.

Por consequência, a cidade logo caminhou em direção ao desenvolvimento industrial, tornando-se em 1949, a primeira cidade do interior do Brasil a sediar uma Federação das Indústrias, a FIEP (Federação das Indústrias do Estado da Paraíba).

Sabe-se que a Revolução Industrial provocou uma intensa expansão urbana, devido ao crescimento demográfico após o surgimento de polos industriais. A industrialização fomentou, portanto, a urbanização, já que o crescimento das cidades contribuiu diretamente para o surgimento de novos traçados urbanos.

Em Campina Grande, o surgimento de novos bairros esteve intimamente ligado ao avanço industrial. Durante a década de 40, o progresso decorrente da indústria algodoeira, resultou em transformações que tornaram a cidade mais adequada à circulação de automóveis, como a abertura e expansão de vias: Av. Floriano Peixoto, por exemplo.

Imagem 02: Av. Floriano Peixoto
nos anos 30 antes das reformas
de wanderley.
Fonte: Blog Rainha da
Borborema, acervo de Leda
Santos de Andrade



Imagem 03: Av. Floriano Peixoto,
1942.
Fonte: Retalhos Historicos de CG



Entretanto, muitas edificações acabaram sendo demolidas, como a primeira Igreja do Rosário¹⁹, e a justificativa estava baseada na “corrida modernizante”. Uma “revolução urbana”, que tentava transmitir imagens de grandeza, desenvolvimento e progresso, fez Campina Grande ser tratada na gestão de Vergniaud Wanderley, como objeto de remodelação, com mudanças feitas sob planejamento técnico.

Contudo, após a realização de algumas das indicações de Nestor de Figueredo²⁰ e do plano de George Munier²¹, no decorrer da década de 40, Campina Grande como a grande maioria das cidades, passou a crescer desordenadamente. Sem uma legislação adequada, a especulação sobre o solo e o dinheiro acabaram determinando a forma da cidade.

No decorrer da década de 1950 chegavam à Campina Grande as entusiasmadas notícias da caminhada rumo ao progresso, traçado pelo Plano de Metas, cujo responsável era o presidente Juscelino Kubitschek. Encontrava-se nos jornais fotos da construção de Brasília e manchetes que despertavam o sentimento patriótico nos seus leitores.

Influenciada por notícias como estas e movida pelas transformações que ocorriam no país, a elite de Campina Grande logo iniciou os esforços rumo ao desenvolvimento, utilizando como meio para se chegar ao progresso uma economia baseada na industrialização. A expansão dos serviços ferroviários, em 1957, quando se comemorava cinquenta anos da chegada do trem à cidade, enfatizava a necessidade de escoamento da produção industrial campinense, sendo em 1961 inaugurada a Estação Ferroviária Nova.

Somente no início dos anos 60, foi criado o Departamento de Planejamento e Urbanismo e houve uma nova tentativa de reorganização com um

19. A demolição da primeira Igreja do Rosário, situada no Centro da cidade, entre a Praça da Bandeira e o Cine Capitólio, foi determinada pelo Plano de reforma urbanística da administração de Vergniaud Wanderley, no processo de expansão da Av. Floriano Peixoto. Em 18 de outubro de 1940 foi iniciada a demolição. A construção da nova Matriz do Rosário, foi iniciada pelo monsenhor Delgado, no bairro da Prata, em terreno doado pela família de Raimundo Viana.

20. Nestor de Figueredo visitou Campina Grande na gestão de Bento de Figueiredo com a finalidade de realizar estudos e colher subsídios para elaboração de um plano de urbanismo que deveria guiar o desenvolvimento do progresso campinense, constituindo um modelo para as suas futuras realizações, usando como base os preceitos modernos do urbanismo. No entanto, nada comprova sua efetiva realização.

21. George Munier era um arquiteto francês radicado no Recife, que desenvolveu um plano de obras para cidade de Campina Grande durante a gestão de Vergniaud Wanderley.

diagnóstico para elaboração de um plano diretor físico sob comando do engenheiro Austro França²².

No âmbito econômico, o desenvolvimento industrial fazia a cidade se destacar por conseguir incentivos fiscais da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), responsáveis por atrair novas indústrias e ampliar aquelas já implantadas, além da implantação de um parque industrial. Foi nesse contexto de ascensão econômica e populacional que os serviços educacionais se expandiram e duas escolas de nível superior foram implantadas.

Logo, a interferência da SUDENE no desenvolvimento urbano campinense é notória entre os pesquisadores da geografia e história, tanto que, ALMEIDA²³ (2011) concluiu em sua pesquisa que a causa pela qual a indústria despontou em Campina Grande foi a interferência do Estado, iniciada em 1960:

22. Austro França foi diretor de obras públicas municipais.

23. ALMEIDA, Maria do Socorro Nicolly Ribeiro. Relações socioespaciais no contexto das indústrias de calçados informais de Campina Grande: Paraíba. João Pessoa: Dissertação de mestrado em Geografia. UFPB, 2011.

24. ALVES, Leonardo da Silva. A industrialização incentivada do nordeste e o caso de Campina Grande. PB. Campina Grande. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de pós graduação em desenvolvimento regional. Universidade Estadual da Paraíba, 2012.

Sob as promessas econômicas da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), a FIEP, com sede em Campina Grande, liderou um processo por distintas configurações de estímulos, o que permitiu o desenvolvimento da estrutura produtiva campinense. A SUDENE determinou a cadência de um novo crescimento urbano para Campina Grande, através do capitalismo monopolista, com a entrada de nova política industrial, o que resultou na reestruturação de Campina Grande. (ALMEIDA, 2011)

Em 1963, quando Newton Rique foi eleito prefeito de Campina Grande, sua meta era atrair grandes indústrias para a cidade (ALVES²⁴, 2012), apoiar as pequenas indústrias e fortalecer assim a estrutura econômica. Por essa razão, a Secretaria de Indústria e Comércio foi criada para

orientar empresários que desejassem se instalar na cidade. Esta gestão resultou, portanto, na inserção da cidade no cenário nacional, passando a ser reconhecida por sua boa localização, infraestrutura, mão de obra, e recursos naturais que favoreciam os novos empreendimentos.

O golpe militar de 1964, acabou por censurar e limitar as manifestações culturais. Assim, os rastros de inteligência, pensamento crítico e reflexão opostos ao regime, foram perseguidos, dificultando o desenvolvimento de diversas áreas, inclusive da arquitetura moderna brasileira.

No entanto, em Campina Grande, os projetos da construção civil não parecem ter sofrido tanto com o sistema político vigente na nação, pelo menos no âmbito residencial. Foi justamente no ano de 1964, o auge da produção residencial moderna no bairro da Prata, sendo o ano com maior número de residências registradas junto ao Departamento de Planejamento e Urbanismo da Prefeitura Municipal.

Este fato pode ser uma das consequências da intervenção do exército, que mesmo oprimindo os comportamentos políticos e manifestações culturais, passou a incentivar a concentração urbana, a necessidade de conglomerados fortes com oferta de mão de obra e serviços, que acabaram impulsionando o crescimento das cidades. Logo, se fez necessário o planejamento urbano e de infraestrutura. Esse anseio por modernização e integração nacional, acabou estimulando a construção civil e a arquitetura, e por consequência a valorização dos profissionais engenheiros e arquitetos.

Deste modo, o Governo Federal introduziu a cidade no Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI). Desenvolvido no período de 1973 a 1977, sob a gestão municipal de Evaldo Cruz, o plano tinha objetivo de

ordenar o espaço para aplicação de ações específicas, descentralizando a estrutura urbana, dividindo-a em áreas independentes para algumas funções, mas também interligadas.

Quanto aos programas e investimentos no setor físico-territorial, talvez seja relevante citar aqui a transformação do Açude Novo em Parque Evaldo Cruz, considerado limite e elemento divisor entre os bairros Centro e Prata. Em meados de 1974 ocorreu a drenagem do açude que colocava em prática o projeto para o parque que dispunha de espaços de lazer e recreação, além de um museu de arte.

OLIVEIRA²⁵ (2005) concluiu que:

O Açude Novo acha-se localizado no centro geográfico da área urbana, oferecendo um vasto espaço físico porque, urbanizado, se revestiria de maior importância devido à implantação de áreas para recreação, lazer e ao processo de recuperação urbana, imposto à cidade. (OLIVEIRA, 2005)

O plano urbanístico e paisagístico sugeria uma vasta arborização e o desenvolvimento de atividades destinadas, sobretudo, ao uso público. Desta maneira, ainda segundo OLIVEIRA (2005), as diretrizes da primeira etapa do Plano Trienal (1974-1976), que reunia metas para os setores físico, econômico, social e administrativo, seriam voltadas para o sistema viário, centro cívico, pátio da estação, avenida canal, e museu de arte.

Como é possível ver nas imagens ilustrativas do PDLI (em anexo), o espaço nobre gerado pelo açude tinha também a função de “higienizar” áreas centrais da cidade. Assim, uma nova ordem foi criada em Campina Grande: racionalização das vias, com a abertura e expansão de grandes artérias; especialização de setores urbanos, com o zoneamento por usos- centro voltado para o comércio, bairros residenciais centrais para

25. OLIVEIRA, Maria José Silva. Do discurso dos planos ao plano discurso: PDLI – Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Campina Grande 1970-1976. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Pernambuco. Mestrado em Desenvolvimento Urbano, Recife, 2005.

privilegiados, etc; novos programas arquitetônicos; suburbanização, com indústrias localizadas nas periferias, bem como a classe operária.

2.2 Prata moderna

O bairro da Prata, detentor de relevante produção arquitetônica moderna, está situado no entorno do Centro de Campina Grande, cidade localizada na região Agreste do estado da Paraíba, no nordeste brasileiro.

Surgiu num contexto de renovação da paisagem urbana, onde se buscava a redefinição de fluxos e estéticas. Fundamentado pelos conceitos do urbanismo moderno, que tem como princípio a racionalização do espaço com a separação de usos e zoneamento, o objetivo da administração pública era ordenar a desordem prevendo o crescimento da cidade.

Torna-se importante falar sobre o **Plano de Remodelação, Extensão e Embelezamento** da Cidade de Campina Grande, para que seja melhor entendido o contexto da época. De autoria do urbanista Nestor de Figueredo, segundo QUEIROZ (2016) baseado nas próprias palavras do autor, o Plano de Remodelação era composto por “plano diretor, plano de saneamento, plano de espaços verdes, detalhes dos principais centros de urbanização, perspectivas dos principais centros de edificação da cidade, projeto de uma legislação de construções, estudo de três tipos de residências econômicas e, por fim, a localização da zona proletária”.

Contudo, durante a década de 30, só foram colocadas em prática algumas medidas relacionadas aos problemas de saneamento, falta de água e insalubridade urbana. As intervenções urbanísticas campinenses, tiveram, portanto, caráter mais imediatista e compatíveis com o orçamento municipal.

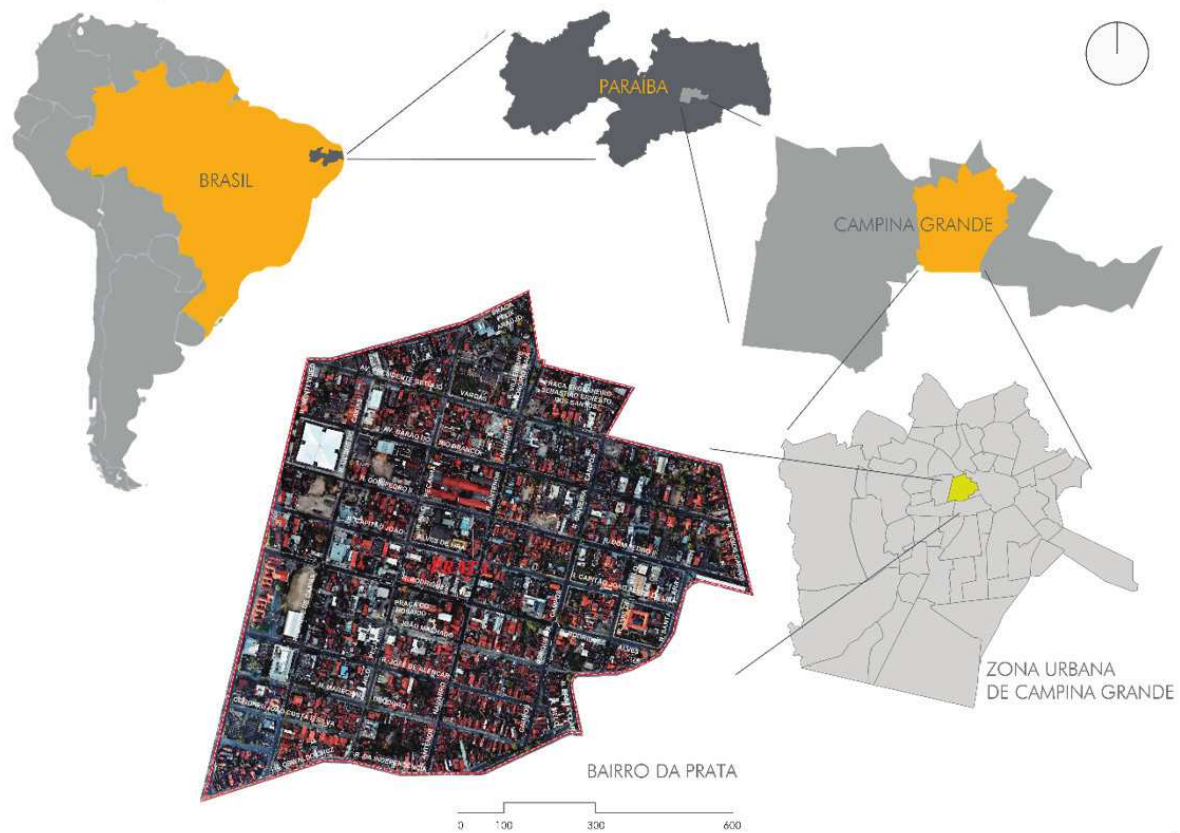


Imagem 04: Localização geográfica do Brasil, estado da Paraíba, cidade de Campina Grande e do bairro Prata
Fonte: Elaborado por Marjorie Garcia (2017)

Sabe-se ainda, que algumas indicações de Nestor de Figueredo foram realizadas, mesmo que seu plano nunca tenha sido colocado em prática. Aqui talvez seja relevante citar a abertura da Av. Floriano Peixoto que até hoje funciona como eixo estruturante da cidade e a conversão dos açudes Velho e Novo em elementos paisagísticos e lugares de socialização, antes vistos apenas como fontes de água, considerando a seca que durou mais de trinta anos (1845-1877).

Buscando progresso e embelezamento, neste contexto higienista comum ao Brasil como um todo, o prefeito Vergniaud Wanderley²⁶, solicitou ao arquiteto francês radicado em Recife, George Munier, um plano de obras que tinha como finalidade um desenvolvimento “esquadrificado”. As ações foram mais pontuais e se basearam nos ideais de circulação que objetivavam traçados retos.

Assim, a antiga trama viária campinense foi sendo redefinida e sua expansão estimulada pela abertura de ruas sobre os subúrbios, que em sua maioria foram elaboradas seguindo traçados retos que desafiavam até mesmo a topografia dos sítios. Decorrente dessas mudanças, surgiram empreendimentos imobiliários, como os loteamentos que deram origem ao bairro da Prata, são eles: Raimundo Viana (Jardim da Prata), de maior extensão, e Floripes Pontes.

Em Campina Grande, a terra urbana loteada, transformada em mercadoria de valor, precedia à construção e à necessidade imediata de ocupação, virou objeto de especulação imobiliária e fez parte de uma política de urbanização de caráter expansionista, tocada pela abertura de ruas que estimulavam o uso extensivo do solo. (QUEIROZ, 2016, p. 183)

26. Vergniaud Wanderley administrou a cidade de Campina Grande em duas ocasiões: entre novembro de 1935 e dezembro de 1937, e de agosto de 1940 a março de 1945.

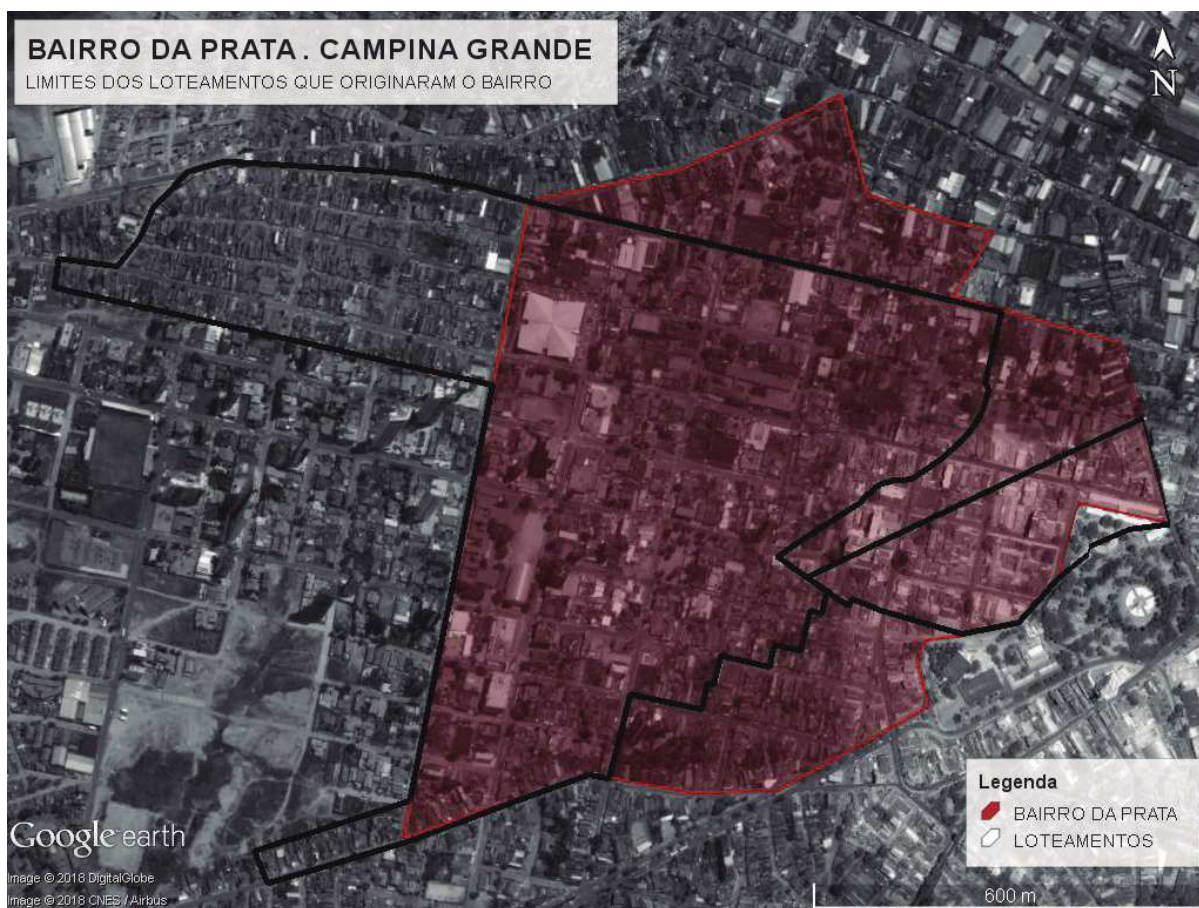


Imagem 05: Loteamentos do bairro
Fonte: Google Earth, editado pela autora (2017)

É possível notar que os lotes que antes pertenceram a Raimundo Viana abrigam edificações importantes, que sobrevivem até a atualidade como marcos históricos, arquitetônicos e culturais, e marcaram a ocupação do bairro, iniciada entre o fim da década de 30 e início da década de 40, com o surgimento de alguns caminhos e ruas, além das casas precárias localizadas no que antes era considerada zona suburbana.

Algumas delas já indicadas na documentação presente no arquivo público da Secretaria de Planejamento (imagem 07), como por exemplo a Igreja Nossa Senhora do Rosário, a casa de saúde e maternidade Dr. Francisco Brasileiro, (referência em toda região Nordeste naqueles anos, estando atualmente abandonada), o mercado conhecido como a grande Feira da Prata, um instituto de educação (Colégio Estadual da Prata) e o SENAI (Centro de Educação Profissional Professor Stenio Lopes).

No Jornal de Campina de 1932, a ocupação era incentivada, e o convite feito em letras grandiosas:

V. Excia. já sabe o que é o Bairro da Prata?" e em seguida o leitor era convidado a conhecê-lo: O Bairro da Prata, será muito em breve o primeiro e único local onde V. Excia. pode construir seu Bungalow, com clima salubérrimo para o seu repouso, com espaço bastante para as necessidades de sua residência, com todas as comodidades, enfim, que a moderna técnica de urbanismo requer para sistematização de habitações. O Dr. Nestor de Figueiredo, grande urbanista brasileiro visitando aquelle magnífico bairro da nossa urbs, afirmou que na Prata, Campina teria de localizar num futuro próximo as suas melhores vivendas. Pois bem, V. Excia pode possuir desde já um terreno a prestações módicas, para construir o seu lar naquelle doce recanto (...)

(Jornal de Campina, 05/02/1933, nº 2, p. 2.)

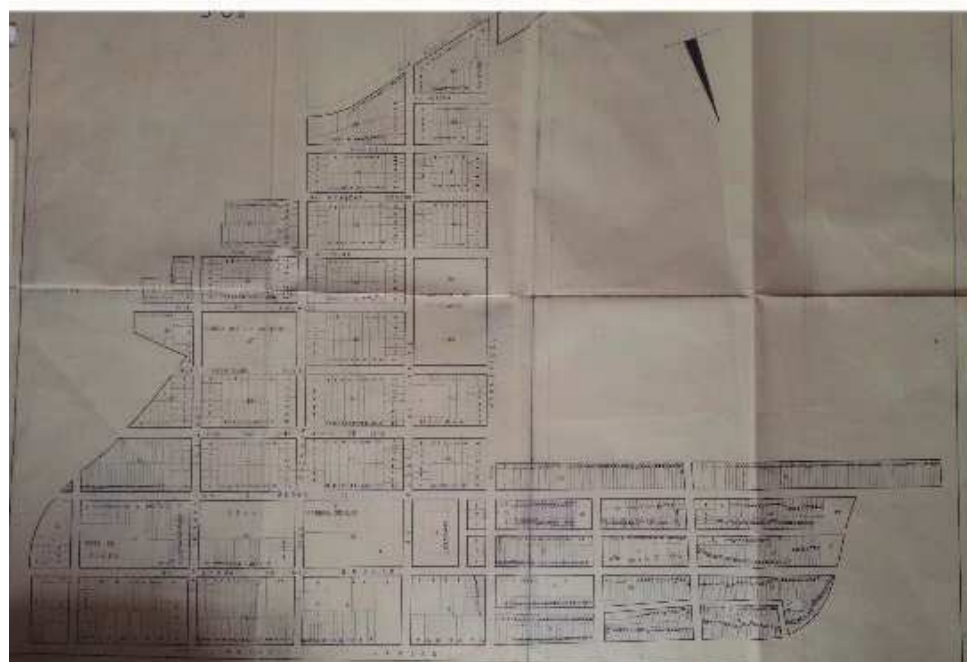
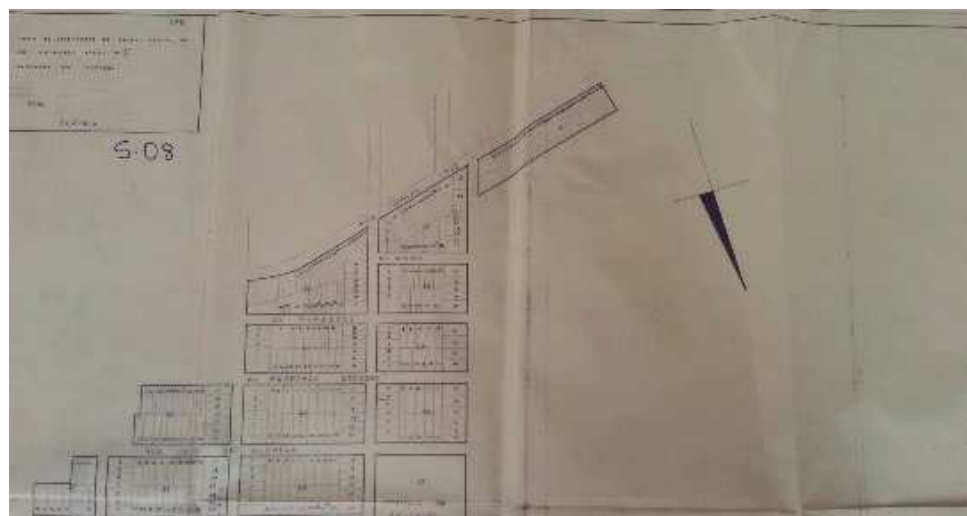


Imagem 06: Loteamento Raimundo Viana registrado em 04 de julho de 1953
Fonte: Acervo da SEPLAN fotografado por Marjorie Garcia, 2017

No entanto, a ocupação somente foi impulsionada pela industrialização intensificada na década de 60, devido à ascensão econômica da população, o bairro passou a abrigar programas residenciais com repertório formal e soluções projetuais que seguiam os princípios racionalistas no modernismo, sinônimos de progresso e prosperidade.

Assim sendo, é possível concluir que o bairro da Prata surgiu com certo rigor na marcação de suas ruas retas, largas e perpendiculares. Quadras uniformes que contrastam com o traçado irregular do Centro caracterizam o bairro que se especulou ter sido projetado devido à existência dessa malha reticulada, caracterizada como ortogonal, que desafia a acidentada topografia local. (imagem 08)

Dizer que o bairro foi projetado pode ser uma afirmação forte, mas vale ressaltar que os traçados regulares resultaram das exigências da prefeitura na época, que solicitou aos novos loteamentos já em meados da década de 30, projetos realizados por técnicos e que tivessem como prioridade o alinhamento, contribuindo para estética e higiene da cidade. As medidas tinham como propósito preparar o tecido urbano para instalação e competente funcionamento das redes de abastecimento de água e coleta dos esgotos.

Devido à sua boa acessibilidade e proximidade com o Centro, o bairro da Prata recebeu boa infraestrutura urbana, além de ocupar uma porção alta da cidade com vista privilegiada. Com tantas potencialidades, o bairro logo protagonizou a descentralização dos serviços antes concentrados no Centro, sendo conhecido nos dias de hoje como polo médico da cidade, após o surgimento de atividades destinadas à saúde a partir da década de 1980, além da implantação da Feira da Prata existente há mais de 50 anos, responsável pela expansão da Feira Central.



Imagem 07: bairro da Prata na década de 60
Fonte: blog Retalhos Históricos de Campina Grande, 2010

Segundo LAMAS²⁷ (2011), a cidade entendida como organismo vivo encontra-se em constante modificação. Logo, para falar de forma urbana, é preciso relacionar com um tempo específico, pois as modificações são consequências da vitalidade social e econômica das cidades. No entanto, alguns elementos sobrevivem, como por exemplo monumentos, traçados de vias, e também, geralmente, a estrutura fundiária. Na escala do bairro, as modificações são mais lentas embora tenham maior profundidade.

A mudança de uso do bairro, que possuía um perfil residencial, com o uso de uma arquitetura moderna, vem se transformando a cada dia, havendo demolições do acervo e descaracterização de edificações, que infelizmente não são protegidas por Lei, podendo-se observar na atualidade, uma mudança drástica no cenário urbano local, apagando da memória coletiva, parte da produção moderna de Campina Grande.

Em pesquisa realizada sobre o bairro da Prata, APOLINÁRIO²⁸ (2011) escreveu que:

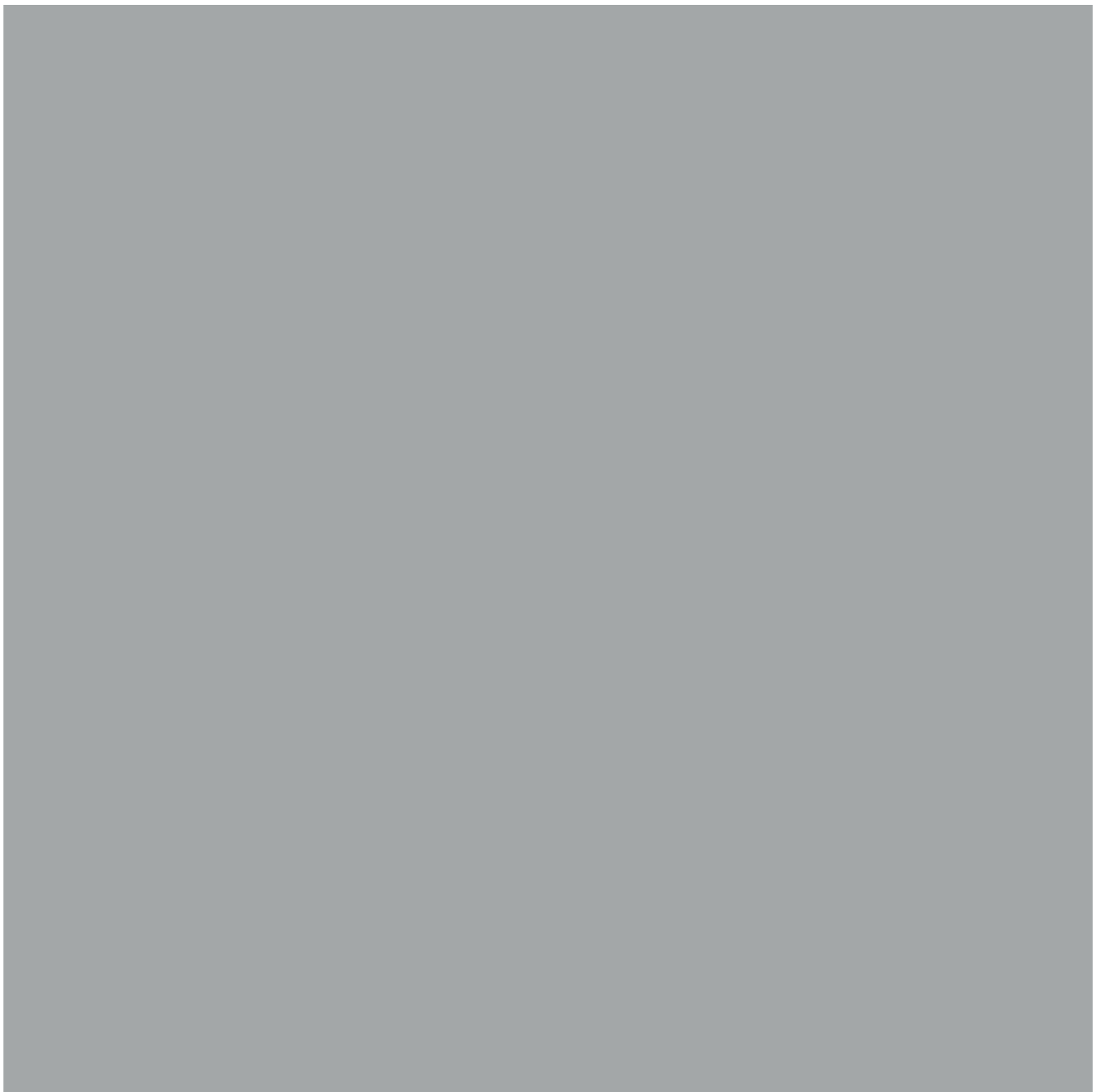
À medida que esse processo de urbanização vem crescendo no bairro, os elementos espaciais vão se moldando as novas funções, que surgem a partir de um processo de acumulação e concentração do capital, gerando uma dinâmica econômica que rege a mudança da sociedade de acordo com o modo de produção capitalista. Sendo assim, o bairro passa por uma transformação bastante visível em sua paisagem, na medida em que é visto como um espaço urbano com um grande potencial imobiliário, tomando como princípio não só o fato do bairro ser considerado classe média alta, desde sua formação, mas também sua acessibilidade e localização na cidade. (APOLINÁRIO, 2011)

27. LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. *Morfologia Urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

28. APOLINÁRIO, Otávia. *Especulação e verticalização: reflexos na paisagem do bairro da prata em campina grande-pb e o uso do georreferenciamento*. Anais do 9º Encontro latino Americano de pós graduação e iniciação científica. UNIVAP. São José dos Campos. SP, 2011.

A título de esclarecimento, quanto ao recorte espacial, vale ressaltar a delimitação do sítio pertencente ao bairro da Prata. Atualmente, seus limites são as vias: R. Índios Cariris, R. Montevideo, R. Arrojado Lisboa, R. Independência, além do Parque do Açude Novo, que atua como elemento divisor entre o bairro do Centro e Prata. Foi este o recorte, ainda vigente durante o desenvolvimento da pesquisa (2017/2018), utilizado.

No entanto, em mapas da década de 40 é possível perceber que se entendia por Prata também o atual bairro Bela Vista, revelando assim uma subdivisão de bairros. A extensão do loteamento Raimundo Viana, que originou o bairro da Prata e se estende pelo atual bairro Bela Vista, além de alguns documentos encontrados na fase de levantamento de dados no Arquivo Municipal de Campina Grande, que nomeava como Prata lotes que hoje estão situados no bairro vizinho, comprovam a subdivisão de bairros. Esta pode ter ocorrido, entre outros fatores, pelas diferenças encontradas no traçado urbano.



AS RESIDÊNCIAS MODERNAS NA PRATA 3

Levantou-se através de pesquisas em arquivos públicos e privados uma listagem de obras a serem analisadas, a fim de observar quem eram os clientes e autores, quais soluções projetuais e construtivas foram adotadas, além das contribuições das mesmas para a construção da modernidade urbana campinense.

Nesta oportunidade, serão estudadas seis edificações, ainda existentes (durante a execução do trabalho 2017/2018), registradas durante a década de 1960 junto ao Departamento de Planejamento e Urbanismo de Campina Grande, segundo material de projeto original levantado no Arquivo Municipal, e projetadas inicialmente para uso residencial.

Serão analisadas segundo a metodologia anteriormente descrita, proposta por AFONSO (2017) que propõe como procedimento o trabalho com cinco dimensões da arquitetura: dimensão histórica (apoiada em SERRA, 2006), espacial, tectônica, funcional e formal, além da conservação.

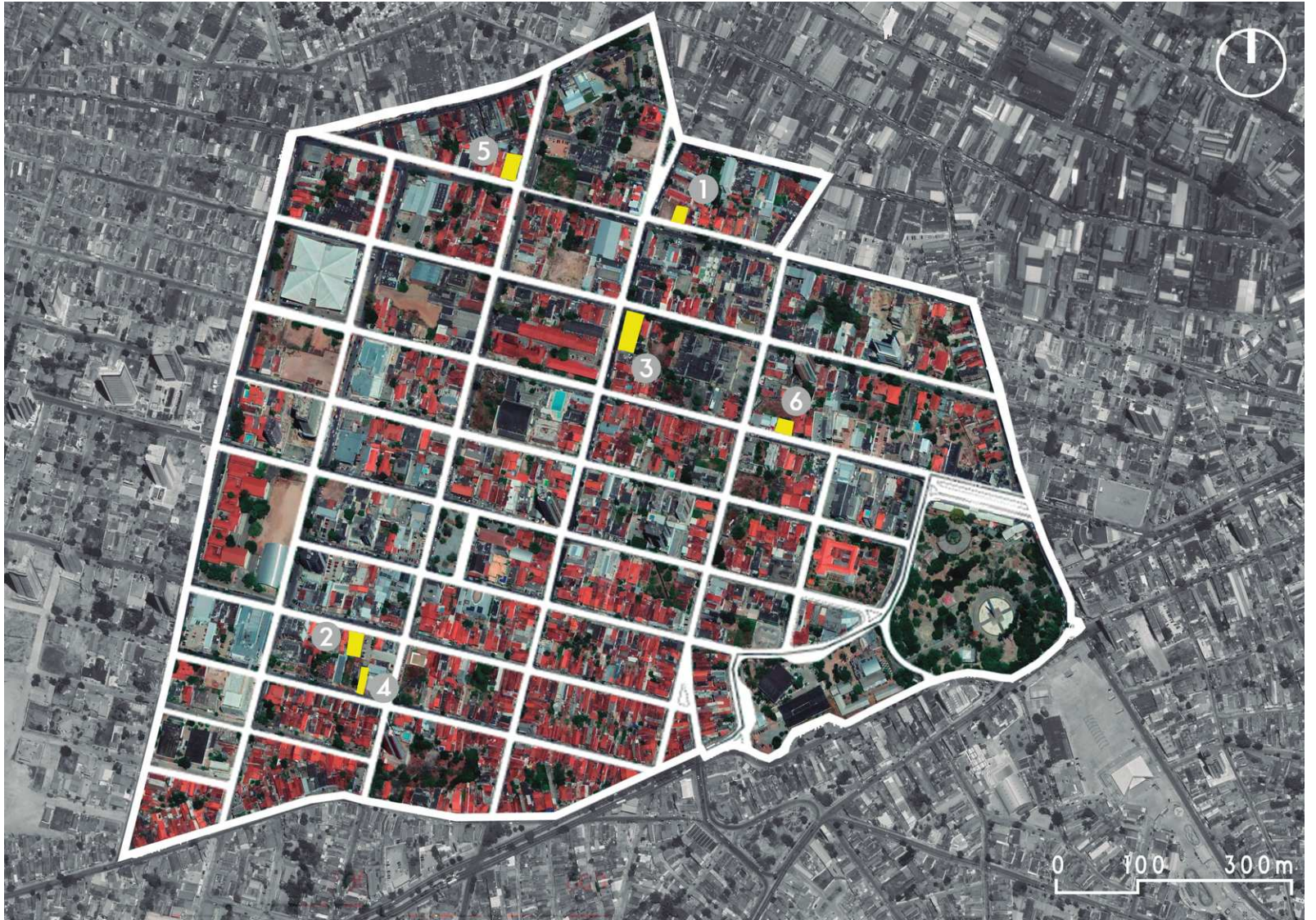
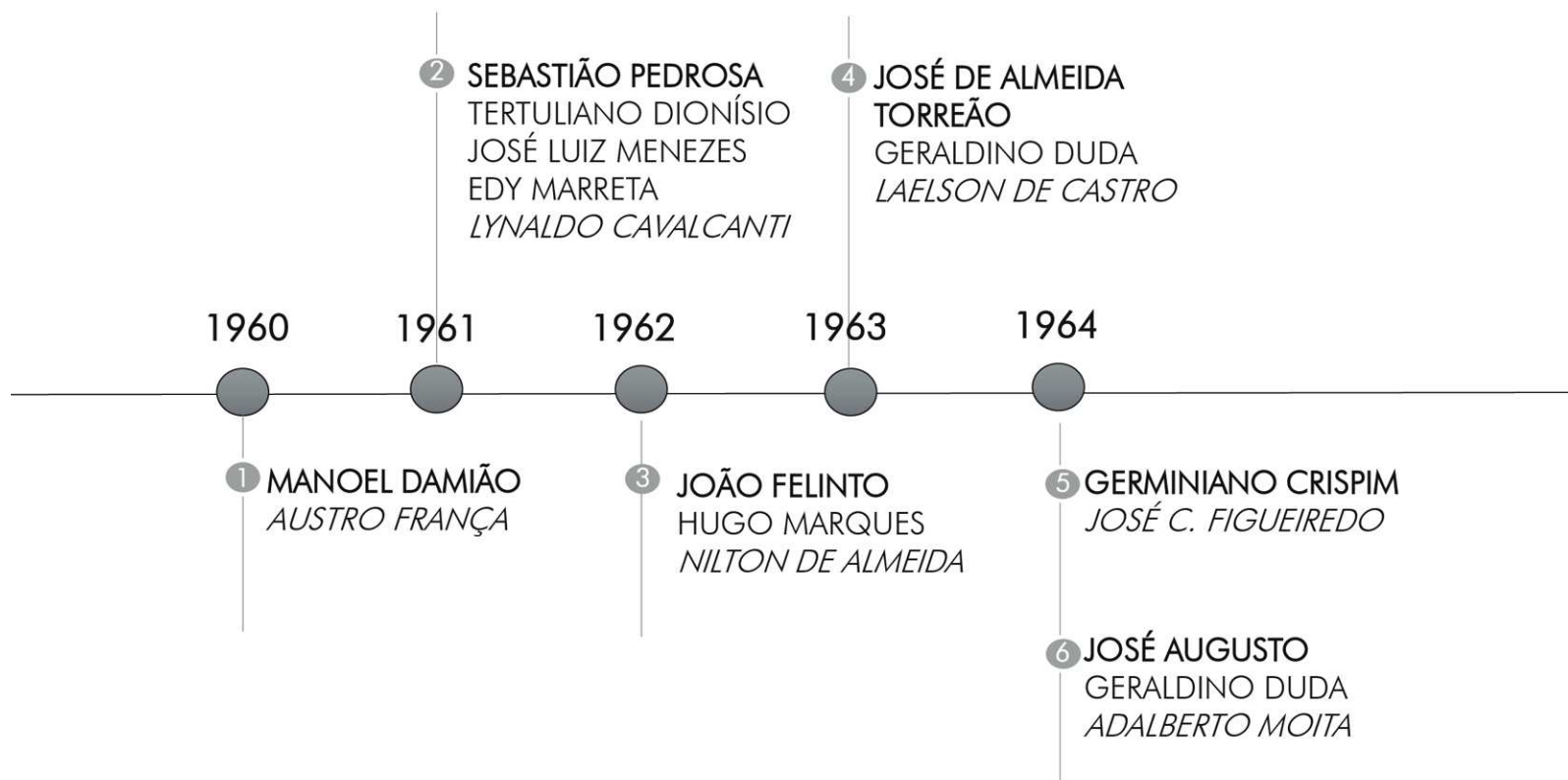


Imagem 08: Mapeamento Residências Analisadas
Fonte: Marjorie Garcia e Carine Ayanne





1960

**Residência
Manoel Damião**

Austro França



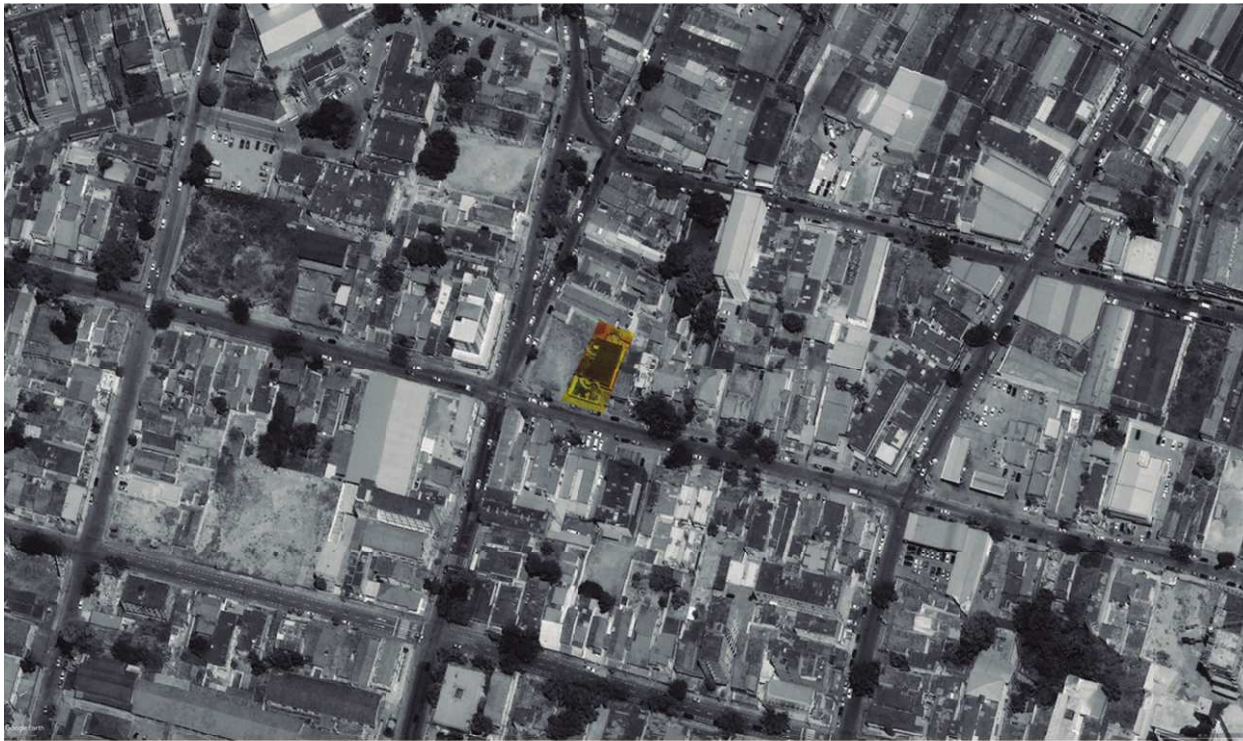


Imagem 02: Localização da Residência Manoel Damiano no bairro Prata.
Fonte: GRUPAL, 2018.



FICHA TÉCNICA

OBRA	Residência Manoel Damiano
PROJETO	Engenheiro Civil Austro França
CONSTRUÇÃO	Engenheiro Civil Austro França
ANO	1960
LOCALIZAÇÃO	R. Getúlio Vargas, 888. Prata
ÁREA DO TERRENO	230,00 m ²
ÁREA CONSTRUÍDA	240,00 m ²

Será analisada a seguir, a Residência Manoel Damiano de Araújo, situada à Rua Getúlio Vargas, nº 888, no bairro Prata. A edificação está inserida numa quadra de usos mistos, onde predominantemente são ofertados serviços. Em seu entorno, encontra-se ainda a pequena Praça Engenheiro Sebastião Ernesto, que atua como largo separador de vias e limite do bairro.

No decorrer do tempo, o imóvel teve um único proprietário e sempre hospedou uso residencial, logo, esta situação é provisoriamente favorável à preservação do imóvel, que tem estado de conservação considerado regular, já que manutenções se tornaram necessárias e ocasionaram a substituição dos sistemas elétrico e hidráulico, por exemplo, deixando marcas visíveis nos revestimentos e elementos originais que por vezes precisaram ser substituídos. Além disso, patologias ainda foram identificadas e precisam ser resolvidas.

1. Dimensão histórica

Quanto à sua história, em janeiro de 1960, após seu noivado, o comerciante Manoel Damiano solicitava a construção de uma residência no bairro Prata. Segundo informações coletadas in loco, sua construção durou cerca de dois anos e sofreu alterações ainda em fase de execução. Comprova-se tal informação, a partir do levantamento de dados feito junto ao Arquivo Municipal, onde foi possível encontrar desenhos diversos para a mesma residência.

Em relação a disposição de ambientes, pouca coisa mudou entre as duas propostas. As mudanças mais notáveis foram executadas na fachada principal, com escada externa concretizada em formato circular, e a “casca” envolvente da edificação constituída de linhas mais puras, bem como suas

esquadrias e materiais modificados, originando uma plasticidade formal que será discutida adiante.

Quanto à autoria do projeto, outros pesquisadores como FREIRE (2007) a atribui ao arquiteto pernambucano Tertuliano Dionísio, que desenvolveu muitos projetos na cidade de Campina Grande naqueles anos. No entanto, a assinatura constante no carimbo do material original, é do engenheiro civil Austro França, responsável pelo projeto e construção. Será, portanto, a autoria atribuída ao exemplar em estudo.

Ainda segundo informações dos usuários, o entorno da edificação, durante a década de 1960 era constituído por imensos vazios e vegetação densa, havendo apenas outras três casas na rua. Conclui-se que se construía na Prata, devido os lotes serem relativamente acessíveis, pelo afastamento da agitação e pelas promessas de melhoria da infraestrutura, por se tratar de bairro circunvizinho ao Centro.

2. Dimensão espacial

1.1 Espaço externo

Quanto à espacialidade, a edificação foi locada em um terreno de formato trapezoidal, mais extenso no eixo Norte-Sul (cerca de 10° inclinado na direção Leste), tirando partido da predominância dos ventos sudeste e leste para solucionar a planta baixa da construção. Ocupando o centro do lote, sua forma quase quadrada, não fosse pela inclinação em uma das faces perimetrais do terreno, resultou em recuos generosos (frontal e posterior), ao mesmo tempo que elimina um dos recuos laterais.

O tratamento paisagístico do recuo frontal, foi feito de forma a se apropriar

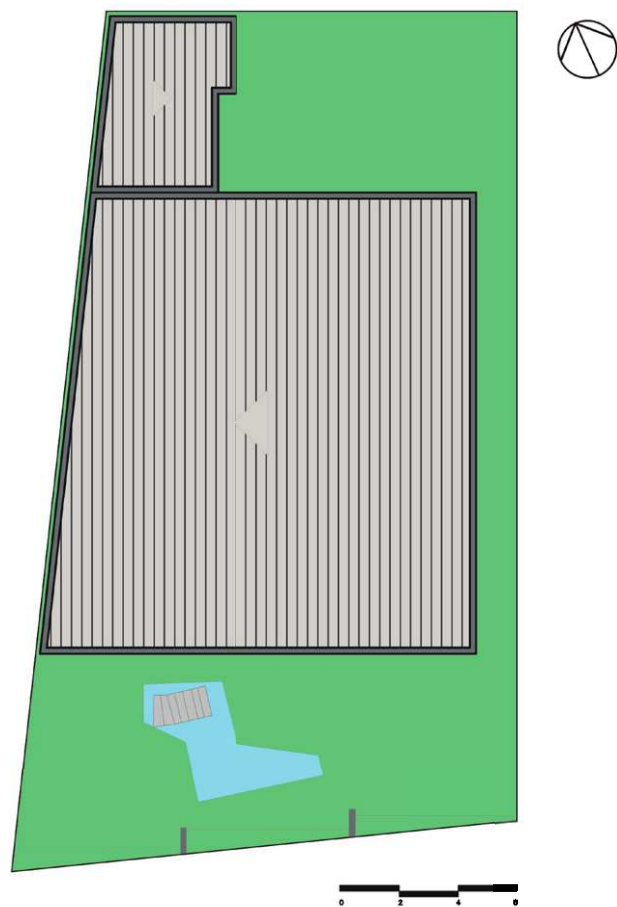


Imagem 03: Locação e cobertura da Residência Manoel Damião.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

Redesenho de Marjorie Garcia baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.

da topografia com espelho d'água, tirando partido do lugar. Um aterro sustentado por um muro de arrimo, revestido por pedra, foi usado como solução estrutural para apoio do pavimento superior e o acesso a este é feito através de uma escada social externa e desprotegida. Com terraço externo coberto pelo volume superior, totalmente integrado ao jardim, tem-se um espaço social de recepção que abriga também automóvel.

Atualmente, o exterior é predominantemente revestido por pavimentação pétreo. O desenho original não detalha acessos e caminhos. Sabe-se que o espelho d'água executado foi posteriormente aterrado, e a vegetação tem lugar delimitado por canteiros. Quanto ao limite entre a residência e a rua, originalmente fazia uso de um gradil baixo. No entanto, hoje, um muro em pedra, alto e opaco, oculta o pavimento inferior e envolve um único portão de acesso, tanto para pedestres como para automóvel.

2.2 Espaço interno

Segundo material de projeto original levantado no Arquivo Municipal, é possível destacar que a residência possui uma geometria bem articulada, concêntrica em relação ao ambiente da copa e cozinha, atual sala de jantar. Divide-se em dois níveis, com acessos bem separados, havendo boa relação entre as zonas: social, íntima, e de serviço.

Quanto aos acessos, originalmente os usuários poderiam ascender ao pavimento superior, fazendo uso de duas escadas para circulação vertical, que buscam interligar diretamente zonas do programa, de maneira privativa, podendo estar divididas em: social, externa e desprotegida; e de serviço, situada na parte posterior da edificação e acessada através do recuo lateral, nitidamente mais isolada. No entanto, constatou-se durante visita in loco, a existência de uma escada íntima, inexistente no



Imagem 04: Planta baixa do pavimento térreo.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.



Imagem 05: Planta baixa pavimento superior.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

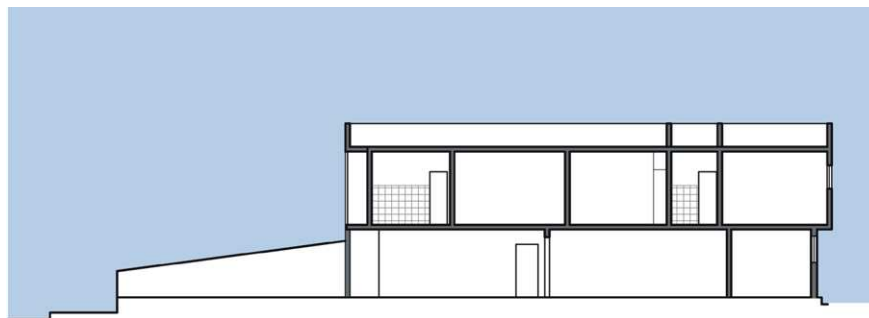


Imagem 06: Corte AB.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

- ZONA SOCIAL
- ZONA ÍNTIMA
- ZONA DE SERVIÇO

Redesenho de Marjorie Garcia baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.

material original, localizada na garagem, que funcionou como salão de jogos e reuniões, onde os proprietários reuniam os amigos para assistirem televisão;

No pavimento inferior, uma subtração feita no volume, abriga um alpendre sob pilotis, que possibilita o acesso ao quarto de hóspedes, totalmente independente do restante do programa. Ainda estão situados neste pavimento, os ambientes da zona de serviço, em uma edícula locada lateralmente, situada ao fundo do lote.

No pavimento superior, um terraço faz a transição entre exterior e interior da residência, integrando-se à zona social, que dispunha ainda de um escritório – ambiente comum a quase todos os programas estudados – e sala de estar. A zona de serviço, formada por copa e cozinha, poderia ser ingressada por meio da zona social, dividindo fluxos para o bloco de serviço posterior ou para zona íntima.

A zona íntima, de formato “L”, com quartos voltados para maior incidência da ventilação, tem apenas um banheiro a serviço de quatro dormitórios. Na circulação de acesso à suíte, foi situada a escada íntima, engastada lateralmente no muro de arrimo, limite da garagem, oculta na copa por painel em venezianas de madeira. A porta de acesso a suíte foi aberta na sala de estar.

Nota-se ainda, a existência de um pátio interno, situado anteriormente a área de serviço. Este é pavimentado por revestimento cerâmico, dispõe de uma pia, e é ainda hoje usado para banhos de sol. A zona de serviço posterior, citada ainda agora, abriga a cozinha, desde a época de construção. Logo, a cozinha não foi executada na zona adjacente à zona social, que acomoda desde os anos 60 uma ampla sala de jantar. A

edícula erguida ao fundo hospeda o restante dos ambientes de serviço, inclusive as dependências de empregadas.

3. Dimensão tectônica

3.1 Estrutura

Estruturalmente, um aterro sustentado por muro de arrimo foi usado para apoio do pavimento superior. Repetidamente, como será visto na maioria das residências estudadas a seguir, o recurso de suspensão de parte da residência, através do muro de arrimo, foi usado como solução estrutural, bem como o revestimento do mesmo em pedra. Além disso, apenas por meio da disposição dos pilares no pavimento inferior, aparentes na fachada principal, percebe-se a existência de eixos estruturantes.

Nota-se a princípio, que as soluções estruturais não são evidenciadas por seus projetistas nos objetos em estudo. Um motivo pode ser o fato de que todas as execuções foram acompanhadas por engenheiros civis, quando não desenhadas também por eles. O que está "oculto", por vezes, poderia não interessar ao cliente ou à administração pública (tendo em vista que o material estudado foi objeto de aprovação), fazendo-se uso de soluções particulares a cada projeto.

3.2 Peles

Externamente, as peles são constituídas por alvenaria revestidas por massa. No entanto, alguns materiais chamam atenção, como o painel em azulejo pintado à mão, e a parede em cobogó cerâmico de cor amarelo. As esquadrias compostas por folhas de venezianas em madeira e vidro também são peles constituintes da fachada frontal. A austeridade do concreto armado, esculpido no pilar externo à edificação, em formato “V”, também é característica das peles que a envolvem. Além destas, torna-se visível também as esquadrias laterais estruturadas em madeira e vidro, protegidas ainda por grades em ferro.

Internamente, as vedações em alvenaria revestidas por massa são pintadas em tons neutros, embora se saiba que o terraço superior tinha coloração azul (visível através do desprendimento da pintura). As portas em madeira dividem os ambientes e marcam os acessos. A cobertura, oculta por platibanda é constituída apenas por uma água em ambos os volumes (edícula tem telhado cerâmico).



Imagem 07: Paineis em azulejo pintado à mão. Foto: Igor Michel, 2018.



Imagem 08: Peles em cobogós de louça na cor amarelo e venezianas em madeira na cor cinza. Foto: Igor Michel, 2018.



Imagem 09: Pilar externo em concreto. Foto Igor Michel, 2018.



Imagem 10: Divisórias internas. Foto Igor Michel, 2018.

3.3 Materialidade

Elemento Construtivo	Componentes	Materialidade
SISTEMA ESTRUTURAL	Estrutura Laje	Concreto armado; Maciça em concreto armado;
PELES	Fechamentos externos Cobertura Esquadrias Elementos vazados Fechamentos internos	Alvenaria revestida com massa; Azulejo na fachada principal Fibrocimento; Madeira e vidro; Ferro e vidro; Cobogós cerâmicos; Alvenaria com massa pintada; Divisórias em madeira;
TEXTURAS	Revestimentos Pisos	Pedras em muros; Azulejos na cor azul (sala de jantar); Revestimento cerâmico do tipo "tijolinho" (platibanda - tom claro e paredes externas - tom terroso); Vários padrões: pedras (exterior); Madeira (garagem/sala de tv); Cerâmicos e pétreos; Carpete (quartos);
DETALHES	Escadas	Externa: pedras nas cores preto e branco, com corrimão em ferro; Interna: granilite escuro.

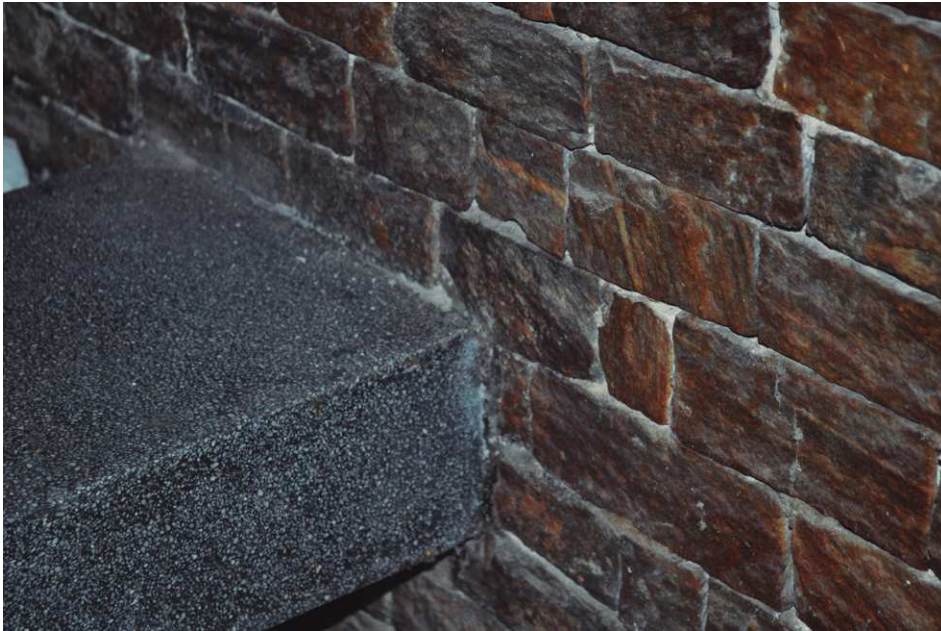


Imagem 11: Materialidade da escada íntima.
Foto Igor Michel, 2018.

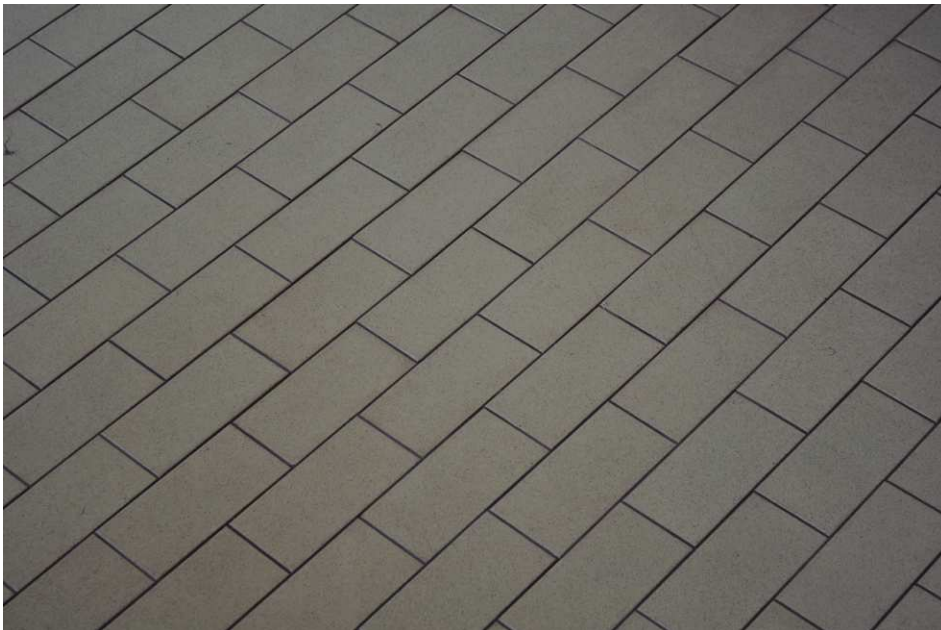


Imagem 12: Revestimento pétreo do muro de arrimo.
Foto Igor Michel, 2018.



Imagem 13: Materiais aplicados à
escada externa.
Foto Igor Michel, 2018.

3.4 Texturas

Padrões estéticos marcantes são usados nos pisos e paredes, como por exemplo os azulejos e revestimentos cerâmicos que revestem as zonas de serviço. A madeira é responsável pela sofisticação dos ambientes, revestindo alguns pisos, paredes e constituindo inclusive, o forro do banheiro (detalhado na imagem 16). Carpetes são usados nos pisos de todos os quartos desde sempre.

Nas paredes, o revestimento cerâmico em formato de “tijolinho”, usado externamente para proteção da platibanda auxilia na diferenciação de planos, além de enfatizar a horizontalidade deste elemento. Um outro revestimento cerâmico de formato retangular foi usado para revestir algumas paredes externas, aplicado na posição vertical, de coloração terrosa rejuntado na cor branca (imagem 17), contraste visual usado para maior evidência do pavimento inferior, bem como do seu vazio.

3.5 Detalhes

Quanto aos detalhes, a escada externa, engastada numa viga central, tem degraus revestidos por pedra, recortados a fim de evidenciar a viga. Nos espelhos, pedra preta enquanto que nas bases pedras brancas foram usadas. São arrematados por corrimão vazado em ferro, que se interliga ao guarda corpo no alpendre e varanda da suíte.

Mobiliários fabricados em madeira e produzidos artesanalmente, com adornos decorativos chamativos, encontram-se por toda residência e estão muito bem conservados. Além destes, obras de arte estão exibidas, evidenciando gosto refinado bem como poder aquisitivo de seus proprietários. Uma estatueta esculpida em pedra sabão recebe os visitantes junto à escada social.

Outro detalhe relevante de ser citado, refere-se às esquadrias de quatro folhas estruturadas em madeira e vedadas por vidro, são do tipo “de correr”,



Imagem 14: Revestimento pétreo do muro de arrimo.
Foto Igor Michel, 2018.



Imagem 15: Texturas do banheiro.
Foto: Igor Michel, 2018.

Imagem 16: Contraste das texturas dos pisos da residência.
Foto: Igor Michel, 2018.

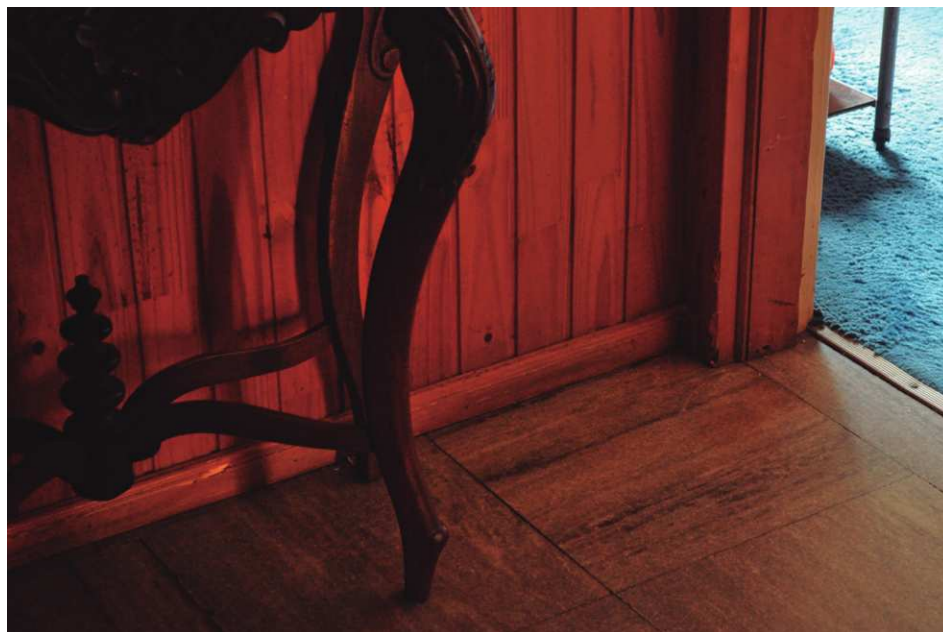
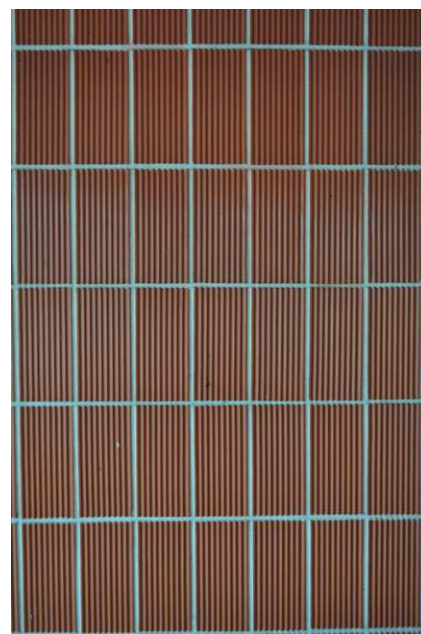


Imagem 17: Revestimento cerâmico da platibanda.
Foto: Igor Michel, 2018.



Imagem 18: Revestimento externo do tipo tijolinho.
Foto: Igor Michel, 2018.



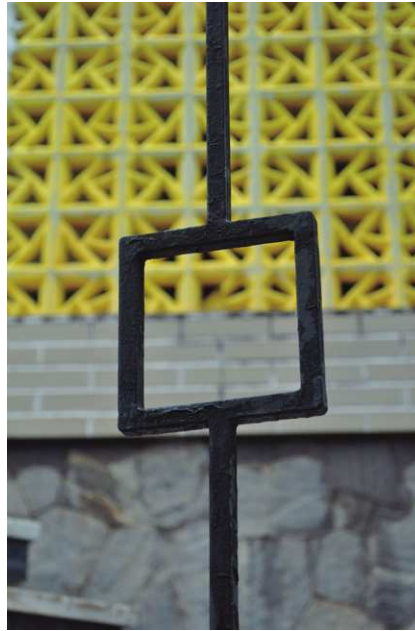


Imagem 20: Detalhe do corrimão da escada externa.
Foto: Igor Michel, 2018.



Imagem 21: Mobiliários em madeira da sala de estar.
Foto: Igor Michel, 2018.



Imagem 22: Detalhes dos adornos
do mobiliário.
Foto: Igor Michel, 2018.



Imagem 23: Escultura em pedra sabão.
Foto: Igor Michel, 2018.



Imagem 24: Esquadrias externas em madeira.
Foto: Igor Michel, 2018.

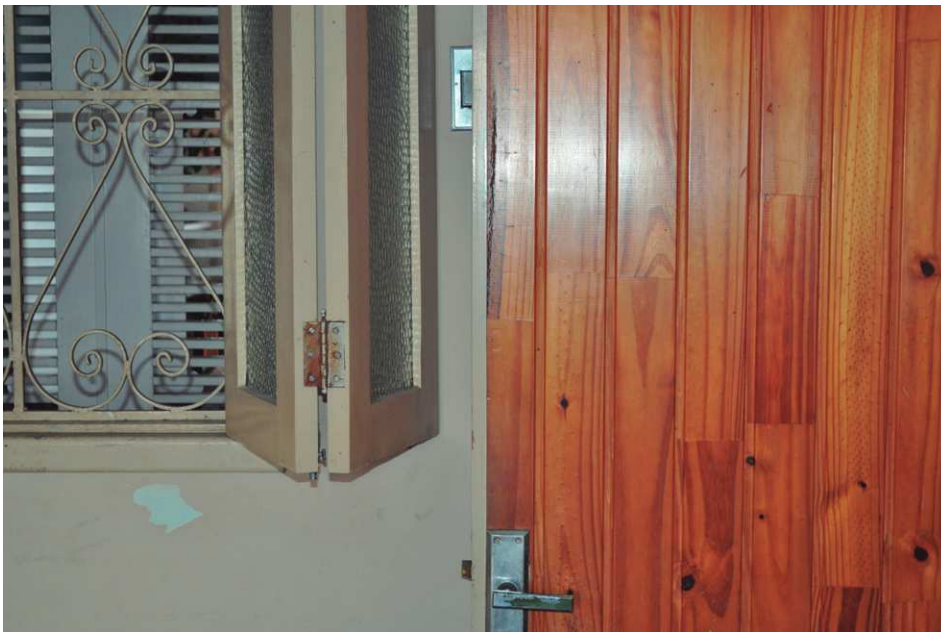


Imagem 25: Esquadrias internas em madeira e vidro do tipo sanfonada e porta em madeira.
Foto: Igor Michel, 2018.



Imagem 26: Detalhe de luminária.
Foto: Igor Michel, 2018.



Imagem 27: Pia do pátio interno.
Foto: Igor Michel, 2018.

mas sanfonadas, diminuindo de certa forma a área útil dos quartos. Outras são do tipo basculante, constituídas por ferro e vidro, permitem iluminação natural ao mesmo tempo que impede a ventilação de acordo com o desejo do usuário.

4. Dimensão funcional

Quanto à sua função, como dito anteriormente, ainda é usada como residência e suas maiores modificações ocorreram ainda em fase de execução. No entanto, estas tornaram-se parte da edificação em sua essência e a caracterizam como moderna, mediante todos os princípios anteriormente já esclarecidos, mesmo que estes tenham sido adaptados à realidade campinense (discutidos com maior ênfase no capítulo seguinte).

Por fim, os sistemas elétrico e hidráulico precisaram ser trocados, bem como interruptores e algumas luminárias. Notou-se também a precariedade de elementos constituídos por madeira, que brevemente poderão ser substituídos.

5. Dimensão formal

A plasticidade arquitetônica da residência faz uso de um único volume, adequado à topografia em seu pavimento inferior. Assim, uma subtração foi feita, sendo o pavimento superior apoiado sobre pilares. O mais espesso deles, tornou-se elemento plástico por se unir à platibanda, que extravasa as faces da edificação, formando uma “casca” única que repousa em cima do embasamento, mesmo que os elementos que a constituem sejam diferenciados pela diversidade de revestimentos.

Vê-se na comparação entre os desenhos proposto e executado, a substituição de esquadrias, introdução de elementos vazados como os cobogós, maior atenção aos elementos metálicos (guarda corpo), “limpeza” nos traços dos pilares, e conseqüentemente do envelope como um todo. A proposta da “casca” foi mantida, bem como a inclinação aparente do telhado.

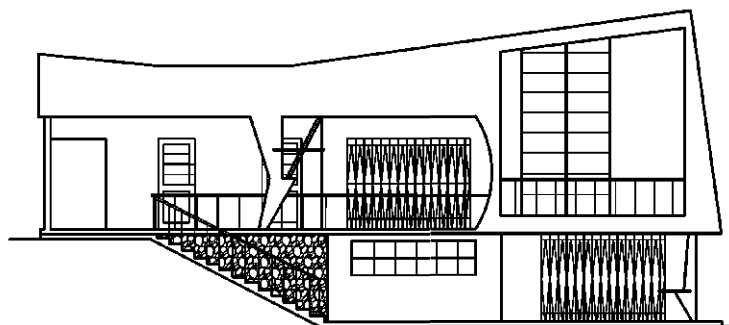


Imagem 28: Fachada do desenho original.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

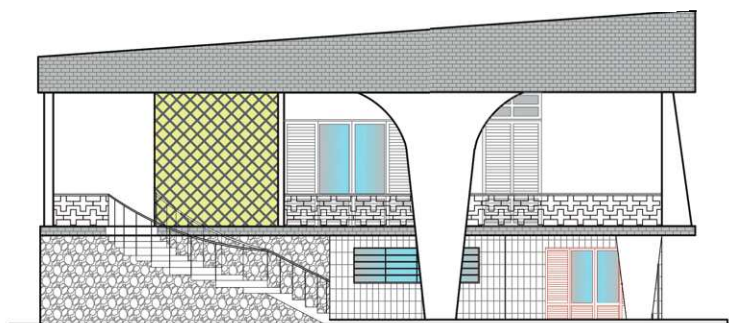


Imagem 29: Fachada executada.
Fonte: Levantamento feito pela autora in loco, 2018.

Conservação do imóvel

Quanto à preservação legal do bem, encontra-se em situação de vulnerabilidade, uma vez que nenhuma legislação protecionista incide sobre o imóvel, que não está cadastrado ou registrado na listagem de bens imóveis tombados de Campina Grande. Torna-se, portanto, urgente a necessidade de regulamentações de preservação para que o mesmo possa ser salvaguardado.

Pertencendo ao mesmo proprietário solicitante da construção, e atendendo ainda às necessidades familiares, quase nenhuma alteração foi feita ao longo dos anos além daquelas formais na fase de execução, já citadas acima. Logo, sua conservação física é considerada regular, somente devido à identificação de patologias visíveis que precisam ser resolvidas para melhor funcionalidade, logo maior valorização.



Imagem 30: Patologias aparentes. Foto: Igor Michel, 2018.



1961

**Residência
Sebastião Pedrosa**

**Tertuliano Dionísio,
José Luiz Menezes e Edy
Marreta**

DIAGNOSE

Dra. PAULA ANGELA BRAGA
Dra. MARIA DE ASSIS SARAIVA
Dra. RAÍSSA RAMALHO CATÃO





Imagem 02: Localização da Residência Sebastião Pedrosa no bairro Prata.
Fonte: GRUPAL, 2018.



FICHA TÉCNICA

OBRA	Residência Sebastião Pedrosa
PROJETO	Tertuliano Dionísio, José Luiz Menezes e Edy Marreta
CONSTRUÇÃO	Engenheiro Civil Lynaldo Cavalcanti
ANO	1961
LOCALIZAÇÃO	R. José de Alencar, 405. Prata
ÁREA DO TERRENO	148,00 m ²
ÁREA CONSTRUÍDA	440,00 m ²

Será analisada a seguir, a Residência Sebastião Pedrosa, situada à Rua José de Alencar, nº 405, no bairro Prata. A edificação está inserida numa quadra de usos mistos, havendo a predominância de serviços médicos, como laboratórios, farmácia, além do centro médico São Paulo. Como visto anteriormente, o bairro é o atual polo médico da cidade.

Este imóvel foi escolhido a fim de exemplificar as alterações incidentes sobre o acervo residencial moderno campinense. Vê-se que os danos resultantes da intervenção física, caracterizam-na como uma reforma, pois poucas características do projeto original foram mantidas, logo, seus significados arquitetônico e cultural acabaram sendo esquecidos, como será visto adiante.

1. Dimensão histórica

Quanto à história, sua construção foi solicitada pelo médico, Sebastião Pedrosa, em meados de dezembro do ano de 1960. Aprovada em janeiro de 1961 pelo Departamento de Planejamento e Urbanismo da Prefeitura Municipal de Campina Grande, o projeto anexo ao requerimento, tratava-se de uma residência distribuída em um lote de 148 m² de área, com um pavimento térreo de 264m² e um pavimento superior de 177m², totalizando 440m² de área construída, aproximadamente.

A obra de autoria de Tertuliano Dionísio, José Luiz Menezes e Edy Marreta, embora tenha sido projetada para uso residencial, atualmente abriga um laboratório de análises clínicas, fundado na década de 1980. Para que fosse possível abrigar todo o programa de necessidades exigido pela função laboratorial, a edificação foi modificada, bem como foi acrescida em sua porção posterior, para que pudesse comportar seu uso atual com maior eficiência.

O projeto de reforma teve um escritório pernambucano como responsável, no entanto, observa-se uma falha humana para a conservação do bem, que foi um equívoco projetual, reformando o bem em vez de restaurá-lo mediante os princípios éticos de intervenção explicitados no aporte teórico deste trabalho.

2. Dimensão espacial

1.1 Espaço externo

Quanto à espacialidade, seus projetistas locaram a edificação no eixo Norte-Sul (cerca de 10° inclinada na direção Leste), tirando partido da predominância dos ventos sudeste e leste para solucionar a planta baixa. Ocupando principalmente a porção frontal do lote, sua forma similar a um "Z" anseia por um equilíbrio no ponto de vista plástico e funcional, utilizando seus recuos laterais para disposição de partes do programa, como terraço e garagem por exemplo.

O desenho paisagístico externo com terraço totalmente integrado ao jardim, bem como o tratamento do recuo frontal, de forma a se apropriar da topografia com espelho d'água, tirava partido do lugar no qual estava sendo implantado, agreste paraibano, propício a intervenções paisagísticas que unem o espaço construído com a paisagem local.

Um espaço externo disposto no programa de necessidades que chama atenção, volta-se para abrigo de animais (canil e galinhas), situado no recuo lateral do lote, caracterizando um costume da época, embora seja visivelmente poupado por elementos vazados. A edificação, integrada visualmente à rua, encontra-se totalmente visível pelo pedestre, não havendo nenhum muro ou bloqueio, característica mantida desde sua construção.

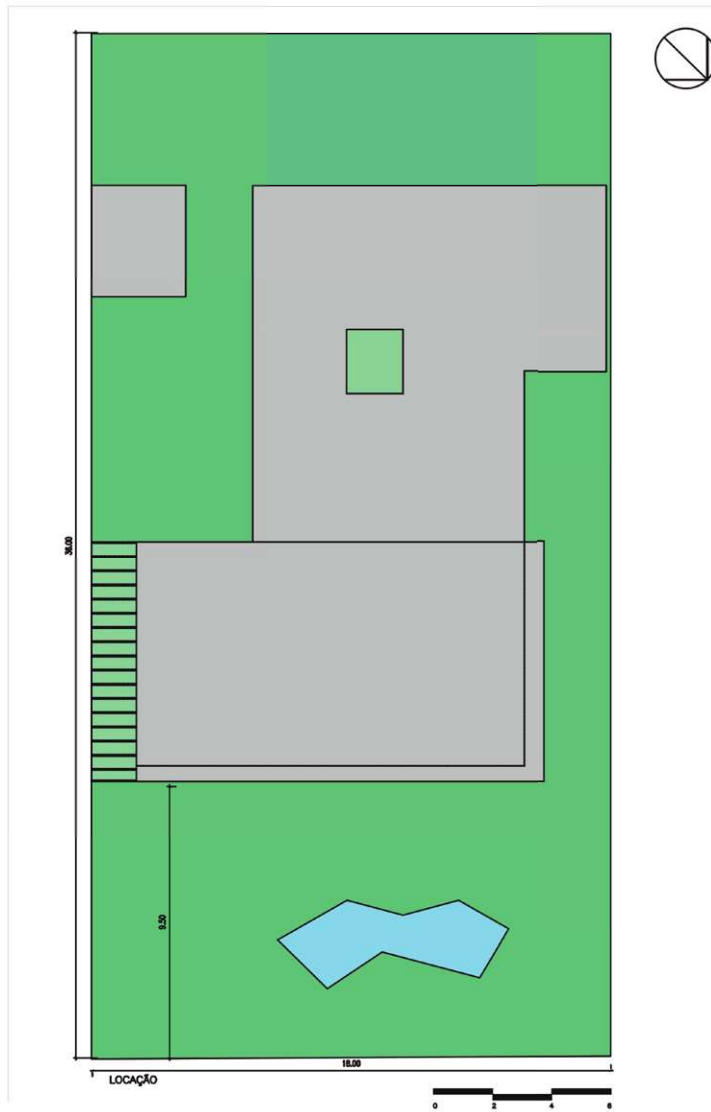


Imagem 03: Locação da Residência Sebastião Pedrosa.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

Redesenho de Marjorie Garcia baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.

Limites são estabelecidos apenas pela diversidade de revestimentos dos pisos e apropriação das cotas do terreno.

2.2 Espaço interno

Adentrando a edificação, a partir do zoneamento de usos, percebe-se a subdivisão do programa em zona social, íntima e de serviço. Com acessos distintos, evidenciou-se a tentativa de separação dos fluxos, e a configuração do programa acaba por integrar ambientes da mesma zona. Dividida em meio níveis que dialogam entre si no pavimento térreo, a edificação possui espaços integrados, divididos apenas quando necessário e em algumas situações são usadas paredes de cobogós para maior integração visual.

Seu programa de necessidades previa um total de cinco quartos (sendo um suíte com closet e um de hóspedes, ambos situados no pavimento superior), uma ampla sala de estar que estava integrada a uma sala de refeições, um lugar de estudo - ambiente muito comum às construções da época, voltado para trabalho, como uma espécie de escritório que pudesse atender pessoas sem que fosse preciso adentrar a edificação - copa e cozinha também integradas, área de serviço com lavanderia e garagem confinada.

Como tentativa de melhorar a iluminação natural destes ambientes de serviço, bem como integrar melhor interior com exterior, foi disposto um pátio interno na porção central do volume inferior. Um outro ambiente de integração, que faz a transição entre público e privado, ao mesmo tempo que poderia reunir a família Pedrosa em momentos de lazer, trata-se do terraço externo, coberto pela saliência do volume superior e pérgolas, oculto frontalmente por uma parede em cobogó (que de acordo com a representação, acredita-se ser do tipo cimentício).

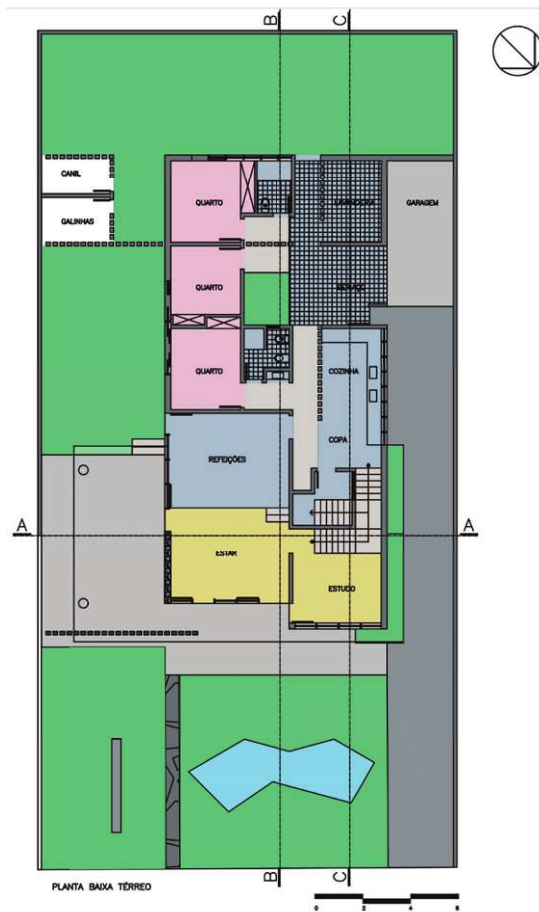


Imagem 04: Planta baixa do pavimento térreo.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

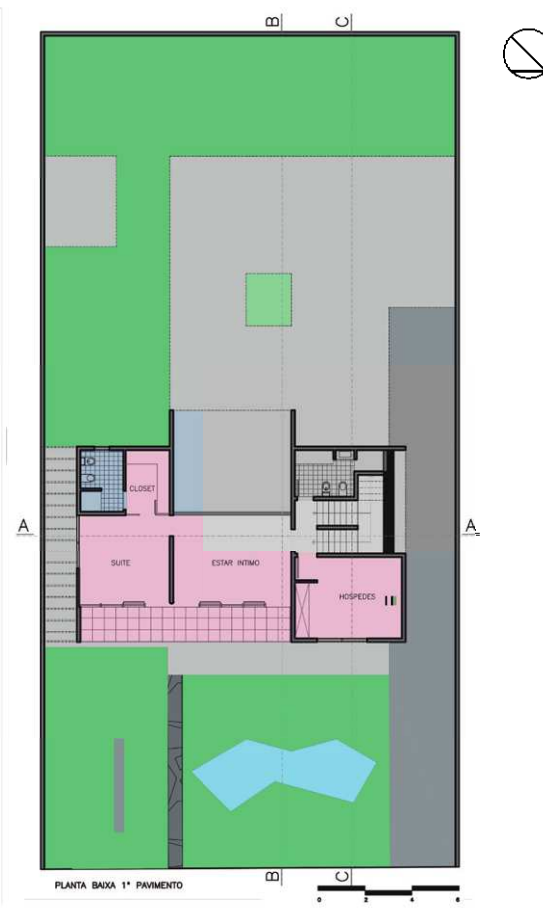


Imagem 05: Planta baixa pavimento superior.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.



Redesenho de Marjorie Garcia baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.

Imagem 06: Corte AA.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

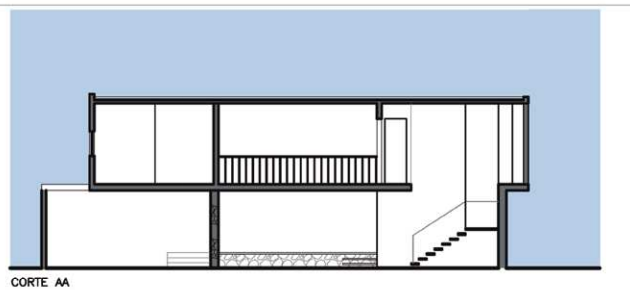


Imagem 07: Corte BB.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

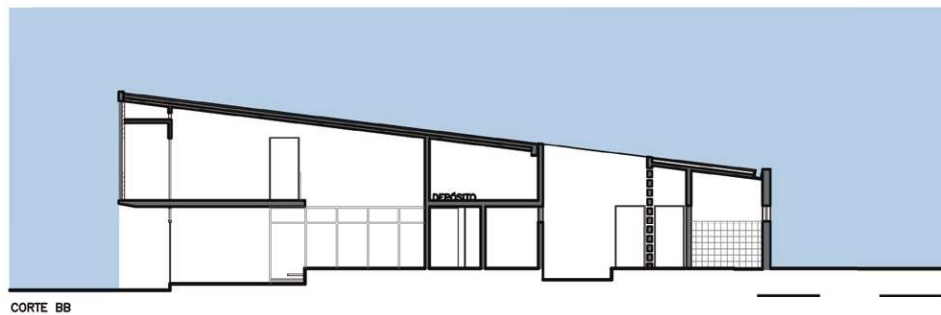
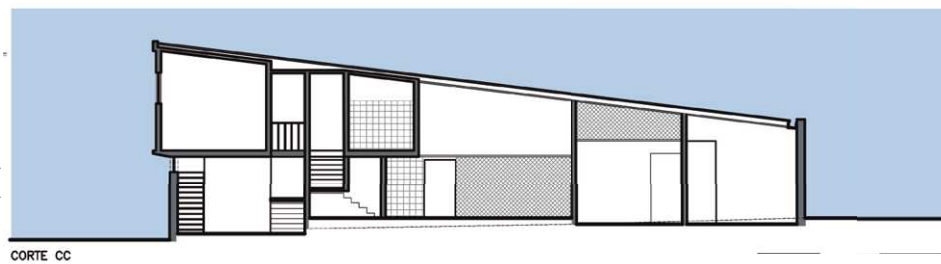


Imagem 08: Corte CC.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.



Redesenho de Marjorie Garcia baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.

3. Dimensão tectônica

3.1 Estrutura

Observa-se a perfeita união entre vedações e estrutura, ficando difícil a visualização das soluções estruturais. Acredita-se que a solução adotada faz uso de algumas paredes estruturais, já que algumas vedações do térreo possuem espessura de 25cm, e durante a reforma as mesmas foram mantidas, sendo a porção posterior da residência a mais modificada e de certa forma mais independente estruturalmente por não sustentar originalmente nenhum pavimento superior.

A parede de pedra, com espessura maior que a comumente usada, aparente em uma fachada lateral, ajuda a vencer os grandes vãos projetados, permitindo uma fluidez espacial e diálogos visuais entre as mais distintas áreas do programa. Mesmo a estrutura estando oculta pela alvenaria, identifica-se uma trama estrutural através das dimensões do ambientes e disposição de dois pilares externos à edificação, em formato circular, que sustentam o volume superior, evidenciando um dos princípios modernos.

3.2 Peles

Quanto aos fechamentos externos, a partir da perspectiva original, nota-se a predominância das esquadrias, que originalmente faziam uso de venezianas em madeira, dispostas em fita. Além destas, ambientes como as salas de estar e de refeições eram vedadas por amplos panos em vidro, do piso ao teto, que permitiam a transparência e enfatizavam a relação do interior com o exterior.

Varanda, saliências, pérgolas e cobogós protegiam as fachadas mais ensolaradas, bem como os brises usados em uma de suas fachadas laterais. Quanto à cobertura, pouca coisa foi detalhada, e de acordo com a representação, uma cobertura metálica foi aplicada diretamente sobre a laje.

3.3 Materialidade

Elemento Construtivo	Componentes	Materialidade
SISTEMA ESTRUTURAL	Estrutura Laje	Concreto armado; Maciça em concreto armado;
PELES	Fechamentos externos Cobertura Esquadrias Elementos vazados Fechamentos internos	Alvenaria revestida com massa; Metálica; Madeira e vidro; Brises em concreto; Cobogós cimentícios; Alvenaria com massa pintada; Divisórias em cobogó;
TEXTURAS	Revestimentos Pisos	Pedras em parede cega; Divisórias em madeira (closet); revestimento em madeira na parede de apoio da escada; Vários padrões: pedras (exterior); Madeira (garagem/sala de tv); Cerâmicos e pétreos; Carpete (quartos);
DETALHES	Escadas	Interna: revestimento pétreo;

3.4 Texturas e Detalhes

Quanto às suas texturas e detalhes construtivos, devido ter sido reformada, a grande maioria dos seus revestimentos e elementos originais foram perdidos, logo, são desconhecidos. No entanto, fazendo uso do material de projeto, identificou-se que padrões predominantes eram constituídos por pedras, madeira e cimento (cobogós). A escada interna, engastada lateralmente, apesar de ainda existente, foi revestida com novo revestimento pétreo, a fim de integrá-la com o restante do piso, único no decorrer de quase todo o imóvel.

A “limpeza visual” e austeridade oriunda do uso do concreto armado, foi parcialmente mantida na edificação principal, mesmo que o volume acrescido tenha características pós-modernas - com telhado aparente em tom de azul estendido sobre o volume original, embora oculto pela inclinação acentuada e fechamentos externos pintados em amarelo.

4. Dimensão funcional

Para abrigar uso médico, a edificação sofreu mudanças já bastante perceptíveis em suas fachadas. Aqui serão descritas as principais mudanças do volume térreo, o único que foi possível acessar durante a visita in loco. No entanto, tem-se conhecimento que no pavimento superior funcionam atualmente consultórios médicos, logo, adaptações foram feitas também onde anteriormente eram os quartos.

Por ser a parte frontal mais permeável, já assim prevista no projeto original, ela é a que se mantém mais preservada. Panos de vidro fecham o vão que era livre sobre pilotis, e abrigam junto à sala de estar (de acesso), salas de espera. Ainda no nível inferior, mas em sua cota mais alta (nível

intermediário) funciona a recepção, e foi mantido o pé direito duplo.

A escada também foi mantida, embora tenha sido estabelecido um extenso corredor de circulação, agora unificado por toda edificação. A sala de estudo, situada junto à escada, hoje abriga um espaço kids e teve suas esquadrias substituídas por alvenaria opaca. Uma sala de repouso foi acrescida no recuo lateral que antes finalizava numa garagem. A copa e cozinha abrigam atualmente a área de coleta de sangue e a parede de cobogó foi substituída por alvenaria, resguardando visualmente este ambiente.

O pátio interno foi vedado por vidro sendo transformado em um “jardim de inverno”, e sua localização bem como suas dimensões serviram de partido para as modificações feitas na parte posterior da antiga residência. Este foi expandido em formato “L”, sendo extinto um dos quartos, separando a edificação em duas partes: anterior e posterior, interligadas por uma circulação coberta iluminada naturalmente através do jardim.

A parte posterior da residência foi subdividida para hospedar os laboratórios de análises. Além disso foi acrescida até o final do lote, e o local antes destinado aos animais da família Pedrosa sucumbido. Surge então um novo volume em formato “L”, de coloração diferente, telhado inclinado (no sentido contrário à inclinação do volume principal), muito distinto do original.

Outras alterações importantes referem-se ao paisagismo externo, que atualmente tem seus níveis trabalhados com escadarias e rampas, substituindo a vegetação e o espelho d’água pensados anteriormente.



Imagem 09: Perspectiva atual.
Foto: Igor Michel, 2018.



Imagem 10: Volume da
intervenção.
Foto: Igor Michel, 2018.



Imagem 11: Relação entre volumes.
Foto: Hugo Dantas, 2017.



Imagem 12: Vedação dos pilotis.
Foto: Hugo Dantas, 2017.



Imagem 13: Sala de espera substituindo o alpendre externo.
Foto: Hugo Dantas, 2017.



Imagem 14: Escada interna após reforma.
Foto: Hugo Dantas, 2017.



Imagem 15: Antigo pátio interno vedado.
Foto: Hugo Dantas, 2017.



Imagem 16: Sala de coleta substituindo copa e cozinha.
Foto: Hugo Dantas, 2017.



Imagem 17: Circulação que interliga volumes.
Foto: Hugo Dantas, 2017.



Imagem 18: Perspectiva original.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

Redesenho de Marjorie Garcia baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.

5. Dimensão Formal

Um elemento de força plástica nesta composição vem a ser o telhado inclinado, bastante notável no material de projeto original. O jogo de planos do edifício foi trabalhado através do predomínio da horizontalidade do volume, recebendo um pavimento superior concentrado na parte frontal do terreno, que extravasa os limites da edificação térrea, mas torna-se oculto e integrado ao restante do volume pelo recorte diagonal da cobertura, portanto, monolítico. Além disso, os revestimentos e materiais externos ajudavam na unidade dos volumes.

No entanto, todas as alterações citadas, refletiram sobre a forma atual da edificação, que se comparada à perspectiva original, tornou-se praticamente irreconhecível. O volume acrescido embora seja distinto do original, provocou inúmeros danos sobre a edificação, que acabaram por descaracterizá-la, como será visto adiante.

Conservação do imóvel

Entendendo como preservação, a manutenção do estado existente além da tentativa de retardar sua deterioração, conforme definição da Carta de Burra (1999, art. 1.6), o bem não tem uma legislação de proteção incidente sobre ele. Sendo assim, as alterações danosas acabaram sendo permitidas e acontecem sem nenhuma fiscalização sobre este e todo patrimônio edificado do bairro da Prata.

Não está tombada e nem faz parte de um sítio histórico devidamente reconhecido, apesar de seus valores e princípios modernos. Por conta desse não reconhecimento como bem patrimonial por parte de órgãos preservacionistas, a obra sofreu uma intervenção anos atrás, que a reformou - ou seja, não considerou os atributos originais, perdendo a sua

autenticidade estilística e seus elementos fundamentais de modernidade.

ZANCHETTI (2014, p.07) baseando-se em Ashley-Smith define dano como “mudança indesejável de estado do objeto percebida pelo conservador, ou pelo seu cliente-proprietário, utilizando um determinado instrumental de análise, segundo uma perspectiva específica de observação e em um determinado contexto.”

Logo, o dano depende do contexto de observação. Sendo assim, trata-se de uma avaliação subjetiva. Aqui serão levados em consideração os princípios anteriormente citados no tópico de aporte teórico, pois estes são referentes às teorias já amplamente discutidas por autores renomados, pertencem, portanto, à ética da preservação.

Entendido isto, os fatores construtivos, que compõem a tectônica da modernidade, tais como o sistema estrutural, a materialidade e seus detalhes que adotaram o concreto armado, os cobogós, as esquadrias originais em madeira com venezianas, foram todos perdidos. As peles que formavam a superestrutura da obra já não mais existem: substituíram os planos tectônicos em madeira, por um grande painel em vidro (fachada frontal).

A substituição de materiais, bem como as alterações formais, acabou por adaptar a edificação ao novo uso, no entanto, o princípio de impacto mínimo não foi respeitado, tendo em vista que a obra nova distorceu e desvirtuou sua interpretação e associação ao Movimento Moderno. Os princípios de reversibilidade e compatibilidade de técnicas e materiais, também acabaram sendo comprometidos, uma vez que os materiais do volume introduzido não poderão ser alterados com facilidade e descaracterizaram a antiga edificação.

A photograph of a house's exterior at night. In the foreground, a set of stone steps leads up to a porch. A metal handrail is on the right side of the steps. To the left, a brick wall is visible. In the background, a tree with long, thin leaves stands in front of a house with large windows. The house is lit from within, and the sky is dark. The text '1962' is overlaid on the left side of the image.

647 **1962**

Residência João Felinto de Araújo

Hugo Marques





Imagem 02: Localização da Residência João Felinto no bairro Prata.
Fonte: GRUPAL, 2018.



FICHA TÉCNICA

OBRA	Residência João Felinto de Araújo
PROJETO	Hugo Marques
CONSTRUÇÃO	Engenheiro Civil Nilton de Almeida Castro
ANO	1962
LOCALIZAÇÃO	R. Antenor Navarro X Av. Rio Branco, 647. Prata
ÁREA DO TERRENO	936,00 m ²
ÁREA CONSTRUÍDA	591,00 m ²

Será analisada a seguir, a Residência João Felinto de Araújo, situada na esquina entre a Avenida Rio Branco e a Rua Antenor Navarro, nº 647, no bairro Prata. A edificação está inserida numa quadra de usos mistos. O que chama atenção em seu entorno, é o fato de aproximadamente metade da quadra ser ocupada pelo conjunto de edificações onde funcionou a Casa de Saúde Dr. Francisco Brasileiro (1946), referência em todo Nordeste brasileiro naqueles anos, devido aos seus modernos equipamentos.

Logo, considerado atual polo médico da cidade, o bairro abrigou desde a década de 1940, um grande equipamento voltado para esta finalidade. No entanto, o complexo de saúde citado acima, encontra-se atualmente sem uso e abandonado, o que é no mínimo contraditório. Quanto à residência estudada, trata-se de um exemplar ainda usado como moradia pela família Felinto, e também por isso, entende-se seu bom estado de conservação.

1. Dimensão Histórica

Quanto à história desta edificação, sua construção foi solicitada em abril de 1962, pelo comerciante do ramo de embalagens plásticas, João Felinto de Araújo. Aprovada pelo Departamento de Planejamento e Urbanismo da Prefeitura Municipal de Campina Grande, o projeto anexo ao requerimento, de autoria de Hugo Marques, tratava-se de uma residência com 591 m² de área construída, tendo o pavimento inferior 187m² e o superior 404m² de área. O engenheiro responsável pela obra foi Nilton de Almeida Castro.

Nas proximidades, já existia o Centro de Educação Profissional Professor Stenio Lopes (SENAI), a Casa de Saúde Dr. Francisco Brasileiro e estaria sendo concluída a obra para inauguração do Centro de Atividades Aprígio Velloso da Silveira (SESI- Clube do Trabalhador), naquele mesmo ano.

2. Dimensão espacial

1.1 Espaço externo

Sobre o projeto, situada num lote retangular, de esquina e dimensões aproximadas 24 x 39m, a edificação foi distribuída linearmente no eixo Norte-Sul. Tirou-se partido da predominância dos ventos sudeste e leste para locação das áreas de maior permanência, como os quartos que foram colocados na fachada leste. Foi aterrada para elevação do pavimento superior, aproximadamente 1m em relação ao nível da cota de acesso, possibilitando um pé direito de 2,80 ao pavimento inferior, totalmente oculto na fachada principal. Assim, fez-se necessário a utilização de muros de arrimo e degraus para vencer essas diferenças de alturas.

Acesso de pedestre bem separado do acesso de automóveis, localizado na fachada lateral, situado à Rua Antenor Navarro. Analisando seu exterior, a residência da família Felinto possui um terraço integrado visualmente ao jardim frontal, estabelecido na cota mais alta do terreno, onde o projetista determinou áreas impermeáveis revestidas por ladrilhos antiderrapantes e permeáveis para locação da árvores e arbustos. Nesta residência, o recuo frontal se divide em dois níveis, sendo no mais elevado, desenhado um espelho d'água, atualmente substituído por vegetação.

A fachada principal, acessada pelo pedestre, é constituída por gradis, assim a visibilidade é permitida para maior interação do interior com exterior, e vice-versa. Já a fachada lateral, tem o pavimento da garagem oculto por um muro opaco, revestido em pedra, proporcionando maior privacidade e contenção do terreno, escalonado em diferentes níveis.

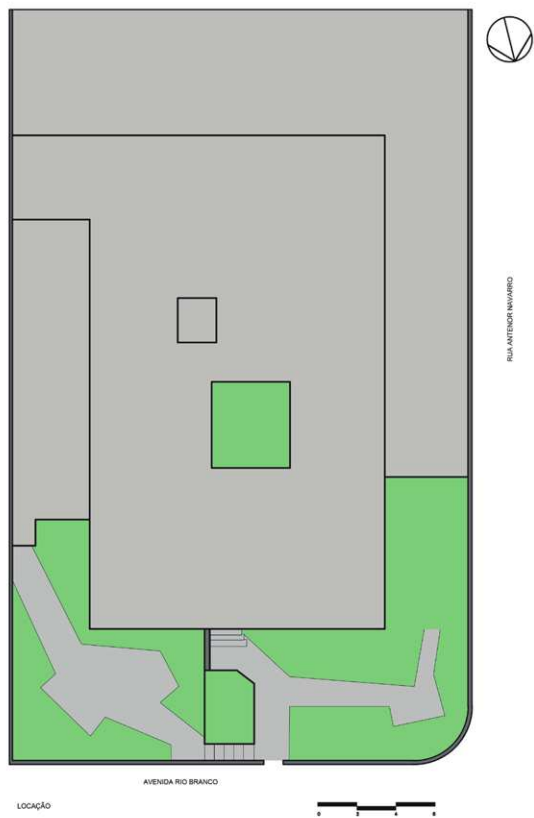


Imagem 03: Locação da Residência João Felinto.
 Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

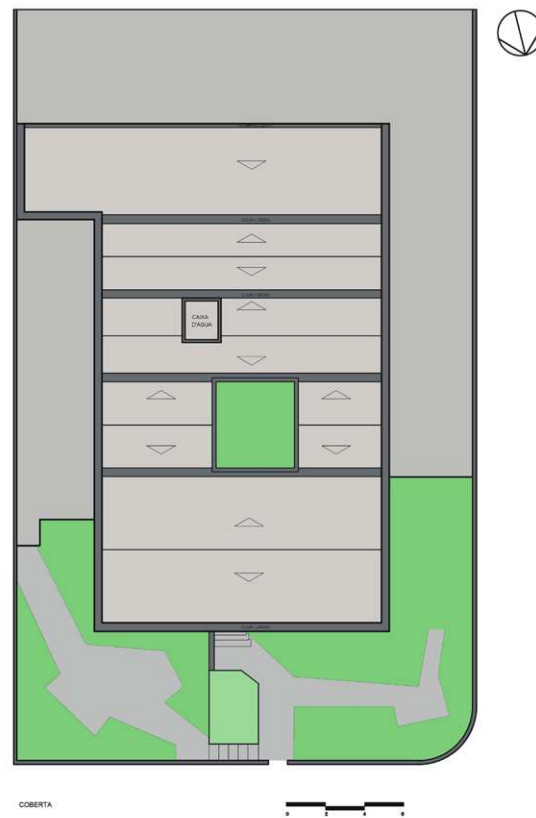


Imagem 04: Coberta da Residência João Felinto.
 Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

Redesenho de Maria Luísa Ninácio baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.

2.2 Espaço interno

Internamente, a configuração em planta foi feita a partir de um zoneamento de usos. Logo, foi subdividida em três zonas: social, íntima e de serviço, distribuídas em meio níveis enfatizando um relacionamento próprio entre si e com o terreno. Um pátio interno central funciona como núcleo e elemento separador entre as zonas, além de permitir maior incidência de iluminação natural.

A garagem confinada, situada na cota inferior do terreno, abaixo do bloco da cozinha, pode ser acessada pelo terraço interligado por meio de uma rampa à varanda superior, ou através de uma escada que termina próxima à sala de refeições. Copa e cozinha se integram em um mesmo ambiente, esta última conjugada à uma despensa e a outra cozinha (suja).

Um ambiente denominado costura faz a transição entre a zona de serviço e a zona íntima dos quartos. Três dormitórios, sendo dois deles iguais, e o último muito semelhante mudando apenas o layout, voltam-se para o recuo lateral. Apenas o quarto do casal está voltado para o jardim frontal, possuindo a melhor orientação. A sala vedada por panos de vidro, integra-se totalmente ao terraço. Neste, apenas uma parede de cobogó cerâmico resguarda o ambiente de transição entre público e privado.

No pavimento inferior, locado lateralmente, o bloco de serviço, formado por uma lavanderia extensa (dividida no desenho em lavanderia empregada e lavanderia família) e dormitórios de empregadas, é iluminado por extensa faixa de janelas em ferro e vidro.



Imagem 05: Planta baixa do pavimento térreo.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

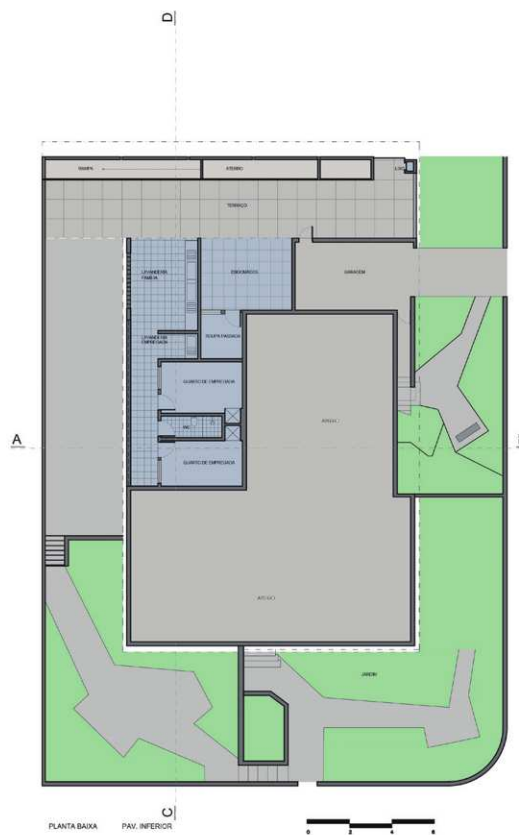


Imagem 06: Planta baixa pavimento superior.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

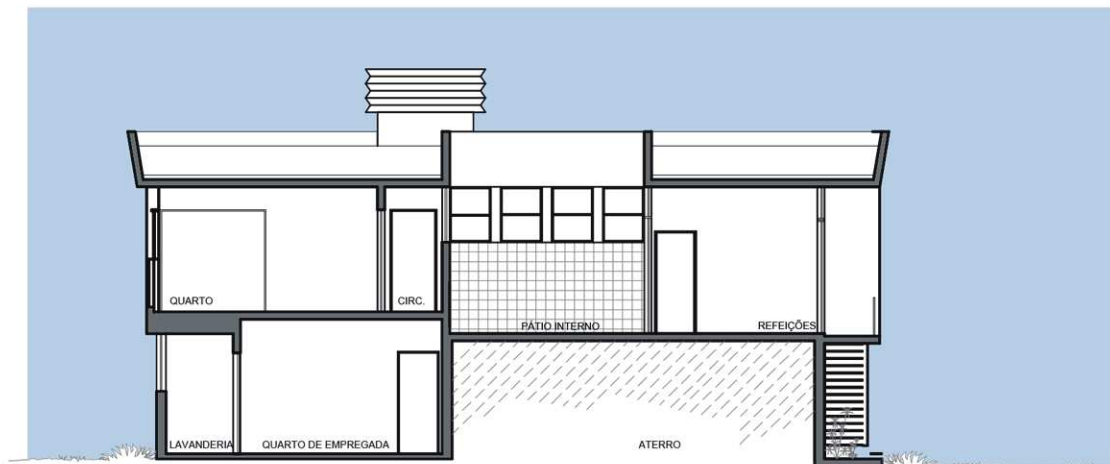
- ZONA SOCIAL
- ZONA ÍNTIMA
- ZONA DE SERVIÇO

Redesenho de Maria Luísa Ninácio baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.

3. Dimensão tectônica

3.1 Estrutura

Quanto à estrutura, é constituída por concreto unido às paredes, tornando as soluções estruturais ocultas e imperceptíveis. Assim, mesmo diante da ausência da representação de elementos estruturais como pilares e vigas, pode-se concluir que a solução adotada faz uso de concreto, e pela representação técnica, acredita-se que sua laje é maciça de concreto armado. Os muros de arrimo que seguram os aterros também atuam como solução estrutural. São revestidos por pedras, e responsáveis por apoiar todo o pavimento superior, além de ocultar o inferior.



CORTE AB

Imagem 07: Corte AB.
 Fonte: Arquivo Municipal, 2017.



CORTE BC

Imagem 08: Corte CD.
 Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

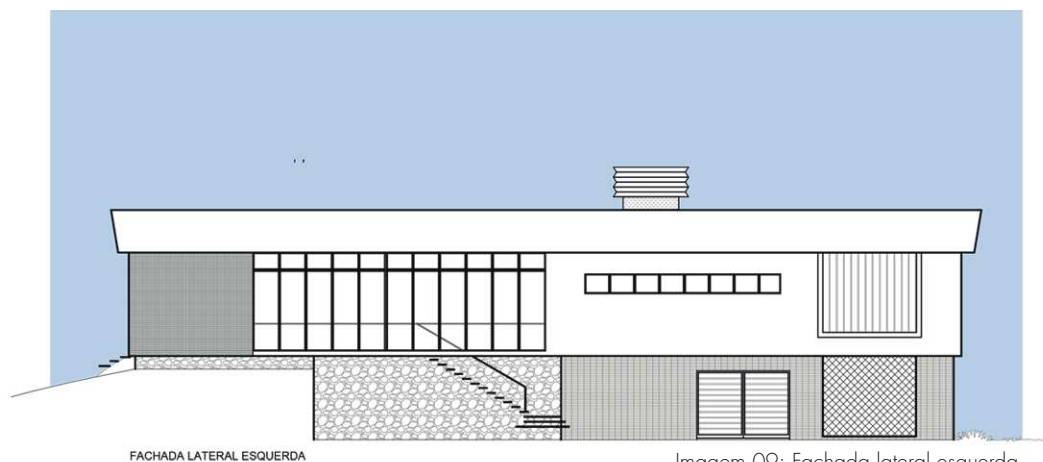


Redesenho de Maria Luísa Ninácio baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.

3.2 Peles

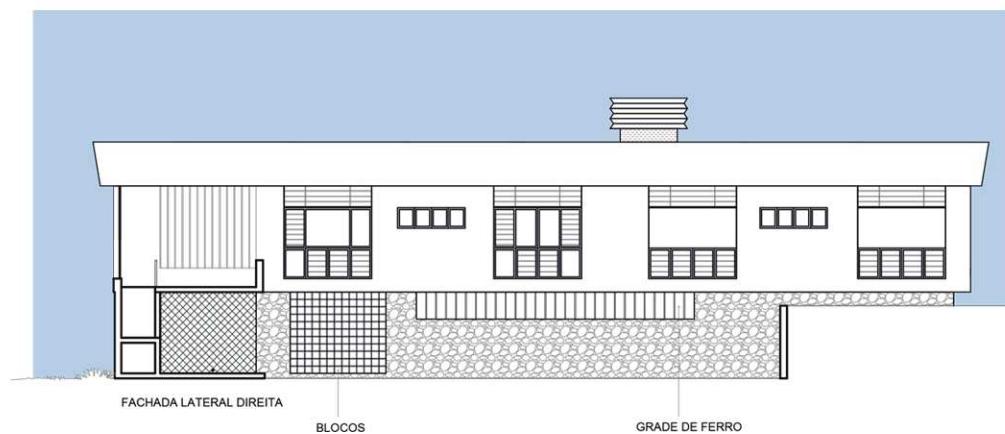
Externamente, os fechamentos tratam-se de alvenaria revestida por massa na cor branca. No entanto, esta unidade é quebrada por grandes panos de esquadrias em alumínio e vidro (fachada lateral esquerda), ou pelas esquadrias em madeira e vidro (fachada lateral direita).

Enquanto que, internamente, a integração visual entre os ambientes, torna-se amplamente possível devido ao uso de fechamentos transparentes como as vedações do jardim interno. Além deste, outro fechamento marcante foi usado na sala de refeições, um painel em madeira que oculta a porta de correr, solução ainda contemporânea (imagem 14).



FACHADA LATERAL ESQUERDA

Imagem 09: Fachada lateral esquerda.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.



FACHADA LATERAL DIREITA

BLOCOS

GRADE DE FERRO

Imagem 10: Fachada lateral direita.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

Redesenho de Maria Luísa Ninácio baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.



Imagem 11: Peles da fachada principal.
Foto: Matheus Luna, 2018.



Imagem 12: Peles da fachada lateral.
Foto: Marjorie Garcia, 2018.



Imagem 13: Pátio interno.
Foto: Matheus Luna, 2018.



Imagem 14: Contraste de vedações
em vidro e painel em madeira.
Foto: Matheus Luna, 2018.

3.3 Materialidade

Elemento Construtivo	Componentes	Materialidade
SISTEMA ESTRUTURAL	Estrutura Laje	Concreto armado; Maciça em concreto armado;
PELES	Fechamentos externos Cobertura Esquadrias Elementos vazados Fechamentos internos	Alvenaria revestida com massa; Alumínio; Madeira e vidro; Alumínio e vidro; Brisas fixos em concreto; Cobogós cerâmicos; Alvenaria com massa pintada em látex branco; Divisória em madeira;
TEXTURAS	Revestimentos Pisos	Pedras em muros; Azulejo na cor verde (cozinha); revestimento cerâmico do tipo "tijolinho" (parede externa); Vários padrões: ladrilhos antiderrapantes (vermelho) e pedras (exterior); granito e granilite (interior);
DETALHES	Escadas	Externa: mármore claro.

3.4 Texturas

Padrões estéticos marcantes são usados nos pisos e paredes, como por exemplo os azulejos e revestimentos cerâmicos que revestem as zonas de serviço. A madeira é responsável pela sofisticação dos ambientes, revestindo alguns pisos, paredes e constituindo inclusive, o forro do banheiro (detalhado na imagem 16). Carpetes são usados nos pisos de todos os quartos desde sempre.

Nas paredes, o revestimento cerâmico em formato de “tijolinho”, usado externamente para proteção da platibanda auxilia na diferenciação de planos, além de enfatizar a horizontalidade deste elemento. Um outro revestimento cerâmico de formato retangular foi usado para revestir algumas paredes externas, aplicado na posição vertical, de coloração terrosa rejuntado na cor branca (imagem 17), contraste visual usado para maior evidência do pavimento inferior, bem como do seu vazio.

3.5 Detalhes

Quanto aos detalhes, a escada externa, engastada numa viga central, tem degraus revestidos por pedra, recortados a fim de evidenciar a viga. Nos espelhos, pedra preta enquanto que nas bases pedras brancas foram usadas. São arrematados por corrimão vazado em ferro, que se interliga ao guarda corpo no alpendre e varanda da suíte.

Mobiliários fabricados em madeira e produzidos artesanalmente, com adornos decorativos chamativos, encontram-se por toda residência e estão muito bem conservados. Além destes, obras de arte estão exibidas, evidenciando gosto refinado bem como poder aquisitivo de seus proprietários. Uma estatueta esculpida em pedra sabão recepciona os

visitantes junto à escada social.

Outro detalhe relevante de ser citado, refere-se às esquadrias de quatro folhas estruturadas em madeira e vedadas por vidro, são do tipo “de correr”, mas sanfonadas, diminuindo de certa forma a área útil dos quartos. Outras são do tipo basculante, constituídas por ferro e vidro, permitem iluminação natural ao mesmo tempo que impede a ventilação de acordo com o desejo do usuário.

4. Dimensão funcional

Sobre sua funcionalidade, pouca coisa mudou, já que ainda abriga o uso residencial para que fora projetada. Segundo a viúva de João Felinto, apenas uma pérgola em madeira foi introduzida como cobertura do pátio interno, com intenção de amenizar a insolação direta. A sala de costura é atualmente usada como sala de TV, e a abertura de acesso à circulação da zona íntima foi vedada e aberta na mesma parede, sendo que mais próxima ao ambiente da cozinha.

Ainda em relação a este ambiente, a abertura existente em planta entre a sala de costura e a circulação da zona de serviço não foi executada, uma vez que a despensa foi vista como desnecessária e as cozinhas unidas em um grande vão. Ainda em relação ao pavimento superior, torna-se importante citar o acréscimo de um banheiro feito em um dos quartos, responsável por diminuir a área de varanda. De acordo com as informações coletadas in loco, esta foi uma necessidade sentida após a residência começar a ser usada, pois um só banheiro se tornou insuficiente para atender três quartos, além de proporcionar maior privacidade.

Por fim, o terraço situado no pavimento inferior, é atualmente usado como



Imagem 15: Textura de piso.
Foto: Matheus Luna, 2018.

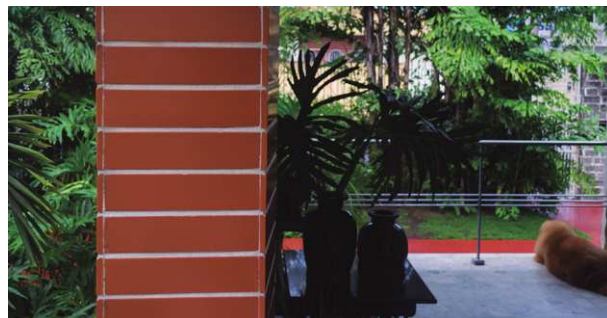


Imagem 16: Revestimento cerâmico parede externa.
Foto: Matheus Luna, 2018.



Imagem 17: Azulejo nas paredes do pátio interno.
Foto: Matheus Luna, 2018.



Imagem 18: Detalhes da escada externa.
Foto: Marjorie Garcia, 2018.



Imagem 19: Mobiliário em madeira.
Foto: Matheus Luna, 2018.



Imagem 20: Sala de jantar.
Foto: Matheus Luna, 2018.

um espaço fitness e de relaxamento. Outros ambientes que tiveram seus usos modificados foram as dependências de empregadas, sendo hoje usados como depósitos, o que de certa forma evidencia a mutação de necessidades e relações no âmbito familiar, entre contratante e prestadores de serviços, e na sociedade como um todo.

A título de esclarecimento, o lote pertencente à família Felinto, dispõe ainda de zona de lazer, com piscina e edícula situadas ao fundo do lote, mas não consideradas nesta análise, por seus desenhos não terem sido detalhados nem encontrados junto ao projeto original. Como justificativa, tratam-se de construções posteriores.

5. Dimensão formal

A forma retangular e pura é quebrada apenas por uma pequena inclinação da platibanda (visível em corte) e pelo “zigzague” desenhado para o reservatório de água (não sendo possível atestar sua execução pela impossibilidade de visualização). No entanto a diversidade de aberturas e materiais diferenciam os planos. O uso de brises fixos, elementos vazados como cobogós, e materiais regionais caracterizam esta arquitetura influenciada por princípios estrangeiros, mas essencialmente campinense.

Se analisada a vista superior, nota-se a quantidade de quedas d’água do telhado, que totalizam nove no desenho. No entanto, aparentemente esse número foi reduzido, embora estejam ocultas pela platibanda que dá unidade ao volume monolítico.



Imagem 21: Detalhe esquadria em madeira e vidro.
Foto: Matheus Luna, 2018.



Imagem 22: Detalhes esquadria em alumínio e vidro.
Foto: Matheus Luna, 2018.



Imagem 23: Detalhe da pérgola em madeira e contraste de pisos. Foto: Marjorie Garcia, 2018.

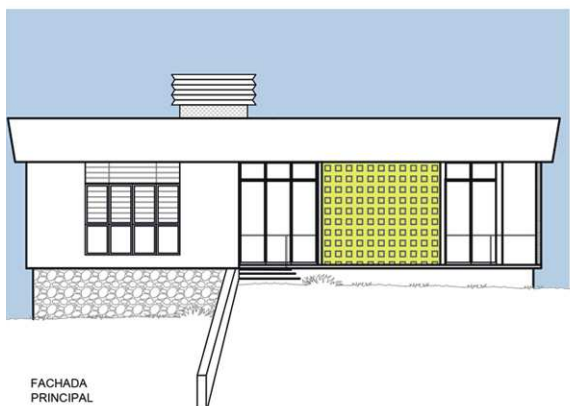


Imagem 24: Fachada frontal.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

Redesenho de Maria Luísa Ninácio baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.

Conservação do imóvel

Quanto a preservação legal, esta edificação não se encontra protegida, pois não está inserida em área de interesse cultural (ZEIC-Plano Diretor, 2006), nem foi cadastrada ou registrada na listagem de bens imóveis tombados de Campina Grande. Assim, qualquer intervenção está legalmente autorizada, até mesmo o seu desaparecimento. Essa situação de risco é preocupante, uma vez que imóveis em bairros centrais como a Prata, tornam-se alvo da especulação imobiliária, principalmente no caso deste exemplar, por se tratar de um lote de grandes dimensões.

Em relação à conservação física, seu estado é considerado muito bom, devido nenhuma alteração volumétrica ter sido feita. Além disso, um valor afetivo parece envolver a obra, já que sua principal usuária é viúva do proprietário solicitante da construção, e manutenções foram feitas ao longo dos anos, tendo em vista que patologias graves não são visíveis. Conclui-se, portanto, que este é considerado um imóvel com potencial para tombamento isolado, por ser exemplo significativo da modernidade campinense, no ponto de vista arquitetônico, devendo ser preservado a fim de ser conhecido por gerações futuras.



1963

**Residência José de
Alemida Torreão**

Geraldino Duda





Imagem 02: Localização da Residência José Torreão no bairro Prata.
Fonte: GRUPAL, 2018.



FICHA TÉCNICA

OBRA	Residência José de Almeida Torreão
PROJETO	Geraldino Duda
CONSTRUÇÃO	Engenheiro Civil Laelson de Castro
ANO	1963
LOCALIZAÇÃO	R. Marechal Deodoro, 404. Prata
ÁREA DO TERRENO	333,50 m ²
ÁREA CONSTRUÍDA	253,90 m ²

Será analisada a seguir, a Residência José de Almeida Torreão, situada à Rua Marechal Deodoro, nº 404, no bairro Prata. A edificação está inserida numa quadra de usos mistos, havendo a predominância de serviços médicos, como laboratórios, farmácia, além do centro médico São Paulo. Como visto anteriormente, o bairro é o atual polo médico da cidade. Embora este seja um exemplar ainda usado como residência, torna-se evidente o risco de seu desaparecimento ou “adaptação” a um novo uso, tendo em vista sua boa inserção no bairro, os usos de seu entorno e o fato de terrenos como este serem alvos de especulação imobiliária.

1. Dimensão histórica

A partir de agora serão vistos alguns pontos sobre a história do imóvel. Sobre sua construção, em maio de 1963, José de Almeida Torreão tendo contratado o engenheiro Laelson de Castro para administração de uma casa, solicitava o alvará de licença para realização do serviço discriminado no material anexo ao requerimento.

Por não ser claro quanto à construção de uma residência em sua solicitação, não se sabe ao certo se havia uma edificação antecedente no local. O fato é que na documentação levantada junto ao Arquivo Municipal, não foi encontrada planta de convenções, já utilizada naquela época, também chamada planta de reforma (encontrada junto a outros exemplares no decorrer da pesquisa).

Sendo assim, acredita-se que se havia outra edificação, ela foi totalmente substituída por uma residência de autoria de Geraldino Duda, no ano de 1963. Aprovada pelo Departamento de Planejamento e Urbanismo da Prefeitura Municipal de Campina Grande, o projeto anexo ao requerimento tratava-se de uma residência com área de 253,90m², com um pavimento térreo e um pavimento nomeado pelo projetista como porão, por se tratar do nível mais baixo do terreno.

2. Dimensão espacial

1.1 Espaço externo

Sobre o seu projeto, o edifício foi distribuído em um terreno retangular, ocupando o centro do lote. Tirou-se partido da predominância dos ventos sudeste e leste para solucionar a planta baixa da edificação, sendo posicionados a maioria dos quartos bem como as maiores aberturas na fachada leste. Dividida em três níveis, sendo um deles intermediário, o projetista tirou partido da topografia local, dividindo os ambientes a partir de suas funções em diferentes cotas.

O tratamento paisagístico externo visa atenuar o declive topográfico, com alpendre integrado à vegetação do jardim. O recuo frontal generoso, tratado de forma a se apropriar da topografia, divide-se em dois níveis, com acesso para automóvel a partir da cota inferior. O nível intermediário, que toca o solo em sua cota mais elevada, apoia-se sobre um aterro, podendo ser acessado através de uma escada externa.

Embora seja predominante pavimentado, o jardim possui lugares destinados a disposição da vegetação. Esta, por sua vez, tornou-se um bloqueio visual, fazendo a residência passar despercebida pelo passante.

Uma edícula erguida no fundo do lote, não aparece no material de projeto original. Logo, acredita-se que ela foi construída posteriormente.

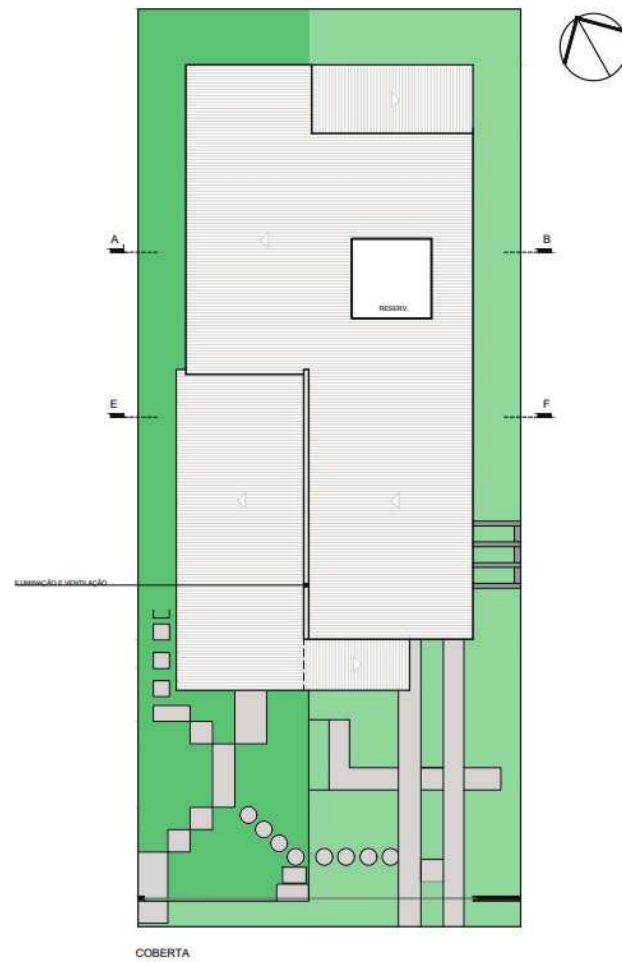


Imagem 03: Locação e cobertura da Residência José Torreão.
 Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

Redesenho de Carine Ayanne baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.

2.2 Espaço interno

○ programa de necessidades se divide pela setorização de ambientes, de acordo com seus usos e funções. Assim, formam-se três zonas, são elas: social, íntima e de serviço. Igualmente, acontece com as circulações verticais. Três escadas possibilitam a transição entre níveis, sendo a única interna, a escada íntima, formada por dois lances. Esta liga diretamente a circulação do nível inferior, onde convergem os fluxos dos usuários da garagem e também do único quarto locado neste pavimento, ao nível intermediário ou ao superior.

○ acesso social, acontece através da escada externa, mas coberta por marquise, situada no recuo frontal do terreno. Esta encontra com o alpendre, protegido, área de transição entre público e privado, por anteceder o acesso à sala de estar. Já o acesso de serviço, acessado pelo recuo lateral, encontra-se situado no recuo posterior da residência, estando totalmente resguardado. Sob a escada de serviço, está um depósito.

Embora seu programa em planta esteja distribuído em diferentes níveis, a integração entre zonas é garantida pelas circulações verticais anteriormente descritas. Através do acesso íntimo, núcleo central da edificação, pode-se chegar a qualquer área da residência sem a necessidade de circular pelas demais. Logo, devido aos acessos independentes, tornam-se espaços fluidos ao mesmo tempo que são isolados.

Sendo pertinente também às outras edificações, banheiros são compartilhados entre quartos, já que só o quarto do casal é suíte, composto também por closet. O setor de serviço, situado no pavimento inferior, aparentemente aberto, foi vedado para abrigar uma boutique. Dispondo de duas dependências, esta zona também poderia ser acessada

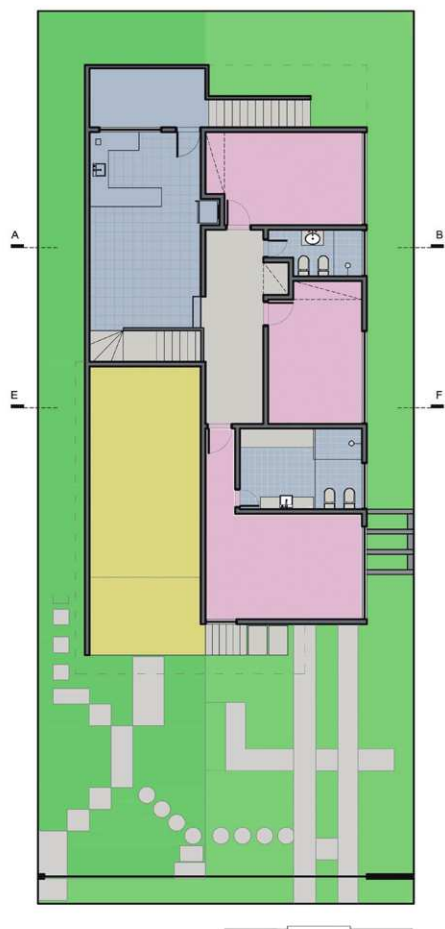


Imagem 04: Planta baixa do pavimento térreo. Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

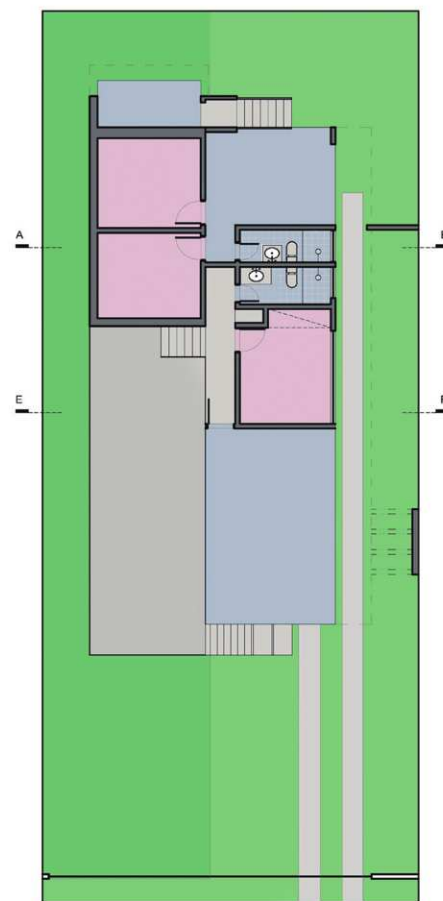


Imagem 05: Planta baixa pavimento porão. Fonte: Arquivo Municipal, 2017.



Redesenho de Carine Ayanne baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.

de maneira independente por meio do recuo lateral.

Esta organização, possibilitou fluxos ordenados ao mesmo tempo que garante a utilização de diversos espaços simultaneamente, sem intromissão de visitantes ou funcionários. Nota-se, portanto, mais uma vez, a busca pela comodidade aliada à funcionalidade.

3. Dimensão tectônica

3.1 Estrutura

Observa-se a perfeita união entre arquitetura e estrutura, ficando difícil até mesmo a visualização das soluções estruturais, que só aparecem de forma mais clara somente nos cortes, sendo possível destacar a disposição das vigas que seguem uma malha estruturante. Assim, mesmo diante da ausência da representação de elementos estruturais como pilares, pode-se concluir que a solução adotada faz uso de concreto armado, e pela representação técnica, acredita-se que sua laje, mais espessa que a comumente usada, é nervurada de concreto moldada in loco com enchimento de tijolo cerâmico.

Torna-se relevante citar também o muro de arrimo do jardim, revestido por pedra, bem como o aterro feito no pavimento do porão, responsável por apoiar todo o pavimento intermediário. Para contenção da movimentação de terra, as paredes do pavimento inferior são mais espessas, atuam, portanto, como parte importante da solução estrutural.



CORTE AB



Imagem 06: Corte AB.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.



CORTE EF



Imagem 07: Corte EF.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

Redesenho de Carine Ayanne baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.

3.2 Peles

Quanto aos fechamentos externos, tratam-se, predominantemente, de alvenaria revestida com massa pintada em salmão e amarelo, com platibandas e marquise em destaque com coloração um pouco mais escura. Através da pintura, nota-se as marcas do tempo e a urgente necessidade de manutenção, lodo e pátina²⁹ estão em todas as superfícies externas, responsáveis pelo aspecto de sujeira.

A cobertura é composta por telhas onduladas em alumínio, encontrando-se oculta por platibanda. (imagem 08) A parede de pedra, empena cega aparente em uma fachada lateral, sustenta uma pérgola de concreto que se apoia na laje piso do pavimento mais elevado, sobressaindo o perímetro do pavimento porão, uma saliência usada para amenizar a insolação da fachada leste. (imagem 09)

Uma solução, muito usada pelo projetista (também poderá ser vista mais à frente em outro exemplar de sua autoria), trata-se da utilização da diferença de altura entre os níveis, nesse caso o intermediário e o mais elevado, para introdução de esquadria alta, permitindo assim, iluminação e ventilação naturais. Quanto às outras esquadrias, são em sua maioria, constituídas por venezianas em madeira e vidro. (imagem 10)

29. Pátina é um composto químico que se forma na superfície de um metal, devido exposição às intempéries climáticas. Por se tratar de um termo bastante difundido, passou a ser utilizado para caracterizar o envelhecimento de qualquer material. No acervo moderno, embora decorrente da passagem do tempo, está muitas vezes, associada a sujeira e degradação.

Os fechamentos internos são opacos, revestidos com massa e pintado em látex amarelo e salmão, coloração que se estende aos armários dos quartos, perfeitamente enquadrados em recortes feitos nas paredes para acultá-los (nesta residência há um cofre) ou a geladeira, como acontece na copa. A relação buscada entre interior e exterior, é enfatizada apenas pelas amplas esquadrias, como por exemplo, a porta de acesso à sala de estar, estruturada em madeira com vedações de vidro, totalmente integrada ao alpendre e jardim.



Imagem 08: Pátina nas peles externas.
Foto: Hugo Dantas, 2017.

Imagem 09: Parede cega revestida por pedra apoia pérgola externa em concreto.
Foto: Hugo Dantas, 2017.

Imagem 10: Esquadrias em venezianas de madeira e vidro.
Foto: Hugo Dantas, 2017.



Imagem 11: Integração com exterior por meio de esquadria em alumínio e vidro.
Foto: Hugo Dantas, 2017.

3.3 Materialidade

Elemento Construtivo	Componentes	Materialidade
SISTEMA ESTRUTURAL	Estrutura Laje	Concreto armado; Nervurada com vigotas em concreto armado moldada in loco com enchimento de tijolo cerâmico;
PELES	Fechamentos externos Cobertura Esquadrias Elementos vazados Fechamentos internos	Alvenaria revestida com massa; Alumínio; Madeira e vidro; Pérgola externa em concreto; Alvenaria com massa pintada em látex salmão e amarelo;
TEXTURAS	Revestimentos Pisos	Pedra em algumas paredes externas; Banheiros com azulejos rosa e azul; Vários padrões: ladrilho hexagonal em arenito fosco preto (garagem) e vermelho (exterior); granilite verde e branco + branco e preto (copa); carpete (sala).
DETALHES	Escadas	Externa: Granilite fosco cinza e vermelho; Interna: Granilite fosco verde e branco;

3.4 Texturas

Quanto aos revestimentos externos, o que mais chama atenção nesta residência é o uso da pedra, que se torna padrão característico, usada em duas paredes externas além de ser marcante no paisagismo. (imagem 12) Internamente, um padrão bastante característico do projetista, são os azulejos coloridos utilizados como revestimento nos banheiros, esta edificação tem um banheiro rosa e outro azul.

A diversidade de pisos é imensa, sendo o granilite o material em destaque, combinado de diferentes maneiras, possuindo diversos formatos, originando assim padrões pouco repetitivos. Um que chama atenção foi usado na copa (imagem 13), e faz uso das cores verde, branco e preto. Externamente, ladrilhos hexagonais em arenito fosco, foram usados na garagem (preto) e em alguns caminhos externos laterais à edificação (na cor vermelho).

3.5 Detalhes

Quanto aos detalhes, vale ressaltar uma solução adotada na única escada interna. Com formato "L", para que atenda ao pavimento intermediário foi utilizado um patamar ao final no primeiro lance de degraus, terminando na sala de estar. O segundo lance dá continuidade aos degraus que mudam de direção para atender também ao nível mais elevado, o da copa, cozinha e quartos. Revestida por granilite nas cores verde e branco, a escada é integrada visualmente ao piso da copa. (imagem 16)

A escada externa, de acesso social, adota como solução plástica e estética, o uso de uma viga central, sendo possibilitado o espaçamento entre seus pisos, o que a torna leve. No entanto, os degraus são marcados pela

Imagem 12: Revestimento pétreo em paredes externas.
Foto: Hugo Dantas, 2017.



Imagem 13: Granilite no piso da cozinha.
Foto: Hugo Dantas, 2017.



Imagem 14: Ladrilho hexagonal no piso da garagem.
Foto: Hugo Dantas, 2017.



Imagem 15: Ladrilho hexagonal caminho externo.
Foto: Hugo Dantas, 2017.



Imagem 16: Escada interna em granilite.
Foto: Hugo Dantas, 2017.





Imagem 17: Escada externa.
Foto: Hugo Dantas, 2017.

Imagem 18: Porta do ambiente de
serviço / loja.
Foto: Hugo Dantas, 2017.



Imagem 19: Mobiliários em
madeira e peles internas.
Foto: Hugo Dantas, 2017.

Imagem 20: Detalhes de luminária
pendente na sala de estar.
Foto: Hugo Dantas, 2017.

diferença de cores do granilite, ora vermelho, ora cinza. (imagem 17)

Quanto aos detalhes de esquadrias, uma porta usada para vedação da área chamada serviço, situada no pavimento porão, tem desenho diferenciado, evidenciando, talvez, um uso posterior a fase de construção. Este faz uso de formas circulares em vidro, com intuito de marcar o uso de boutique da esposa de José Torreão. (imagem 18)

Também foi possível perceber, durante visita in loco, a existência de mobiliários característicos da época, exaltados pela viúva Torreão. São móveis em madeira com adornos esculpidos artesanalmente, e ainda em bom funcionamento. Luminárias também são detalhes bem preservados, sendo possível notar o apelo estético desses elementos. Externamente, na fachada frontal, percebe-se a indicação de luminárias pendentes, no entanto, durante a visita foram vistas luminárias mais singelas, do tipo sobrepor, modificadas desde a época de construção. (imagem 20)

4. Dimensão funcional

Ainda abrigando o uso residencial, este exemplar se encontra praticamente intacto, embora tenha sido notada a necessidade de manutenções para que sejam sanadas suas urentes patologias. A única alteração, que segundo a viúva é resultado da insegurança, trata-se da implantação de grades, principalmente na fachada de acesso e a mudança de usos da zona de serviço inferior, usadas posteriormente como boutique.

5. Dimensão formal

A forma da edificação é resultado do formato retangular do lote, bem como da apropriação buscada pelo projetista, ao terreno. O jogo de planos do

Imagem 21: Fachada frontal.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.



FACHADA
PRINCIPAL

Redesenho de Carine Ayanne baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.

edifício foi trabalhado através do predomínio da horizontalidade, embora sejam visíveis seus três volumes na fachada principal. Sua disposição em diferentes níveis, dinamiza a fachada, principalmente pelas subtrações feitas nos volumes puros, bem como as saliências do volume superior que extravasam os limites da edificação. A diversificação de cores e materiais também é uma estratégia usada para diferenciação dos planos, bem como os recursos de opacidade e transparência.

Conservação do imóvel

Quanto a preservação legal, como todas as edificações em estudo, o imóvel não se encontra protegido, pois não está inserida em área de interesse cultural (ZEIC-Plano Diretor, 2006), nem foi cadastrada ou registrada na listagem de bens imóveis tombados de Campina Grande. Assim, qualquer intervenção está legalmente autorizada, até mesmo o seu desaparecimento. Essa situação de risco é preocupante, uma vez que imóveis em bairros centrais como a Prata, tornam-se alvo da especulação imobiliária, principalmente após implantação do polo médico.

Em relação à conservação física, a edificação ainda é usada como residência, além de pertencer a viúva de José Torreão, logo, sendo perceptível seu valor afetivo e emocional. Estes talvez sejam os motivos do seu bom estado de conservação, se levarmos em consideração que quase nenhuma alteração foi feita no projeto original. No entanto, a residência sofre ações do tempo, e patologias graves estão visíveis, logo, precisam ser sanadas com urgência. Se levarmos em consideração todos estes pontos, o seu estado de conservação merece atenção.



1964

**Residência
Germiniano Crispim**

José C. de Figueiredo





Imagem 02: Localização da Residência Germiniano Crispim no bairro Prata.
Fonte: GRUPAL, 2018.



FICHA TÉCNICA

OBRA	Residência José Germiniano Crispim de Farias
PROJETO	Engenheiro Civil José Cavalcante de Figueiredo
CONSTRUÇÃO	Engenheiro Civil José Cavalcante de Figueiredo
ANO	1964
LOCALIZAÇÃO	Av. Getúlio Vargas X R. Nilo Peçanha, 1160. Prata
ÁREA DO TERRENO	532,00 m ²
ÁREA CONSTRUÍDA	800,00 m ²

Será analisada a seguir, a Residência Germiniano Crispim de Farias, situada na esquina da Rua Getúlio Vargas com a Rua Nilo Peçanha, nº 1106, no bairro Prata. A edificação está inserida numa quadra de usos mistos, havendo a predominância de comércios e serviços, como oficinas automobilísticas. Ainda nas suas proximidades localiza-se o Hospital João XXIII. Atualmente se encontra sem uso, mas ainda guardando alguns objetos da família, passava por manutenções no período da visita in loco (2017).

1. Dimensão histórica

Quanto à sua história, torna-se salutar citar que em meados de 1964, Germiniano Crispim de Farias, desejando fazer um acréscimo em sua residência, transformou o exemplar que até aquele ano tinha linguagem estilística Art Decó. Foi nesta ampliação, aprovada pelo Departamento de Planejamento e Urbanismo, que a residência teve seu estilo “renovado” pelos princípios do Movimento Moderno.

A “arquitetura progressista” proposta por José C. de Figueiredo, projetista e construtor, conforme carimbo do material original, manteve apenas algumas paredes internas, reformando completamente o antigo exemplar. Seu projeto tratava-se de uma residência, locada em um terreno de 800m² e área construída de 532 m². Esta será, portanto, a linguagem estudada, por ter sido executada dentro do recorte temporal estudado e ainda sobreviver em um entorno de usos diversificados, embora seu risco torne-se evidente devido a ociosidade de uso.

2. Dimensão espacial

2.1 Espaço Externo

Ocupando um terreno retangular de esquina, de dimensões aproximadas 20,40 x 39,70m, a edificação foi distribuída linearmente no eixo Norte-Sul, possuindo, portanto, duas fachadas principais e suas faces mais extensas voltam-se para Leste e Oeste. Devido aos desníveis topográficos, foi aterrada (como é possível perceber no corte) para que os limites da edificação estivessem em um mesmo nível, o mais elevado. Assim, fez-se necessário a utilização de muros de arrimo e escadas para vencer essas alturas.

Acesso de pedestre bem separado do acesso de automóveis, localizando-se na fachada sul e leste, respectivamente. Fazendo uma análise de seu exterior, a residência Crispim possui um alpendre amplo e jardim, situado no nível mais baixo do terreno, onde o projetista determinou áreas impermeáveis revestidas por pedras e permeáveis para locação da vegetação. Rodeada por muro pétreo escalonado, responsável por sustentar pequenas movimentações de terra, e gradis superiores, a visibilidade é permitida para maior interação do interior com exterior, e vice-versa.

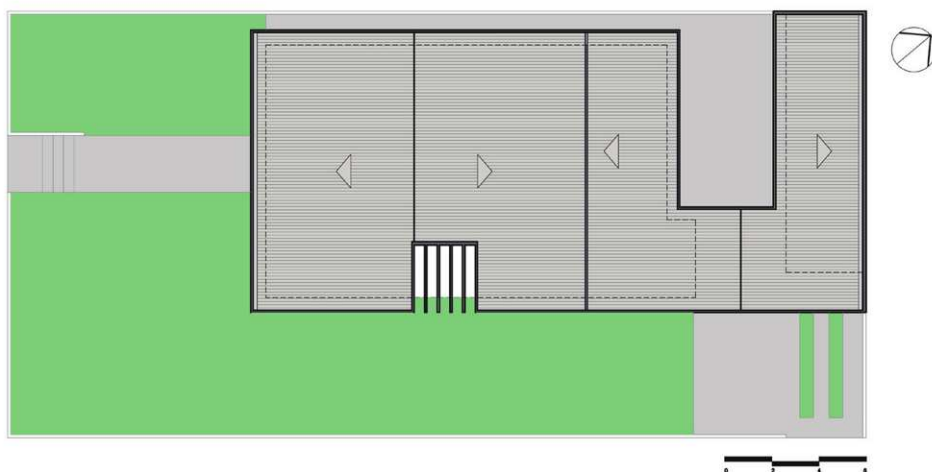


Imagem 03: Localização e cobertura da Residência Germiniano Crispim.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

Redesenho de Apoenna Caetano,
Jhonnathas Lima e Letícia Amorim
baseado no material de projeto
original levantado junto ao
Arquivo Municipal, editado pela
autora.

2.2 Espaço interno

Internamente, a configuração em planta foi feita a partir de um zoneamento de usos. Logo, foi subdividida em três zonas: social, íntima e de serviço, onde a última se divide também no bloco locado ao fundo do lote, tendo sua separação tanto funcional como formal também, no ponto de vista dos volumes, feita por um quintal.

O acesso social, acontece através de escadaria situada na fachada sul. Esta, atenua a transição entre as cotas do terreno e orienta o pedestre até uma outra escada externa, mas protegida pela projeção da cobertura. Esta outra, por sua vez, termina no nível mais elevado, no qual se encontra toda residência. O alpendre coberto e parcialmente resguardado por empenas cegas, torna-se, mais uma vez, área de transição entre público e privado, por anteceder o acesso às salas de estar e de jantar.

Já o acesso de serviço, acontece pelo recuo lateral da fachada oeste, levando à dependência de empregada, claramente afastada do restante da edificação. Encontrando-se situado no recuo lateral da residência, nível mais elevado do terreno, o portão de acesso automobilístico à Rua Nilo Peçanha. O setor de serviço, situado entre os dois blocos, aparentemente aberto, foi vedado, e apenas suas amplas esquadrias de correr são vistas na fachada.

Como visto também em outras edificações, o banheiro compartilhado entre quartos, foi estrategicamente situado para atender de forma mais privativa três dormitórios. Um outro ambiente comum aos exemplares estudados, trata-se do escritório, acessado diretamente através do alpendre, logo, independe do restante da residência. Nota-se, portanto, mais uma vez, a busca pela comodidade aliada à funcionalidade, com configuração em planta que garante o ordenamento do fluxos e utilização de espaços de maneira privativa.

3. Dimensão tectônica

3.1 Estrutura

A residência é composta estruturalmente por concreto convencional, que se une perfeitamente às paredes, tornando-se imperceptível. Por outro lado, a sistematicidade idealizada pelo modernismo foi deixada de lado, uma vez que as vedações seguem eixos estruturantes apenas no sentido longitudinal. Elementos estruturais marcantes são as empenas cegas que sustentam a platibanda sobre o alpendre, situadas nas duas fachadas principais.

3.2 Peles

Quanto às vedações externas, destacam-se as esquadrias amplas constituídas de venezianas de madeira e vidro, que permitem insolação e ventilação naturais de diversas formas. A cobertura que extravasa os limites da edificação, recurso usado para amenizar a insolação direta, é formada por telhado de quatro águas oculto por platibanda. Uma pérgola foi posicionada próxima às esquadrias da sala de jantar para entrada de luz, além de marcar também o acesso ao escritório.

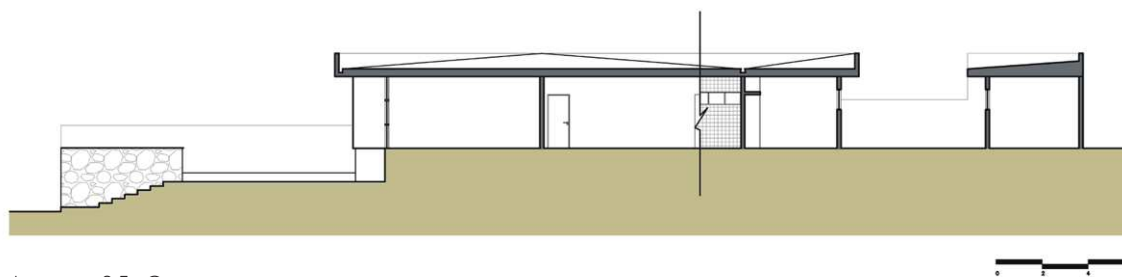


Imagem 05: Corte.

Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

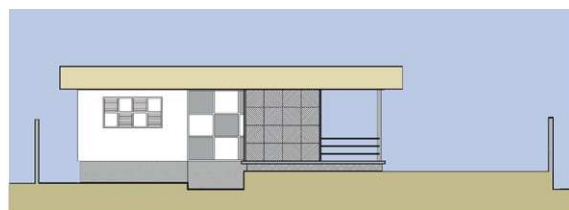


Imagem 06: Fachada frontal.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

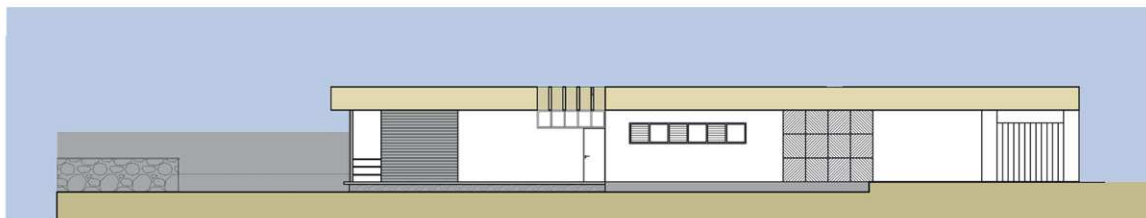


Imagem 07: Fachada lateral.

Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

Redesenho de Apoenna Caetano,
Jhonnathas Lima e Letícia Amorim
baseado no material de projeto
original levantado junto ao
Arquivo Municipal, editado pela
autora.

3.4 Texturas

Externamente, texturas predominantes são compostas por pedras variadas em seus tamanhos e cores. A fachada principal tornou-se conhecida por seu mosaico em pedras brancas, cinzas e alaranjadas (imagem X). Revestimentos pétreos se entendem por todo desenho paisagístico, orientando caminhos e limitando áreas de vegetação. Até mesmo a calçada da edificação por revestida por mosaicos de pedras em tons de preto e branco.

A sofisticação do uso da pedra se estende às áreas molhadas, como o alpendre, que foi revestido por um padrão preto e branco, de formato quadrangular. Já os banheiros, sendo o do casal o maior e mais requintado, foi totalmente revestido por mármore claro. A cozinha teve ladrilhos hidráulicos de formato trapezoidal aplicados ao piso, com tonalidades ora escuras ora claras, e azulejos de cor azul foram aplicados nas paredes. Outros revestimentos cerâmicos de forma quadrada foram encontrados na residência, estes em tons terrosos, imitando madeira.

3.5 Detalhes

Quanto aos detalhes, o que mais chama atenção neste exemplar, foi a atenção dada às esquadrias. Estas são amplas, estruturadas em madeira e vedadas por venezianas e vidro. O módulo quadrangular foi replicado e combinado de diferentes maneiras a depender da extensão das aberturas. Além disso, foram desenhadas a fim de permitir que o usuário a combine da forma que desejar para controle da ventilação e iluminação naturais. (imagem X)



Imagem 08: Peles externas.
Foto: Allyson Barbosa, 2017.

Imagem 09: Contraste de peles e texturas do alpendre.
Foto: Letícia Amorim, 2017.

Imagem 10: Revestimento pétreo em mármore claro no banheiro da suíte.
Foto: Letícia Amorim, 2017.

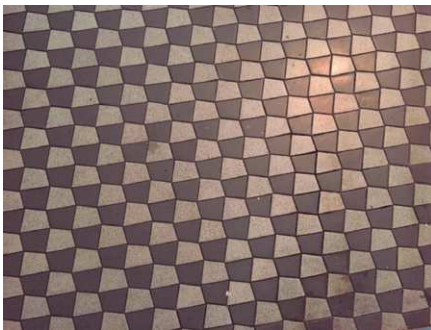


Imagem 11: Ladrilhos no piso da cozinha.
Foto: Allyson Barbosa, 2017.

Imagem 12: Detalhes esquadrias da sala de estar.
Foto: Letícia Amorim, 2017.



Imagem 13: Alteração de esquadria na fachada lateral durante execução.
Foto: Letícia Amorim, 2017.

Imagem 14: Detalhe de esquadria em madeira e vidro.
Foto: Allyson Barbosa, 2017.

Imagem 15: Esquadria da cozinha.

Foto: Allyson Barbosa, 2017.

Imagem 16: Padrões diversos de esquadrias.

Foto: Allyson Barbosa, 2017.



Imagem 17: Detalhe de pérgola em concreto.

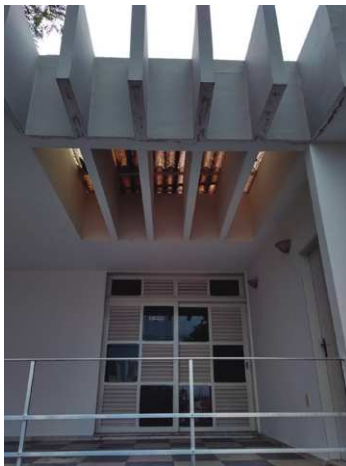
Foto: Allyson Barbosa, 2017.

Imagem 18: Detalhes construtivos e de revestimentos externos.

Foto: Letícia Amorim, 2017.

Imagem 19: Luminária.

Foto: Letícia Amorim, 2017.



3.3 Materialidade

Elemento Construtivo	Componentes	Materialidade
SISTEMA ESTRUTURAL	Estrutura Laje	Concreto armado; Maciça em concreto;
PELES	Fechamentos externos	Alvenaria revestida com massa;
	Cobertura Esquadrias	Fibrocimento; Correr: Venezianas em madeira pintadas na cor banca e vidro;
	Elementos vazados	Pérgola externa em concreto;
	Fechamentos internos	Alvenaria com massa pintada;
TEXTURAS	Revestimentos	Pedras coloridas em parede externa; revestimento cerâmico que imita tijolinhos na cor cinza; azulejo azul (cozinha);
	Pisos	Vários padrões: ladrilho trapezoidal (cozinha); ladrilho hidráulico (jardim); mármore claro (banheiro); revestimento pétreo quadrado em preto e branco (alpendre);
DETALHES	Escadas	Externa: pedra no espelho e mármore claro na base;

4. Dimensão Funcional

Projetada inicialmente com linguagem Art Decó, a Residência Crispim passou por modificações para ampliação e “modernização” do programa, num contexto comum ao bairro Prata como um todo, já que muitas petições de reforma e cunho semelhante, foram encontradas durante pesquisas no Arquivo Municipal. Encontra-se sem uso, guardando apenas alguns objetos da família.

5. Dimensão formal

Os princípios característicos do estilo Moderno, adaptados à realidade local, podem ser facilmente identificados na edificação em estudo, mas talvez o mais significativo deles seja a utilização da fachada livre. Além deste, elementos construtivos podem ser citados, pois são característicos da modernidade campinense e buscando adaptações climáticas, tornaram-se regionais, entre eles o uso de pérgolas e revestimentos locais.

Além do jogo de planos, a diversidade de materiais compõe a obra e originam padrões estéticos nas paredes, pisos e fechamentos. Uma outra solução plástica e volumétrica, que de certa forma, faz uso da configuração anterior (quando a residência tinha estilo Art Decó e alpendre semelhante) para adaptação ao terreno de esquina, refere-se à subtração feita no bloco retangular monolítico.

A utilização de paredes de apoio no alpendre, assim como a pérgola da coberta, busca dar continuidade a linearidade da edificação, ao mesmo tempo que destaca diversas texturas dispostas pontualmente para distinção de volumes e dinamicidade das fachadas. Importante citar algumas alterações feitas na fase de execução, como a inserção de uma porta com

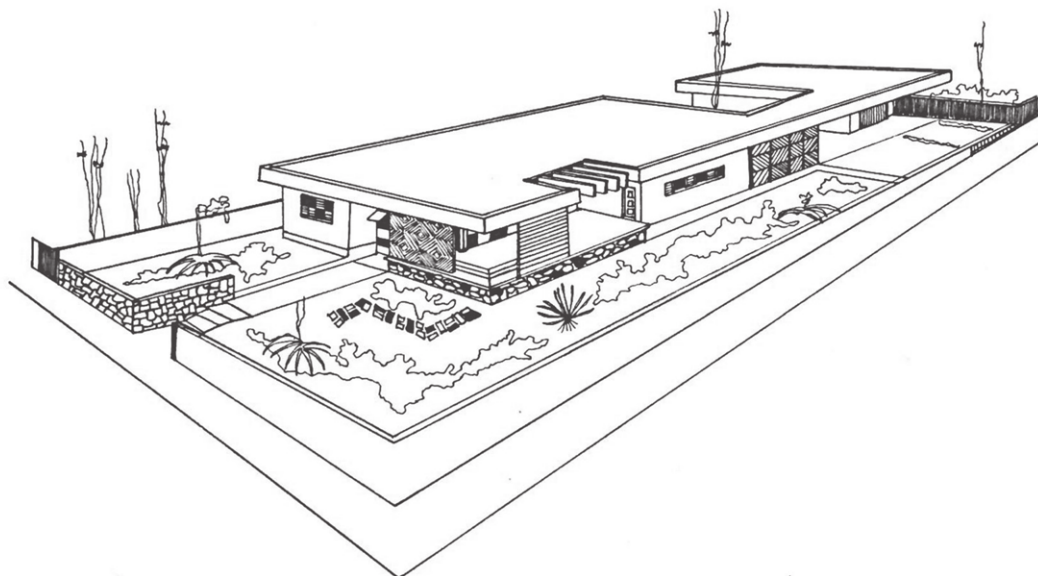


Imagem 20: Redesenho da perspectiva original.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

Redesenho de Letícia Amorim baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal.

dimensões maiores e guarda corpo na fachada lateral, e aplicação de revestimento em pedra na fachada frontal, elemento plástico marcante da edificação.

Apenas se analisada a vista superior, nota-se a disposição do programa em dois blocos separados por quintal, mas unidos pela cobertura, constituída por quatro quedas d'água, implícita por uma platibanda que origina um volume maciço.

Conservação do imóvel

Quanto a preservação legal, esta edificação não se encontra protegida, pois não está inserida em área de interesse cultural (ZEIC-Plano Diretor, 2006), nem foi cadastrada ou registrada na listagem de bens imóveis tombados de Campina Grande. Assim, essa situação de risco é preocupante, uma vez que imóveis em bairros centrais como a Prata, tornam-se alvo da especulação imobiliária, sendo este um terreno de amplas dimensões.

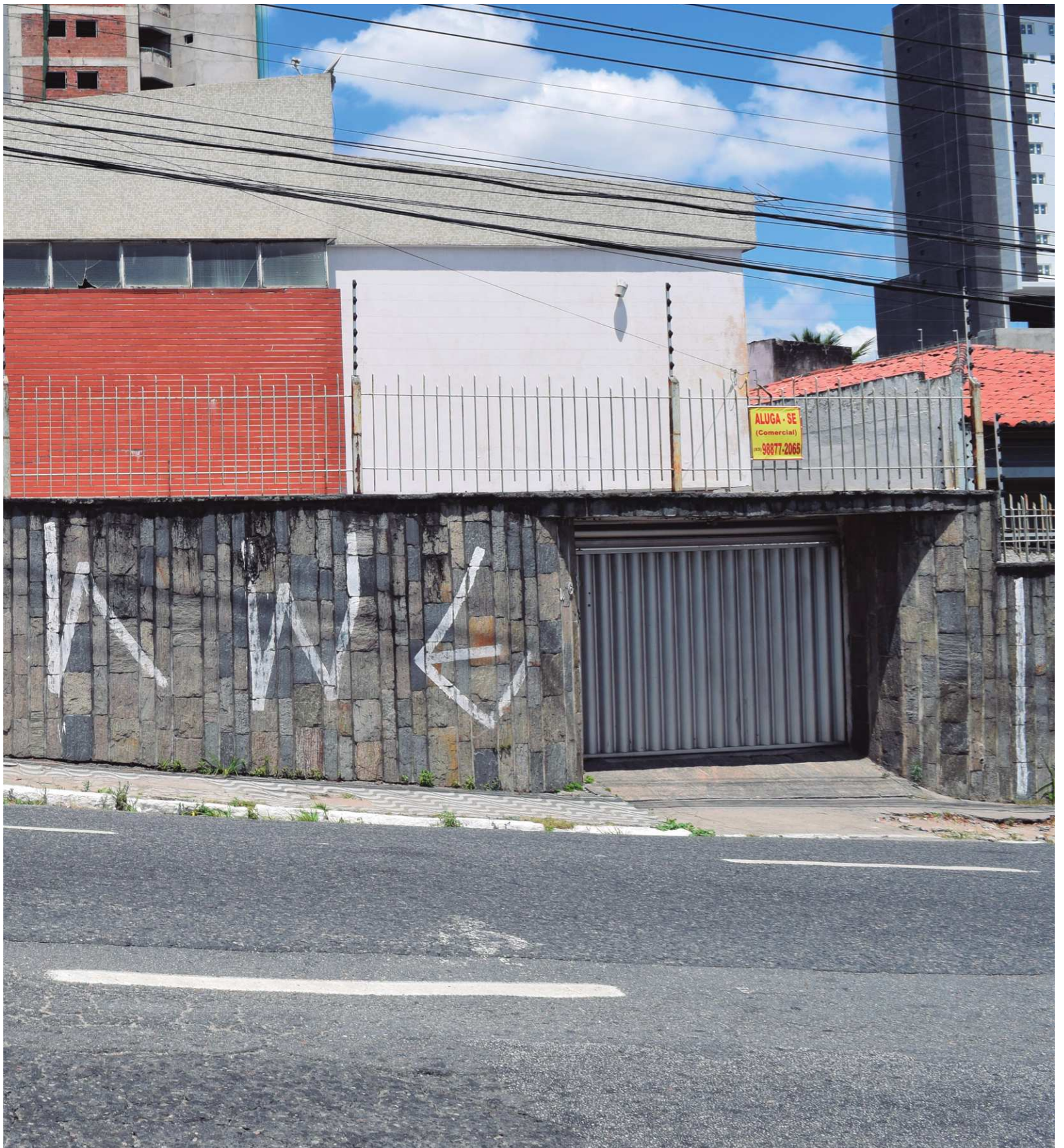
Em relação à conservação física, como descrito na dimensão funcional, a residência embora expandida e modificada estilisticamente, para melhor acomodação do programa, não tem sido utilizada. Logo, a ociosidade de uso também inquieta, tendo em vista que a utilização auxilia na preservação, quando compatível com sua configuração física. Como passou por manutenções recentemente, seu estágio de conservação é considerado bom



1964

**Residência José
Augusto de Almeida**

Geraldino Duda



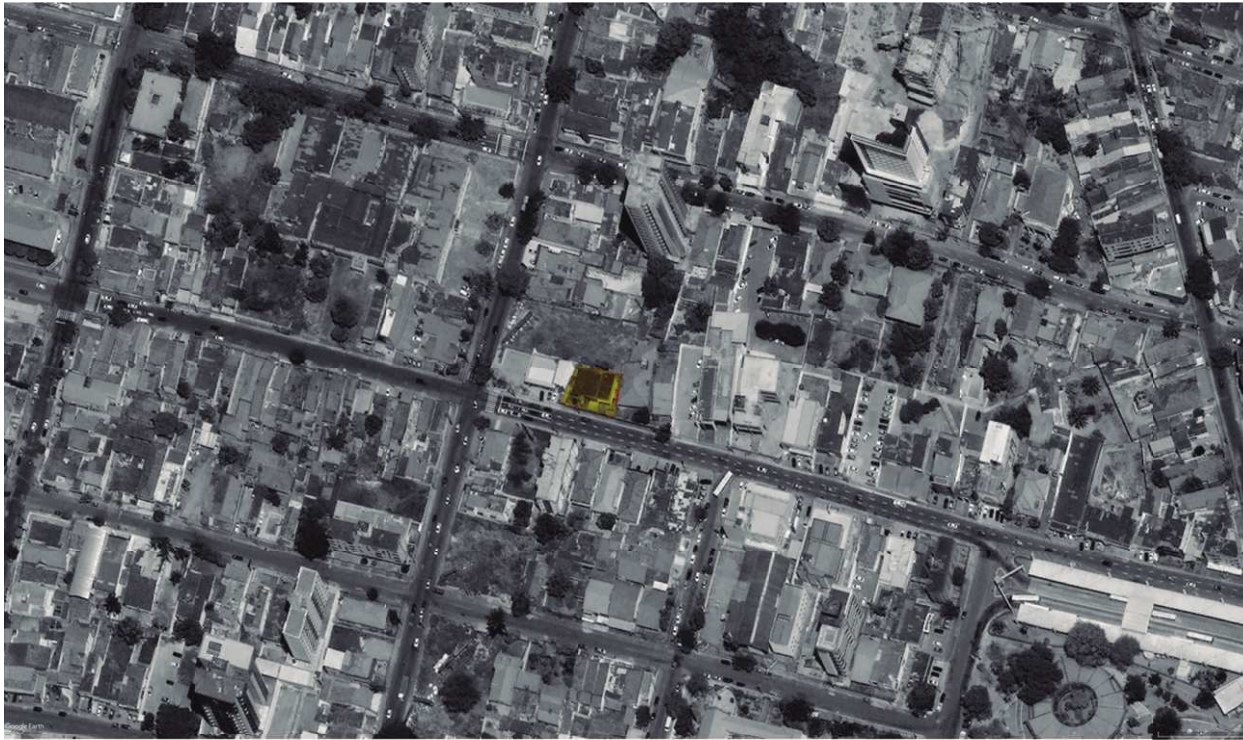


Imagem 02: Localização da Residência José Augusto no bairro Prata.
Fonte: GRUPAL, 2018.



FICHA TÉCNICA

OBRA	Residência José Augusto de Almeida
PROJETO	Geraldino Duda
CONSTRUÇÃO	Engenheiro Civil Adalberto Moita
ANO	1964
LOCALIZAÇÃO	R. Pedro II, 468. Prata
ÁREA DO TERRENO	462,60 m ²
ÁREA CONSTRUÍDA	337,80 m ²

Será analisada a seguir, a Residência José Augusto de Almeida, situada à Rua Pedro II, nº 468, no bairro Prata. A edificação está inserida numa quadra de usos mistos, havendo a predominância de comércios e serviços, como farmácia e consultórios médicos. Ainda neste entorno estão situados o Terminal de Integração e o Parque Evaldo Cruz, usados como pontos de referência. Seu uso residencial foi abandonado há mais de dez anos e brevemente passará por adaptações para abrigar uso comercial.

1. Dimensão histórica

Sobre a história da edificação, sua construção foi solicitada por José Augusto de Almeida, no final de agosto de 1964. Na oportunidade, além do alvará de construção, foi requerido também o alinhamento para construção do muro, ambos fornecidos pelo Departamento de Planejamento e Urbanismo da Prefeitura Municipal de Campina Grande. Aprovada em setembro do mesmo ano, o projeto feito para um terreno situado à Rua Pedro II, nas proximidades do Açude Novo, tratava-se de uma residência de dois pavimentos, sendo o térreo com 216m² de área e o inferior com 121,80m², totalizando 337,80m² de área construída.

Segundo uma das herdeiras, entrevistada rapidamente durante a visita in loco, sua lembrança de infância é de um entorno monótono, com poucas edificações, recordando nitidamente apenas da residência de sua amiga vizinha que tinha linguagem semelhante, situada na esquina das ruas Pedro II e Siqueira Campos, demolida e substituída por uma farmácia nos últimos anos.

Ainda de acordo com a mesma, a edificação projetada por Geraldino Duda, já dispunha de um extenso programa de necessidades, mas passou por uma adaptação na década de 1980. A intenção era abrigar com mais conforto, a nova família que se formava após seu casamento. Assim, o pavimento inferior foi modificado para substituição e ampliação do

programa, tornando-se uma residência multifamiliar.

No entanto, a família continuou a crescer e as necessidades mudaram. Logo, a Residência da família Almeida, teve seu uso residencial abandonado há mais de dez anos, servindo atualmente como depósito. Seguindo a tendência imobiliária da região em que se encontra, será subdividida para abrigar usos comerciais, com projeto de intervenção já pronto para execução e divulgado em placa de “aluga-se”, bem como nas mídias sociais.

2. Dimensão espacial

2.1 Espaço externo

Quanto à implantação, a residência com formato de paralelepípedo, tem dimensões aproximadas de 18 x 12m em planta, encontrando-se distribuída linearmente no eixo Leste-Oeste, tirando, portanto, partido da predominância dos ventos sudeste e leste para configuração de seus ambientes. Ocupando o centro do lote, foi dividida em dois pisos, tornando-se evidente, mais uma vez, a apropriação da topografia, característica comum ao projetista engenheiro e arquiteto autodidata, Geraldino Duda.

Um aterro sustentado por um muro de arrimo foi usado como solução estrutural para apoio do pavimento superior e refletiu diretamente na disposição do jardim frontal, dividido em dois níveis. Repetidamente, como visto na Residência Torreão, o recurso de suspensão de parte da residência, através do muro de arrimo, foi usado, bem como o revestimento do mesmo em pedra. Uma rampa de acesso ao nível inferior, para automóvel, está situada na porção frontal do terreno.

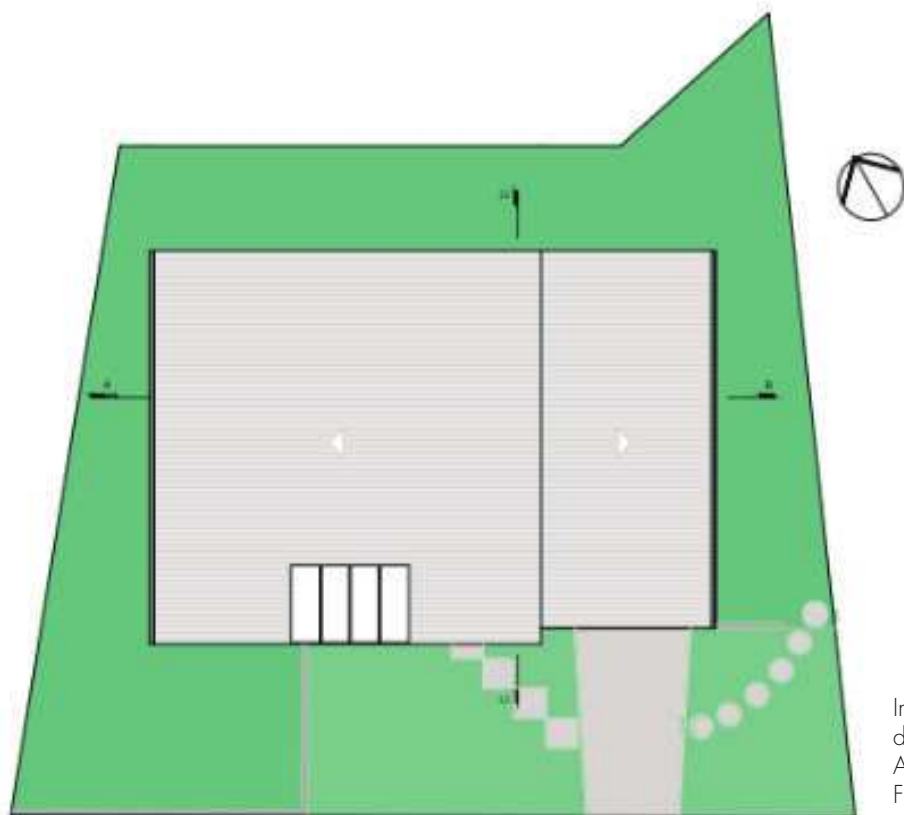


Imagem 03: Locação e cobertura da Residência José Augusto de Almeida.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

Redesenho de Carine Ayanne baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.

Algumas observações referentes ao espaço externo merecem ser levantadas, embora não se saiba ao certo se estas tratam-se de alterações feitas no período de execução do projeto, ou posteriormente mediante as adaptações dos anos 80. Atualmente, com predominância de pavimentação em pedra, o que difere do desenho original, embora seus recuos sejam generosos, a vegetação tem lugar delimitado apenas próximo ao gradil e ao muro de arrimo, um recurso muito usado para promover maior privacidade e atenuar as diferenças de níveis.

O detalhamento do gradil, encontrado junto ao material de projeto original, deixa evidente a existência de um só portão para acesso à residência. O desenho paisagístico, no entanto, demonstra preocupação com a orientação e circulação de pedestres, marcando-o para delimitação e separação do acesso automobilístico. Contudo, estes acessos encontram-se, atualmente, totalmente separados, inclusive em cotas diferentes do terreno, podendo o acesso de pedestres acontecer através de um portão menor que orienta o passeio diretamente para o alpendre, zona de transição entre público e privado.

Outras alterações identificadas, referem-se à altura e materialidade do muro. No desenho original, seria apenas um gradil, de aproximadamente 1,50m, hoje um muro de revestimento pétreo, opaco, atenuado por um gradil superior, oculta totalmente o pavimento inferior da residência.

2.2 Espaço interno

Valendo-se do material de projeto original levantado no Arquivo Municipal, é possível destacar que a residência possui uma geometria retangular e bem articulada, e mesmo estando dividida em dois níveis a partir de um zoneamento funcional, com acessos bem separados, há uma boa relação entre as zonas: social, íntima, serviço e de lazer.

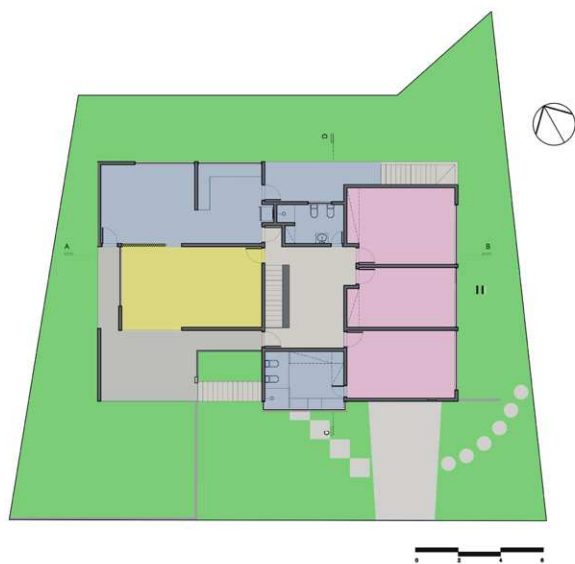


Imagem 04: Planta baixa do pavimento térreo.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.



Imagem 05: Planta baixa do pavimento superior.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

Redesenho de Carine Ayanne baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.

Quanto aos acessos, originalmente os usuários poderiam ascender ao pavimento superior, fazendo uso de três escadas para circulação vertical, que buscam interligar diretamente zonas do programa, de maneira privativa, podendo estar divididas em: social, externa, mas abrigada pela saliência da cobertura com uma pérgola; íntima, localizada no salão de jogos, integrado à garagem, sob pilotis; e de serviço, situada na parte posterior da edificação e acessada através do ambiente da lavanderia, nitidamente mais isolada.

No pavimento inferior, uma subtração feita no volume de forma pura e quadrática, abrigava a zona de lazer sob pilotis, com salão de jogos constituído por uma membrana de vidro, que enfatizava a transição e continuidade entre exterior e interior, e vice-versa, finalizando numa circulação que dividia o fluxo entre um banheiro, que servia ao salão, mas também ao quarto de hóspedes, o único situado neste pavimento, porém o de maior privacidade. Por ser acessado de maneira independente os hóspedes não precisariam incomodar os outros usuários da residência.

Ainda estão situados neste pavimento, os ambientes da zona de serviço, acessada através da garagem, composta por uma generosa lavanderia, banheiro com pia externa (onde uma solução visível em corte chama atenção: o rebaixo do forro para ventilação do banheiro adjacente), depósito e dependência de empregada;

No pavimento superior, a zona de serviço formada por cozinha e sala de refeição, poderia ser ingressada também por meio da zona social, fazendo uso de uma circulação externa, embora protegida, que liga diretamente alpendre e sala de refeição. Esta por sua vez, integrava-se visualmente à sala de estar, onde foi usada uma divisória vazada, atualmente inexistente, bem como amplas esquadrias em vidro para integração com o exterior.

A sala íntima, núcleo central, poderia ser acessada através do alpendre, sala de estar e cozinha, além da escada que a interligava diretamente com o salão de jogos e garagem. O banheiro, foi estrategicamente situado a fim de servir à zona social, bem como aos quartos que dispunham de janelas em fita voltadas para leste, fachada que recebe o sol da manhã, mas muito ventilada.

No dormitório suíte, o banheiro de grandes dimensões onde também foram dispostos armários de vestuário, é o único volume que extravasa os limites do pavimento inferior, chamando atenção no resultado formal, que será discutido mais à frente. É possível notar ainda, a previsão de um jardim, próximo à escada de acesso social, uma solução que pode ter sido adotada para dar maior privacidade ao quarto de hóspedes, além deste recorte refletir diretamente no dinamismo da fachada frontal e da cobertura.

3. Dimensão tectônica

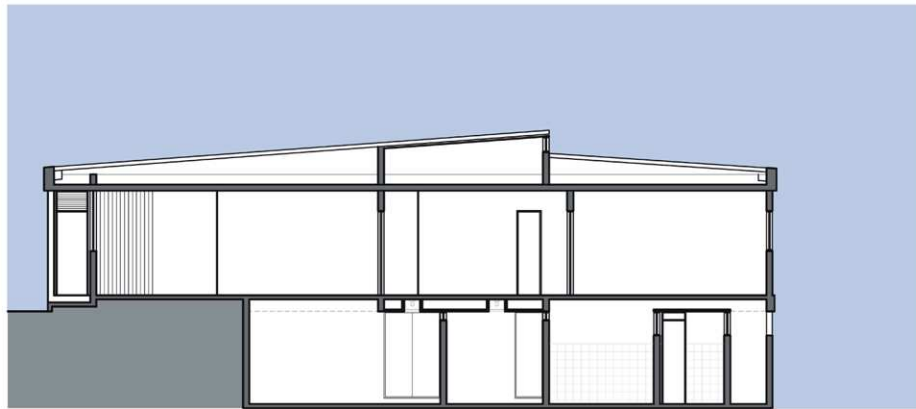
3.1 Estrutura

Estruturalmente, a residência faz uso de 12 pilares em concreto, sendo 11 deles retangulares com dimensões aproximadas de 20x30cm, em sua maioria ocultos pela alvenaria, estando apenas um aparente, e este se destaca por seu formato circular. O espaçamento entre eles segue uma trama ordenadora de dimensões variadas, independente da alvenaria. A laje caracteriza-se por ser maciça em concreto armado. Conclui-se, portanto, que a solução estrutural adotada confere maior flexibilidade à edificação, podendo esta ser facilmente adaptada a novos usos, pois suas paredes são essencialmente de vedação.

3.1 Peles

Quanto aos fechamentos externos, são predominantemente compostos por alvenaria revestida por massa. Por meio de fotografia mais antiga (possivelmente dos anos 80), e também através do desprendimento da pintura, percebe-se a utilização da coloração amarela na fachada principal, em contraste com o revestimento cerâmico fosco em tom terroso. Este por sua vez, rejuntado na cor branca apenas na direção horizontal, enfatiza a horizontalidade buscada para a fachada. Outra escolha de apelo plástico, refere-se ao azulejo do tipo português em tons de azul, usado no alpendre.

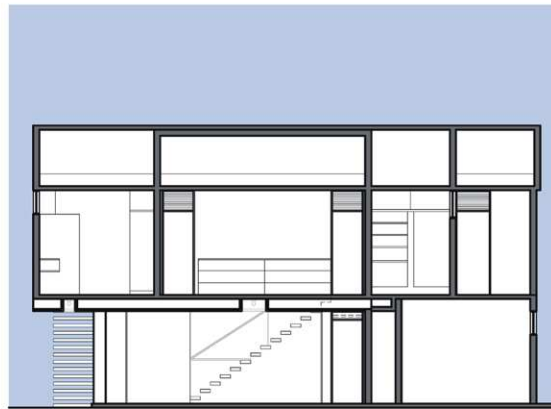
Um revestimento usado para destaque dos diferentes planos, focaliza a solução formal da cobertura. A platibanda, que extravasa sutilmente a edificação, protegendo as esquadrias da fachada leste, além de ocultar o telhado composto por telhas de fibrocimento, foi revestida por pequenas



CORTE AB'



Imagem 06: Corte AB.
Fonte: Arquivo Municipal,
2017.



CORTE CD'



Imagem 07: Corte CD.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

Redesenho de Carine Ayanne
baseado no material de projeto
original levantado junto ao
Arquivo Municipal, editado pela
autora.

pastilhas quadradas de tonalidade clara. Nestas, percebe-se a passagem do tempo, tanto pelo descolamento de algumas peças como pela coloração escura adquirida por intermédio de reação química decorrente do contato entre a fuligem e o revestimento, além da agressão causada por outras intempéries à superfície, como a chuva.

Uma solução enfatizada pelo projetista na perspectiva original, também encontrada em outro exemplar estudado de mesma autoria, trata-se da utilização da diferença de alturas entre as águas do telhado, para introdução de abertura alta, permitindo assim, iluminação natural. Neste caso, a vedação fixa foi especificada: tijolos de vidro.

Quanto às esquadrias, dispostas em fita, são em sua maioria de correr, constituídas por venezianas fixas em madeira na bandeira superior e vidro nas folhas. Além disso, possuem dimensões iguais, ressaltando a racionalização comum à modernidade. Buscando amenizar a incidência direta do sol na fachada leste, além de protegê-las da chuva, estas foram discretamente recuadas da alvenaria nesta fachada. (imagem 09)

Os fechamentos internos são opacos, revestidos com massa e pintado em látex de diversas cores, como por exemplo, em azul nos quartos. Torna-se notável que a diversidade de cores é um recurso de cunho estético muito usado por Duda. Neste exemplar, os azulejos de cor azul, revestimento usado nas paredes da cozinha, se estende aos armários. No entanto, registra-se também azulejos na cor amarelo no banheiro do casal.

3.3 Materialidade

Elemento Construtivo	Componentes	Materialidade
SISTEMA ESTRUTURAL	Estrutura Laje	Concreto armado; Maciça em concreto;
PELES	Fechamentos externos Cobertura Esquadrias Elementos vazados Fechamentos internos	Alvenaria revestida com massa; Fibrocimento; Correr: Madeira pintada na cor banca e vidro; Basculante: ferro e vidro "martelado"; Pérgola externa em concreto; Alvenaria com massa pintada em látex;
TEXTURAS	Revestimentos Pisos	Pedra em parede externa; azulejo "português"; revestimento cerâmico que imita tijolinhos; Banheiros com azulejos amarelo e azul; Vários padrões: ladrilho hexagonal (cozinha); ladrilho hidráulico (banheiro); revestimento cerâmico retangular no alpendre;
DETALHES	Escadas	Externa: pedras nas cores preto e branco;

3.4 Texturas

Quanto aos revestimentos externos, o que mais chama atenção nesta residência é o uso de diversos tipos de pedras, como por exemplo, na parede do alpendre, além de ser marcante no paisagismo. (imagem 11) Internamente, como citado anteriormente, os azulejos coloridos caracterizam a autoria de Geraldino Duda.

Já nos pisos, foram usados ladrilhos hidráulicos nos banheiros, material local produzido artesanalmente. Além deste, um padrão hexagonal foi aplicado na cozinha. Outro revestimento de piso tem formato retangular, de origem cerâmica, foi combinado no alpendre.

3.5 Detalhes

Quanto aos detalhes, elementos marcantes nas obras de Duda, tratam-se das escadas, principalmente quando externas e de acesso principal. Nesta obra em questão, a escada externa, adota como solução estrutural uma viga lateral. Assim, os degraus em pedra granito foram engastados lateralmente. Com espelho em pedra escura e recorte diagonal, contrastante com piso branco, os degraus estão “soltos”, “flutuantes”. O único arremate entre eles é o corrimão metálico.

Mobiliários fixos da cozinha e algumas luminárias são detalhes ainda existentes embora não estejam bem conservados.



Imagem 08: Foto mais antiga, acredita-se ser da década de 80.
Fonte: Desconhecida.



Imagem 09: Fechamentos externos.
Foto: Carine Ayanne, 2017.



Imagem 10: Azulejo do tipo português na fachada frontal.
Foto: Carine Ayanne, 2017.



Imagem 11: Pedras aplicadas em parede do alpendre.
Foto: Carine Ayanne, 2017.



Imagem 12: Texturas do banheiro da suíte.
Foto: Carine Ayanne, 2017.



Imagem 13: Revestimento e mobiliários da cozinha.
Foto: Carine Ayanne, 2017.



Imagem 14: Detalhe escada externa.
Foto: Carine Ayanne, 2017.



Imagem 15: Detalhe de luminária.
Foto: Carine Ayanne, 2017.

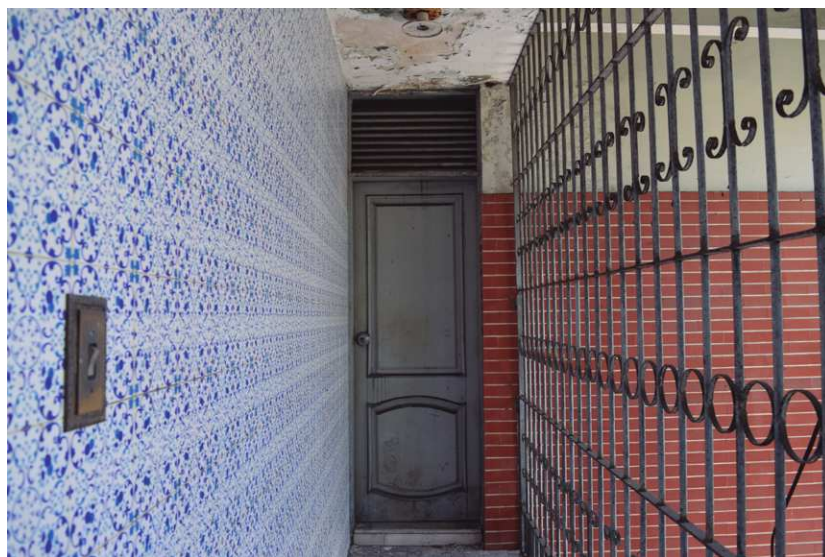


Imagem 16: Detalhes de esquadria em madeira, gradis em ferro e revestimentos.
Foto: Carine Ayanne, 2017.

4. Dimensão funcional

Projetada inicialmente para uso residencial, a Residência José Augusto Almeida passou por algumas modificações para adaptação do seu pavimento inferior. Já abrigando um quarto de hóspedes, este pavimento teve seus usos de serviço e de lazer substituídos a fim de abrigar um programa mais adequado à uma nova residência, tornando-se duas em uma.

Logo, foram mantidos os banheiros, o quarto de hóspedes passou a ser o quarto do casal e foi transformado em suíte, enquanto que o salão de jogos, a dependência de empregada e a lavanderia foram adaptados para se tornarem novos quartos, e o abrigo de automóveis passou a ser sala de estar integrada à uma cozinha americana com balcão fixo. Assim, a garagem foi transferida para o recuo frontal que recebeu uma cobertura metálica. No entanto, atualmente a residência está sendo usada como depósito.

4. Dimensão formal

Todas as mudanças citadas anteriormente, estão diretamente refletidas na volumetria atual da edificação. A subtração feita para abrigar a garagem bem como as vedações em vidro do salão de jogos, recursos dinâmicos da fachada frontal foram substituídos por fechamentos opacos de alvenaria para se tornarem novos ambientes. Associados às amplas esquadrias em fita da fachada lateral, eles permitiam a transparência e enfatizavam a relação do interior com o exterior. O vazio do alpendre e as saliências do volume superior auxiliavam na dinamicidade buscada para as fachadas.

Um elemento marcante nesta composição arquitetônica, vem a ser o telhado

inclinado, oculto por platibandas que seguem as inclinações. A diferença de altura das águas do telhado, pensada a fim de permitir iluminação natural na sala íntima, tornou-se também um recurso refletido na forma.

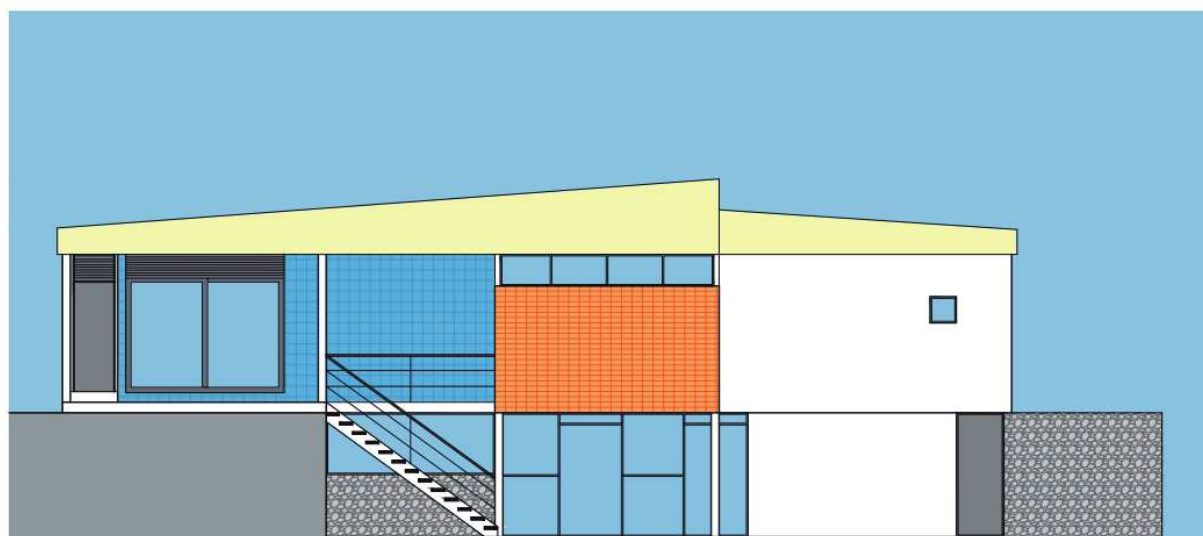
O jogo de planos do edifício foi trabalhado através do predomínio da horizontalidade dos volumes, estando um deles atualmente escondido pelo muro que fez uso de gradil a fim de integrar com mais eficiência a edificação à rua. Além disso a diversidade de revestimentos e texturas ajudam na distinção dos volumes.

Conservação do imóvel

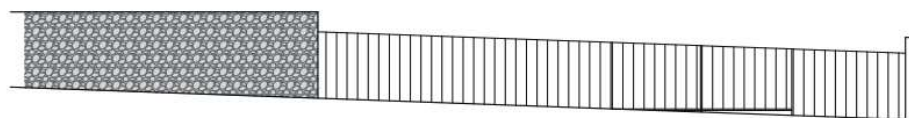
Quanto a preservação legal, esta edificação não se encontra protegida, pois não está inserida em área de interesse cultural (ZEIC-Plano Diretor, 2006), nem foi cadastrada ou registrada na listagem de bens imóveis tombados de Campina Grande. Assim, a intervenção já divulgada está legalmente autorizada. Essa situação de risco é preocupante, uma vez que imóveis em bairros centrais como a Prata, tornam-se alvo da especulação imobiliária, principalmente após implantação do polo médico.

Em relação à conservação física, como descrito na dimensão funcional, a residência foi modificada e tem sido utilizada como depósito. Estas adaptações, bem como sua utilização inadequada, atingem os princípios de autenticidade e integridade do objeto arquitetônico, respectivamente. A integridade da edificação acabou sendo comprometida porque seu uso atual acaba por diminuí-la além de lesá-la, degradando-a com ações físicas. Já em relação a integridade, as alterações para adaptação do programa acabaram tornando-a ilegítima, por ter passado por mutações, e estas por sua vez, agrediram a originalidade dos princípios modernos que findaram esquecidos, como o fechamento do vazio sob pilotis.

Além disso, sofreu danos provocados pelas intempéries do tempo, e suas patologias precisam ser sanadas com urgência. Os sistemas de eletricidade, hidráulico (em aço galvanizado) e de esgotamento já não funcionam, por exemplo. Se levarmos em consideração todos estes pontos, o seu estado de conservação física merece atenção.



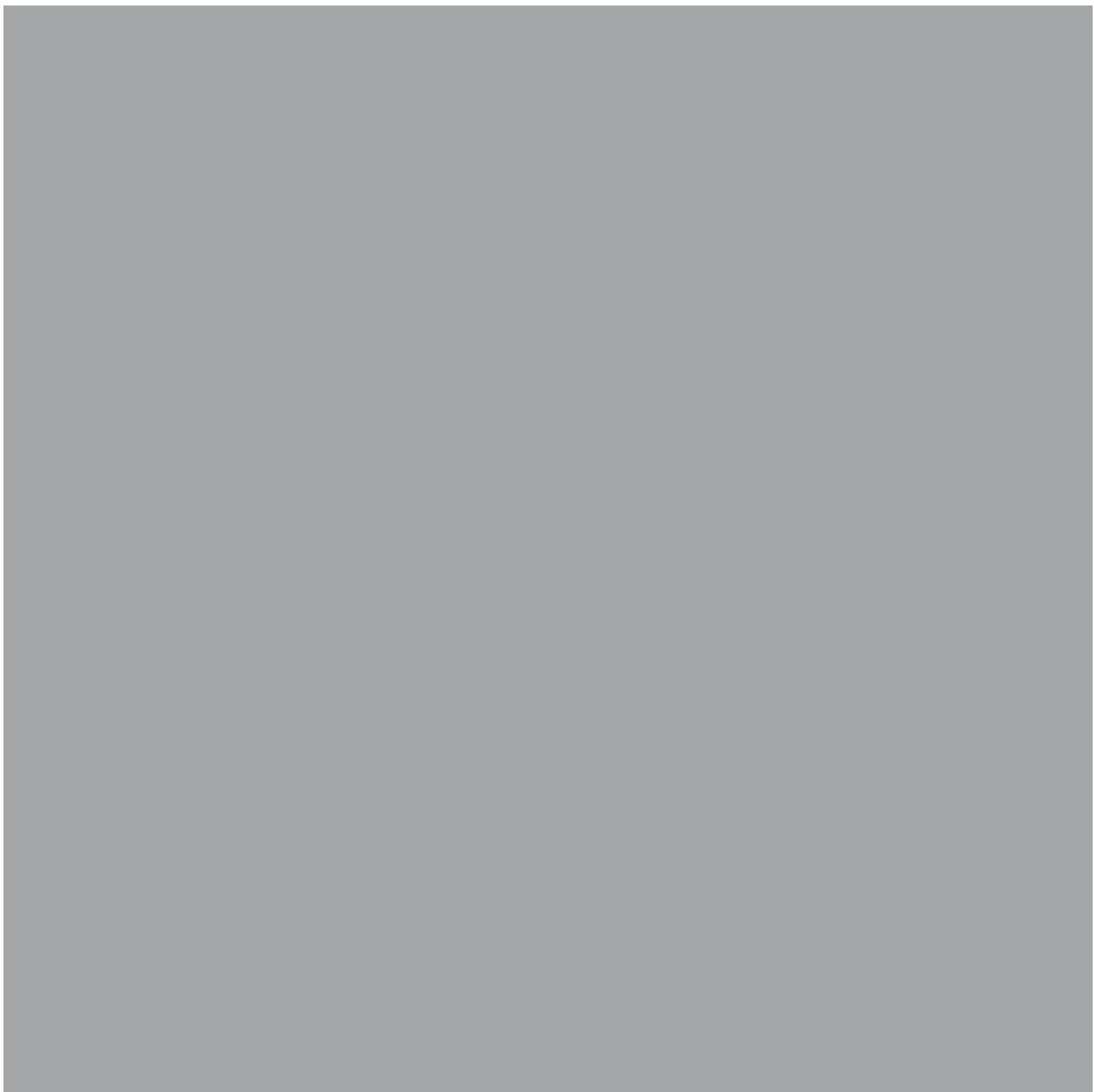
FACHADA PRINCIPAL



GRADIL

Imagem 17: Fachada principal.
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

Redesenho de Carine Ayanne baseado no material de projeto original levantado junto ao Arquivo Municipal, editado pela autora.



RESULTADOS 4

Após as últimas explanações, fazendo uso das análises de **seis** obras estudadas, correlacionando-as aos contextos histórico e geográfico de Campina Grande, lugar onde estão inseridas, pode-se contrapor esta produção com intuito de destacar pontos comuns, tecendo alguns comentários a respeito da mesma. Estas discussões, abordarão neste momento, os seguintes pontos:

1. Diretrizes projetuais convergentes nas obras quanto às dimensões espacial, tectônica, funcional e formal;
2. Preservação legal;
3. Conservação física;
4. Política (municipal e estadual) pública preservacionista.

Quanto às diretrizes projetuais, primeiramente, conforme apontado nas fichas técnicas bem como na **dimensão histórica**, pauta inicial de análise, evidencia-se nas **autorias** das obras relevante e notória influência da Escola do Recife em Campina Grande.

Segundo BRUAND (1979), pioneiro em sugerir a constituição da Escola do Recife, com papel relevante na identificação da conciliação entre as formulações teóricas de Lúcio Costa (linguagem carioca) e a arquitetura produzida em Recife, em seu livro “Arquitetura Contemporânea no Brasil”, é possível atribuir destaque a Acácio Gil Borsoi e Delfim Fernandes Amorim como figuras chaves deste processo.

De acordo com as conclusões de AFONSO (2006), que estudou critérios convergentes da produção pernambucana, entre os princípios da Escola do Recife pode-se destacar:

- 1) a estruturação e ordenação das plantas no que diz respeito ao controle da modulação, tramas ordenadoras e à resolução de programas;
- 2) as possibilidades estruturais empregadas pelas mesmas;
- 3) a atenção dada ao detalhe de escadas e rampas;
- 4) as soluções climáticas adotadas em planta, na implantação e uso de blocos, no uso de pátios e terraços;
- 5) as investigações climáticas que interferiram na volumetria, podendo-se aqui destacar pontos resultantes desta busca, que se converteram em constantes projetuais, tais como a elevação da casa do solo, os arremates em concreto envolvendo e protegendo as esquadrias externas;
- 6) o uso de revestimentos cerâmicos nas fachadas, protegendo-as das intempéries;
- 7) os fechamentos de paredes através de esquadrias detalhadas em madeiras vazadas, ou de elementos fixos, como brises, cobogós e parapeitos ventilados.

Conforme destacou ROCHA E QUEIROZ (2007), CARVALHO e ALMEIDA, (2010), MENESES E AFONSO (2017), a escola recifense produziu em Campina Grande um importante volume de obras. Nomes como Augusto Reynaldo, Heitor Maia Neto, Lucio Estelita, Waldecy Pinto, Renato Azevedo, Cydno da Silveira, Mário di Lascio figuraram entre os atuantes no mercado campinense.

Fazendo uso do material analisado anteriormente, destaca-se os nomes de Tertuliano Dionísio, sócio de José Luiz da Mota Menezes e Edy Marreta, oriundos da Escola do Recife, e Hugo Marques, carioca, mas com número considerável de obras e “iniciativas modernizantes” na capital pernambucana.

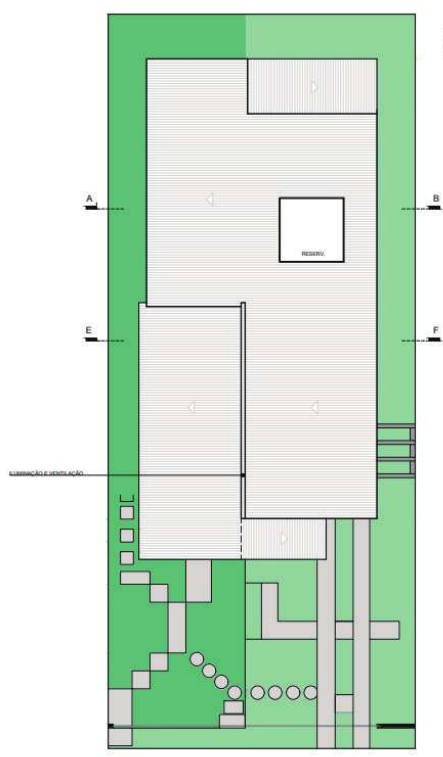
Na época estudada, Campina Grande, por ser o maior centro econômico

próximo a Recife, possuindo poucos arquitetos residentes e contando ainda com uma elite que estava atenta ao que era produzido nos maiores centros nordestinos, apresentava-se como mercado de trabalho atrativo para arquitetos formados em Recife. Os profissionais atraídos pelas oportunidades e condições favoráveis das terras campinenses deixaram impressionante acervo de obras que não se limitaram a “importar” modelos vindos da Europa, mas a produzirem adaptações nos seus projetos levando em consideração o clima, necessidades e cultura locais.

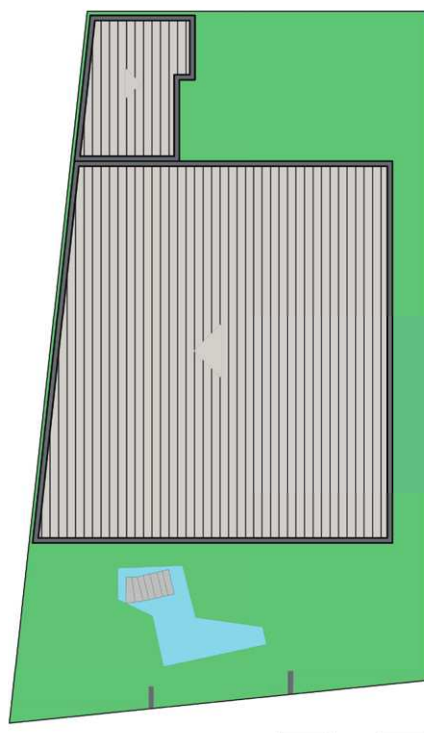
Simultaneamente, alguns engenheiros campinenses ou radicados na cidade, destacaram-se no trabalho conjunto com os arquitetos anteriormente citados, a exemplo de Lynaldo Cavalcanti, Austro de França Costa, Adalberto Moita, Nilton de Almeida Castro, José Cavalcante de Figueiredo e Geraldino Duda, nomes responsáveis pela construção das obras analisadas.

Continuadamente, quanto às **dimensões** que serviram de pautas para análise das obras detalhadas no capítulo anterior, no que se refere à **dimensão espacial externa**, na implantação da casa no lote, ponto refletido diretamente na organização espacial, destaca-se principalmente, as seguintes formas de ocupação:

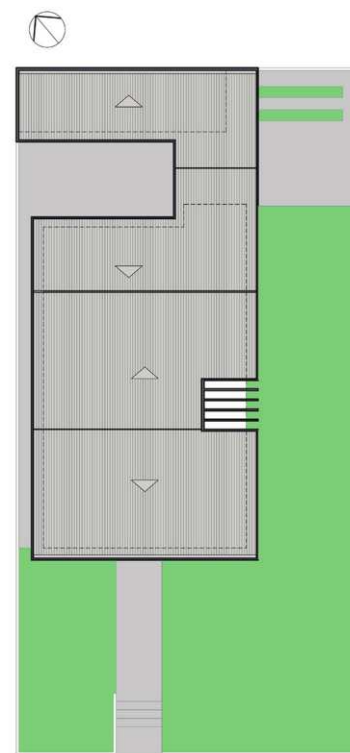
- 1) aquelas locadas no centro do lote, como as residências José de Almeida Torreão e José Augusto de Almeida;
- 2) locada lateralmente, limitando-se a existência de apenas um recuo lateral, como a residência Manoel Damião;
- 3) locada de forma a se apropriar parcialmente dos dois recuos laterais, como a residência Sebastião Pedrosa;
- 4) lotes de esquina como as residências João Felinto e Germiniano Crispim, notando-se a valorização espacial dada aos recuos que se voltam às ruas, sendo estes mais generosos.



COBERTA
Planta baixa - José Torreão



Planta baixa - Manoel Damião



Planta baixa - Germiniano Crispim

Imagem 01: Comparação entre formas de ocupação a partir das plantas de cobertura
Fonte: Arquivo Municipal, 2017.

Ainda relacionando o tratamento **espacial** externo, enfatiza-se a criação de jardins, situados nos recuos frontais e laterais das edificações, bem como a atenção dada aos desenhos paisagísticos dos mesmos, sendo duas edificações pouco detalhadas: Manoel Damião e Germiniano Crispim, como foi possível ver no decorrer de suas análises.

Uma alteração encontrada em algumas edificações, trata-se da substituição de gradis, limites entre a rua e a casa, (encontrados nas duas obras de autoria de Geraldino Duda de maneira detalhada), por muros pétreos altos e opacos, como constatado na residência Manoel Damião (que embora seja de outra autoria, teve seu limite original totalmente substituído).

Atualmente, somente as residências Sebastião Pedrosa e José Torreão, integram-se à rua como continuação da cidade, estando totalmente visíveis ao pedestre. Nos demais exemplares, gradis foram usados na tentativa de promover integração visual com a rua (João Felinto e Germiniano Crispim) junto aos muros opacos, que por vezes, permitem apenas a integração dos pavimentos mais elevados, ocultando parte das residências (Manoel Damião e José Augusto de Almeida).

Outro ponto relevante diz respeito ao aproveitamento dos níveis topográficos dos terrenos, pois quase todos os projetos fizeram uso da declividade para implantação de aterros e “subsolos”, destinados em sua maioria, às zonas de serviço e garagens. Geralmente, dividia-se o terreno em duas partes fazendo uso de muros de arrimo para contenção dos movimentos de terra. Outro recurso usado foi o de planta escalonada, resultando em níveis intermediários, como a residência José Torreão, ponto refletido diretamente na composição formal e volumétrica.

Essas variedades de níveis, resultantes da apropriação à topografia local,



Imagem 02: Fachada da Residência Manoel Damião.
Foto: Igor Michel, 2018

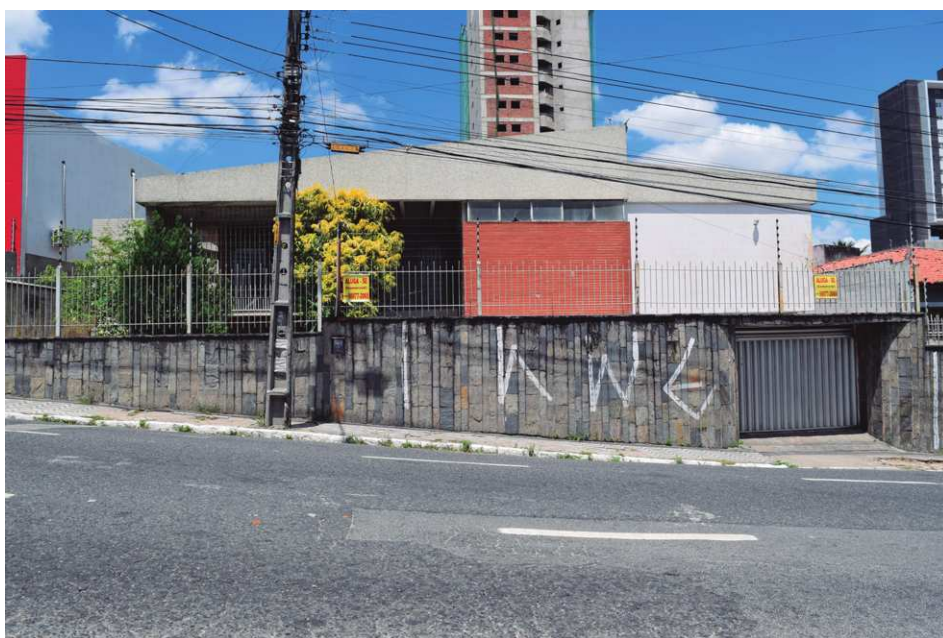


Imagem 03: Fachada da Residência José Augusto.
Foto: Carine Ayanne, 2017.

acidentada do bairro Prata, foram instrumentos essenciais na setorização das residências, originando organizações fluidas dos programas, que mesmo distribuídos em cotas diferentes, garantiram comodidade associada à funcionalidade, anseio da sociedade moderna, interligando zonas de maneira privativa.

Ainda em relação à **espacialidade** das obras, agora **internamente**, percebe-se a integração de setores sociais com áreas externas ou semi-internas, como os alpendres. Assim, esta arquitetura se abre para o exterior, fazendo uso de espaços intermediários, ou de jardins internos que buscam maior contato com a natureza, além da salubridade proporcionada pela maior incidência solar, já que em Campina Grande predomina o clima quente e úmido. Em alguns exemplares, o uso de pilotis libera a edificação do solo, originando espaços de convivência, terminando de enaltecer a integração buscada entre interior e exterior.

Os setores íntimos são independentes e totalmente reservados, para maior privacidade dos moradores, que acessam banheiros e quartos sem haver necessidade de cruzamento com fluxos de áreas sociais. Como elemento que comprova tal informação, pode-se citar as escadas íntimas, tão enfatizadas no decorrer das análises anteriores.

No tocante à **dimensão tectônica**, ressalta-se a primazia do rigor e economia, princípios do Movimento Moderno, já que estruturalmente os elementos construtivos se resumem aos primordiais. Comprova-se a excelência em aliar princípios e tecnologias, como o uso do concreto armado, às realidades do lugar. As vedações eram em sua maioria compostas por alvenaria. No entanto, o princípio de planta livre, atestado no uso de janelas em fita e na flexibilidade dos ambientes, comprovam a opção por estruturas majoritariamente independentes, mesmo que estas

não estejam aparentes nem tenham sido ressaltadas nos desenhos.

Assim, apenas o uso de diferentes texturas e materiais, bem como a movimentação inteligente de volumes ou inclinações da pele superior (cobertura), tornam as composições arquitetônicas interessantes e funcionais, já que anexos ou volumes desintegrados e/ou desnecessários aos programas foram extintos.

Quanto às peles e materialidade das mesmas, refletidas diretamente na **dimensão formal**, nota-se além do uso do concreto, da madeira, vidro e metal (predominantes nas esquadrias), a inovação da utilização de telhas onduladas de fibrocimento ou metálicas. São usados também elementos vazados como cobogós em louça, presentes nas residências Manoel Damião e João Felinto, azulejos e ladrilhos hidráulicos, revestimentos cerâmicos como os que imitam tijolinhos, usados em pelo menos quatro edificações analisadas, detalhes em madeira e pedras de diversos tipos. Nos pisos, há predominância do granilite, mármore e madeira.

Apesar da simplicidade do programa objeto de estudo (casa), é possível notar a evidente intenção de movimentar faces externas com a utilização de materiais regionais diversos, usados para maior diferenciação de planos, que por vezes são subtraídos ou sobressaem aos limites da edificação em platibandas e marquises.

Por falar em platibandas, estas ocultam os telhados em todos os exemplares estudados. Logo, é possível destacar que o princípio de teto jardim, tão defendido por Le Corbusier, não foi usado em Campina Grande, sendo este ainda pouco comum às obras brasileiras. Alguns pontos podem justificar sua ausência, tais como: alto custo e difícil manutenção de lajes impermeabilizadas, alta incidência de chuva tornando escassa sua

utilização, amplitude dos terrenos que possibilitam áreas generosas de jardins.

Sendo assim, a apropriação e utilização de materiais regionais, atestam não só a adaptação dos princípios internacionais à realidade nordestina e campinense, mas têm o condão de enriquecer essas obras por serem resultados genuínos das diversidades locais, de programas, de técnicas e de anseios sociais. Logo, denota-se ser importante herança cultural e construtiva do século XX, que pode ser adaptada às mutações do tempo sem necessariamente ser extinta ou depreciada, devido à capacidade de hospedar novos programas sem perder seus valores intrínsecos. Para tanto, sensibilização patrimonial e profissional.

Quanto à **preservação legal** e **conservação física** das mesmas, conforme amplamente discutido neste trabalho, pode-se dizer que em Campina Grande, lamentavelmente, o progresso, por vezes, alia-se à substituição, sendo este fator prejudicial à memória coletiva da população, e por consequência nocivo à história e identidade do município. Setores públicos e privados tomam como referência aspectos visuais “contemporâneos”, para imposição da imagem de cidade realmente grande. Monumentos e edifícios fazem uso de vidros espelhados e revestimentos que não se adequam ao clima e cultura da cidade paraibana.

Assim como a utilização dos princípios modernos acabaram por demolir e substituir outras linguagens arquitetônicas em Campina Grande, estes tornam-se agora substituídos, mesmo que as edificações por eles influenciadas sejam ainda eficientes, podendo resistir ao tempo com dignidade e utilidade. Contudo, a arquitetura moderna não é reconhecida como resultado técnico e cultural de tempo passado, não tão distante, que deve ser protegido e valorizado.

Logo, como consequência deste não reconhecimento, evidencia-se a descaracterização e abandono de exemplares, quando estes não são totalmente extinguidos. Nas análises realizadas, optou-se pela escolha de exemplares que ainda possam ser restaurados e protegidos, efetivamente, por ainda serem reconhecidos seus valores modernos.

Somente a Residência Sebastião Pedrosa exemplifica a depreciação deste patrimônio por meio de intervenção não compatível com suas condições física e patrimonial. Todos os outros exemplares demonstram a vulnerabilidade decorrente da situação em um bairro que atravessa mudanças em seu uso, com boa infraestrutura urbana, tornando-se alvo da especulação imobiliária, por não estarem legalmente resguardados.

QUADRO SÍNTESE						
	OBJETO	ANO	AUTOR	USO	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	PROPRIEDADE
1	RES. MANOEL DAMIÃO	1960	AUSTRO FRANÇA	RESIDENCIAL	REGULAR	PRIVADA
2	RES. SEBASTIÃO PEDROSA	1961	TERTULIANO JOSÉ EDY	SERVIÇO	DESCARACTERIZADO	PRIVADA
3	RES. JOÃO FELINTO	1962	HUGO MARQUES	RESIDENCIAL	BOM	PRIVADA
4	RES. JOSÉ ALMEIDA TORREÃO	1963	GERALDINO DUDA	RESIDENCIAL	REGULAR	PRIVADA
5	RES. GERMINIANO CRISPIM	1964	JOSÉ C. DE FIGUEIREDO	SEM USO	BOM	PRIVADA
6	RES. JOSÉ AUGUSTO	1964	GERALDINO DUDA	SEM USO	REGULAR	PRIVADA

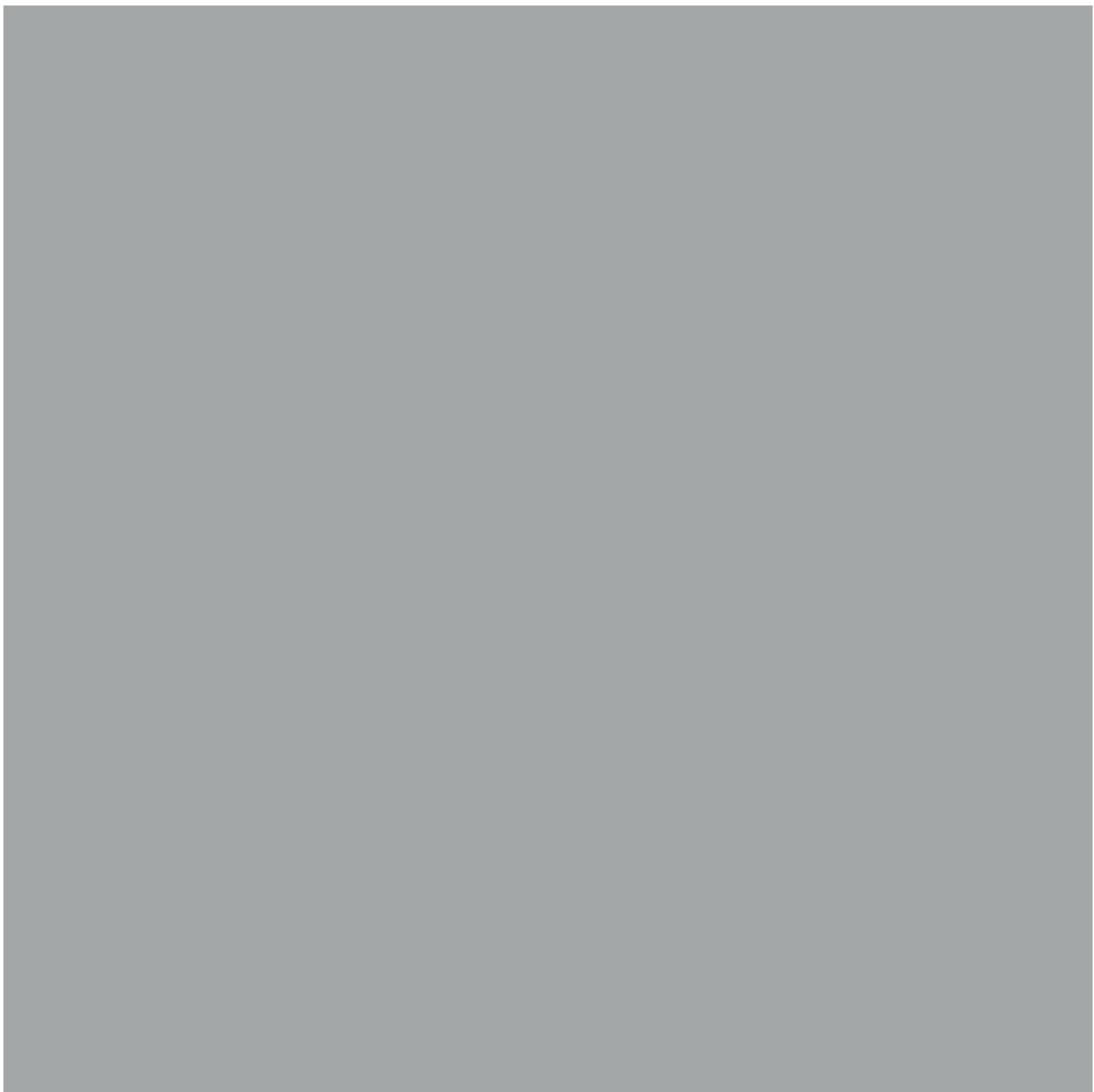
Quadro 02: Síntese de informações a respeito dos objetos estudados
 Fonte: Elaborado por Marjorie Garcia, 2018

Inúmeros exemplares já foram demolidos ou encontram-se totalmente irreconhecíveis. No decorrer desta pesquisa, outros imóveis conhecidos na fase de coleta de dados no Arquivo Municipal, se tornaram alvo do desrespeito, mesmo que seus valores tenham sido enaltecidos recentemente, como a Residência Sosthenis Silva, estudada por MENESES em 2017. Embora seja conhecida a impossibilidade do engessamento destas obras, chama-se atenção aqui para a voracidade com que o patrimônio moderno da Prata tem sido desfigurado.

Pode-se apontar como um dos agravantes, a escassez ou discreta evidência de **políticas públicas** (municipais e estaduais) preservacionistas. Indiscutivelmente, inventários, registros e tombamentos para reconhecimento destes bens junto a legislação vigente e órgãos fiscalizadores são imprescindíveis, contudo, a população precisa reconhecer e se apropriar deste patrimônio, em respeito à preservação de sua cultura e história, assim como em nome da sustentabilidade econômica, social e urbana.

Os exemplares aqui detalhados são, em sua maioria, de propriedade de idosos ou seus herdeiros. Alguns destes, enxergam maior vantagem na venda ou substituição destes bens, do que honrar com despesas e cuidados exigidos por um possível tombamento. Assim, percebe-se a necessidade de instrumentos mais efetivos, aliados à sensibilização e divulgação destes bens como patrimônio, para que conseqüentemente seja alcançada a preservação.

Para maiores informações a respeito da residência Sosthenis Silva, ver monografia: MENESES, C. As residências unifamiliares de Geraldino Duda. Um estudo sobre o morar em Campina Grande nos anos 60. Universidade Federal de Campina Grande, 2017.



CONSIDERAÇÕES FINAIS **5**

Como conclusão deste trabalho, pode-se destacar caminhos para gestão do patrimônio campinense e concreta preservação arquitetônica e cultural. **Vontade política, participação popular, políticas públicas** ativas na área patrimonial com trabalho constante de educação, **e incentivos fiscais**, tornam-se meios eficazes de estímulos aos proprietários que anseiam contribuir para com a conservação de edificações de valor patrimonial.

Atualmente, em Campina Grande, o Plano Diretor (2006) ainda vigente, demonstra-se negligente e omissivo, por restringir como Zona Especial de Interesse Cultural (ZEIC) apenas o centro histórico. O atraso de sua revisão, que deveria ter sido finalizada desde o ano de 2016, torna a problemática ainda mais complexa, uma vez que as Zonas Especiais de Preservação já poderiam ser estendidas, além da criação de outras zonas, para englobamento de patrimônios mais recentes, como o conjunto do bairro Prata.

Outro ponto relevante é a conscientização da sociedade acerca da temática, sendo a divulgação e debates ferramentas importantes na difusão de conhecimentos e princípios, ora abordados. O GRUPAL tem atuado neste sentido, promovendo exposições e palestras, bem como divulgando pesquisas em eventos científicos e acadêmicos. Sobre este tema, especificamente, envolvendo o bairro da Prata, a autora escreveu sob orientação da Prof. Alcília Afonso no último ano, os seguintes trabalhos:

- Arquitetura moderna e industrialização: o bairro da Prata nos anos 60, apresentado na XIX Jornadas Internacionales de Patrimonio Industrial, organizado pelo INCUNA, em setembro de 2017;
- A modernização da cidade de Campina Grande e o bairro da Prata nos anos 60, apresentado no II Simpósio Científico do ICOMOS BRASIL, em abril de 2018;

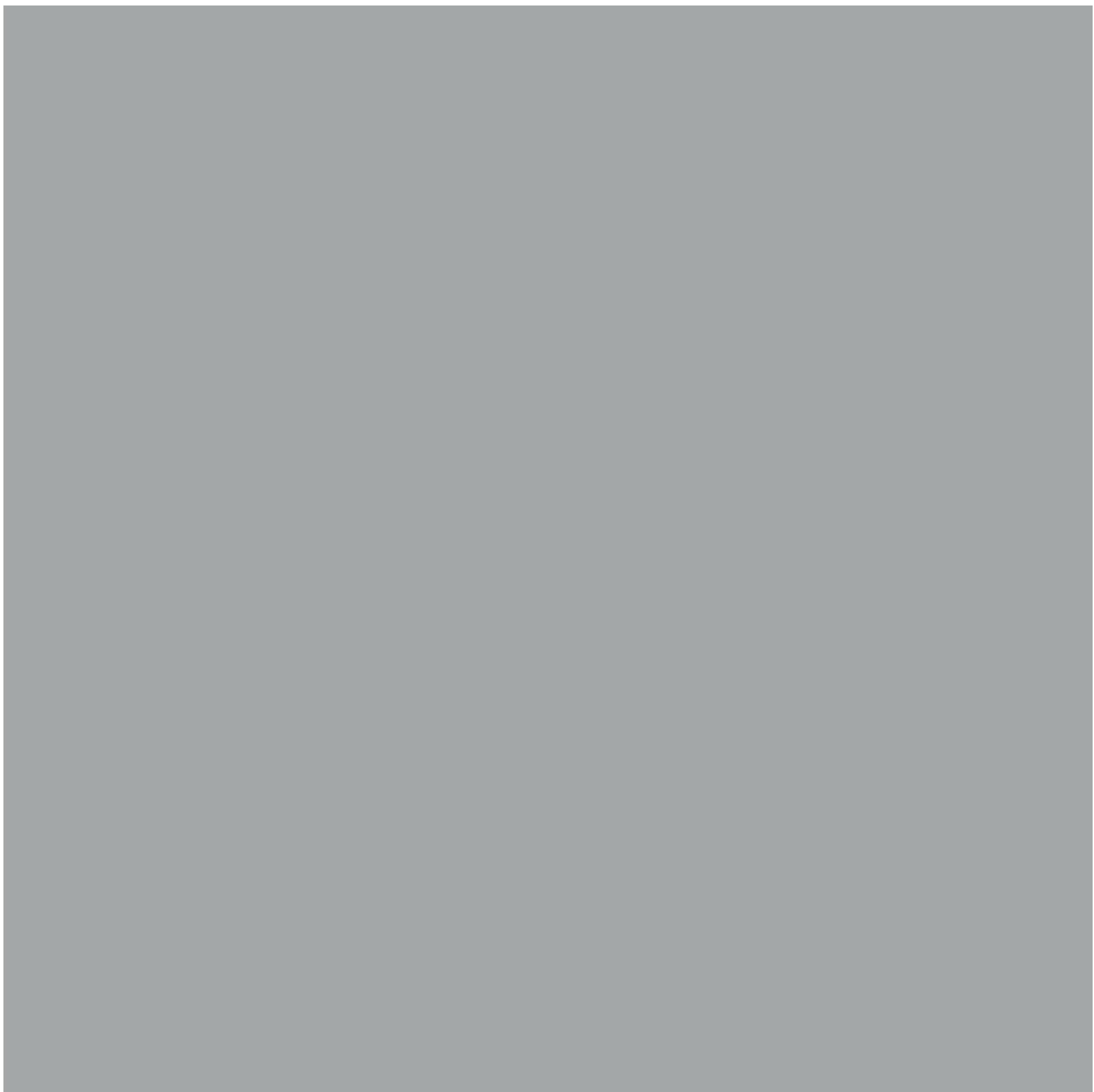
- Prata moderna: o caso da Residência Sebastião Pedrosa. Tertuliano Dionísio. 1961, também apresentado no II Simpósio Científico do ICOMOS BRASIL, em abril de 2018;

Acredita-se que trabalhos como estes possam contribuir com a preservação cultural, por fornecer subsídios para inventário da produção arquitetônica moderna do bairro da Prata, podendo assim, fazê-la vista e reconhecida pela legislação municipal e estadual. De forma semelhante têm como intuito chamar a atenção para intervenções desrespeitosas que acontecem frequentemente, ao mesmo tempo que influencia na adoção e melhoria das soluções técnico-construtivas empregadas na modernidade.

Diante do exposto é possível **concluir** que para a viabilidade da sobrevivência destes bens, necessita-se que a administração pública fiscalize e invista em alternativas como requalificações, revitalizações, e reciclagens, objetivando a renovação dos edifícios históricos. E neste sentido, políticas fiscais de reduções ou isenções de impostos, taxas e tributos que beneficiem proprietários de imóveis de valor patrimonial podem dar ainda maior eficácia à conservação. Logo, arquitetos interventores sob estes imóveis, deverão se adaptar ao mercado sustentável, respeitando o patrimônio edificado e ainda existente, tirando partido dos princípios éticos de intervenção.

As discussões não se encerram e devido ao tempo disponível para execução deste trabalho, mostrou-se apenas um pequeno número de exemplares que acrescentam informações ao acervo moderno campinense, contribuindo para o andamento e continuação das discussões, podendo este, ser ainda mais estudado e divulgado em prol de seu reconhecimento e efetiva fiscalização, ressuscitando parte da história de Campina Grande, atualmente sucumbida pela “força da grana que ergue e destrói coisas belas”³⁰.

30. Citação de Caetano Veloso fazendo referência às mudanças da paisagem paulista, em sua canção Sampa, de 1992.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, A. **La consolidación de la arquitectura moderna en Recife en los años 50.** Barcelona: tese doutoral apresentada para o departamento de projetos arquitetônicos da ETSAB/ UPC, 2006.

AFONSO, A. **A retomada da metodologia projetual moderna na contemporaneidade: projetar com critérios: a busca pela identidade.** In: PROJETAR, IV, São Paulo, 2009. Anais... São Paulo, Mackenzie, p. 1-17.

AFONSO, A.; MENESES, C. **A influência da escola do Recife na arquitetura de Campina Grande 1950-1970.** Belo Horizonte: 4º Seminário Ibero americano Arquitetura e Documentação, 2015.

AFONSO, A. **O processo de industrialização na década de 1960 e as transformações da paisagem urbana de Campina Grande. 2017.** Em rede: <https://upcommons.upc.edu/handle/2117/107530>. Acessado em: 10 nov. 2017.

AFONSO, A.; GARCIA, M. **Arquitetura moderna e industrialização: o bairro da Prata nos anos 60.** Gijón: XIX Jornadas Internacionales de Patrimonio Industrial, INCUNA, 2017.

AFONSO, A.; GARCIA, M. **A modernização**

da cidade de Campina Grande e o bairro da Prata nos anos 60. Belo Horizonte: II Simpósio Científico do ICOMOS BRASIL, 2018.

AFONSO, A.; GARCIA, M. **Prata moderna: o caso da Residência Sebastião Pedrosa. Tertuliano Dionísio.** 1961. Belo Horizonte: II Simpósio Científico do ICOMOS BRASIL, 2018.

ACAYABA, M. **Residências em São Paulo: 1957-1975.** São Paulo: Romano Guerra Editora, 2011.

ALMEIDA, Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de. **Relações socioespaciais no contexto das indústrias de calçados informais de Campina Grande: Paraíba.** João Pessoa: Dissertação de mestrado em Geografia. UFPB, 2011.

ALMEIDA, Adriana. **Arquitetura moderna residencial de Campina Grande: registros e especulações (1960-1969).** Trabalho de Conclusão de Graduação. João Pessoa, CAU/UFPB, 2007.

ALVES, Leonardo da Silva. **A industrialização incentivada do Nordeste e o caso de Campina Grande. PB. Campina Grande.** Dissertação de mestrado apresentada no Programa de pós-graduação em desenvolvimento regional. Universidade Estadual da Paraíba, 2012.

APOLINÁRIO, Otávia. **Especulação e verticalização: reflexos na paisagem do bairro da prata em campina grande-pb e o uso do georreferenciamento.** Anais do 9º Encontro latino Americano de pós-graduação e iniciação científica. UNIVAP. São José dos Campos, 2011.

ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo.** São Paulo: Romano Guerra, 2010.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil.** SP: Ed. Perspectiva, 1979.

BENEBOLO, L. **História da Arquitetura Moderna.** 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

CARVALHO, Juliano e ALMEIDA, Adriana. **Augusto Reynaldo, introdutor e difusor da arquitetura residencial moderna em Campina Grande-PB.** João Pessoa: 3º. Docomomo Norte Nordeste, 2010.

CURY, I (org). **Cartas Patrimoniais.** Rio de Janeiro: IPHAN. 3ª. Edição. 2000.

CASTRIOTA, L. **Patrimônio cultural. Conceitos, políticas, instrumentos.** São Paulo: Anablume, 2009.

CASARLADE, Flávio de Lemos. **A Pedra e o Tempo. Arquitetura como patrimônio cultural.** Editora UFMG, 2014.

COSTA, L. **Considerações sobre arte contemporânea (1940).** In: L. COSTA, Registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995, p. 245-258.

CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio.** 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, UNESP, 2006.

FRAMPTON, K. **História crítica da arquitetura moderna.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOITIA, Fernando Chueca. **Breve Historia del Urbanismo.** Madrid: Alianza Editorial, 2011.

GASTÓN, C.; ROVIRA, T. **El proyecto moderno: pautas de investigación.** Barcelona: Ediciones UPC, 2007.

GROPIUS, W. **Bauhaus: Novarquitectura.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

JOKILEHTO, Jukka. Continuity and change in recente heritage. In: OERS, R.V.; HARAGUCHI, S. (Ed.) **World Heritage papers, 5 Identification and documentation of modern heritage.** Paris: UNESCO/WHC,

2003, p. 101-109.

LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura.** 6ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

LEMOS, C. **O que é arquitetura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e desenho da cidade.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

MONTANER, J. **As formas do século XX.** Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

PIÑON, Helio. **Teoria do projeto.** Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2006.

QUEIROZ, M. **Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950).** Campina Grande: EDUFCEG, 2016.

QUEIROZ, M.; MELO, F. **Caminhos da arquitetura moderna em Campina Grande: emergência, difusão e a produção dos anos 1950.** Recife: 1º Seminário DOCOMOMO Norte e Nordeste, 2006.

SERRA, Geraldo. **Pesquisa em arquitetura e urbanismo. Guia prático para o trabalho**

de pesquisadores em pós-graduação. São Paulo: EDUSP, 2006.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas do Brasil 1900-1990.** 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

TINEM, Nelci e COTRIM, Márcio (org). **Na urdidura da modernidade. Arquitetura Moderna na Paraíba I.** João Pessoa: Editora Universitária PPGAU/UFPB, 2014.

ZANCHETTI, Silvio. **A conservação integrada e o desenvolvimento sustentável.** 2006. Em rede: <http://conservacaourbana.blogspot.com.br/2006/06/conservao-integrada-e-o.html>. Acesso em: 19 jun. 2017.

ZANCHETTI, Silvio. **A teoria contemporânea da conservação e arquitetura moderna.** Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, Olinda, 2014.





Anexo 01: Mapa Síntese. Fonte: SEPLAN, 2017
 Anexo 02: Tratamento Urbano. Fonte: SEPLAN, 2017
 Anexo 03: Zoneamento Urbano. Fonte: SEPLAN, 2017